

De homens, bichos e coisas

uma antologia de contos e novelas

Ricardo Daunt

(contos e novelas extraídos de *Homem na prateleira*,
Endereços úteis, e *Poses*)

O último dia

Pesado, longínquo, quente, obeso, alongado no horizonte de fim de tarde: o sol. Rente, rastejante, repelente, satisfeito, empanturrado, aplastado no chão: o cão. O cão peludo do chefe de polícia. Pela janela da cadeia, o retângulo de céu, as nuvens magras e primaveris. Duro, íngreme, riscado, vertical, consistente, criminoso: o muro da cadeia.

O chefe de polícia olhava o pôr-do-sol pela janela. Os últimos presos haviam sido liberados do compromisso com a lei naquela manhã.

Vazias, claras, tortas, certas, infinitas, demarcadas: as ruas. As ruas onde alguns ainda com malas às costas, célebres, temerosos, contidos, tímidos, indefesos, esperançosos: fugiam. Grudados, estáticos, inúteis, verticais, conglomerados: os prédios. Os prédios escancarados, os pisos sujos de lixo, papéis picados, latas, roupas velhas no chão, cartas, portas abertas, camas, armários, cadeiras, máquinas de lavar roupa, fogões, latas, latas de lixo, de guardar, de abrir, de fechar, latas: sem uso. Coloridos, chamativos, atônitos, contrastantes, reveladores, instigadores, obsoletos, ridículos: os anúncios nas ruas, postes, muros, prédios, paredes, lojas. Inexistentes, desconhecidos, velozes, cheios, distantes: os carros partiram repletos de pessoas sem lugar definido, pessoas pesadas, magras, aflitas, pensativas, grudadas ao volante, dissipando maus pensamentos, dissipando sinais. Inúteis, fortes, eficazes, congraçadores, humilhados, arrependidos, contrafeitos, conjuminados, conturbados, negros: os pensamentos de cada um que partia. Sem direção, sem esperança, sem função, sem condição, sem serventia, sem ilusão, sem desapego: a partida.

O cão dormitava ao pé da cadeira do gordo Harry. O molho

de chaves jogado na mesa cinza, de aço, do chefe de polícia: chaves de todos os tamanhos, chaves das celas, das portas, do portão, cópias das chaves das celas, cópias de outras chaves que eram cópias de outras cópias ali jogadas na sua mesa. Inúteis. A prisão toda aberta, sem portas mais, sem janelas mais, sem muros, somente o último dia, umas poucas horas a aguardar e depois o caos, o nada, o vazio.

Harry chamou o cão. Mole, sonolento, debochado, o cão respondeu ao chamado do dono: pulou no colo de Harry e esfregou o focinho na calça, lambeu a mão gorda do último habitante da cidade, virou o rabo varrendo o ar, meteu a cabeça entre as mãos do chefe de polícia e acabou abrindo, escancarando as pernas finas e tortas para receber o agrado de sempre. Lambeu a cara do dono, abriu a boca, grunhiu baixinho de satisfação, desemborcou e dormiu ali mesmo, sobre a pança tranqüila e fofa do policial. Dentro de quinze minutos a bomba explodiria e varreria todo o leste dos Estados Unidos. Era o que os especialistas diziam. Talvez mesmo, a bomba atingisse parte da outra metade. Mas tudo eram conjeturas. Harry desceu o corpo levemente, encostando a nuca no espaldar da cadeira. Jogou os pés sobre a mesa e abriu uma lata de cerveja. Naquela mesma hora, a mulher e os dois filhos corriam pela estrada a toda velocidade, numa luta contra o tempo e contra o medo. Corriam sem destino pensado, sem lugar definido de chegada.

Harry pegou a lata de cerveja e tomou um grande gole. A cerveja estava gelada, amiga, gratificante, como sempre.

Normal, correto, medido, despojado, indiferente, independente, incólume, definido, dimensionado: caminhava o relógio da prisão ao encontro do último tempo, do último minuto. Estagnante, repleto, fustigado, matemático, corriqueiro, andarilho: o sol, um pouco mais baixo, tocando de leve, no horizonte, a curvatura da terra.

Máquinas infernais

Entramos devagar, sem medo, com brandura. A porta de nossa casa é pesada, carregada de tempo. Range sua dor no seu movimento de raízes. Arranca do fundo do corredor comprido gritos alucinados e paixões noturnas; exala ao nos franquear a passagem o estado mórbido das coisas eternas.

Entramos sem receio. É o tempo austero que nos chama de seus confins, que nos recebe ao mesmo tempo que clama dos espaços, a nossa partida. A porta cedeu arrastando-nos para dentro de nossa casa. Uma voz aguda do fundo de suas fibras estremece nervosa toda a estrutura dos batentes. É linguagem áspera, quase desconhecida, essa que nos fala. Um dia claro e límpido entra conosco mergulhando pelos cantos escuros da casa; rivalizando, com sua força juvenil, com a luminosidade dos vitrais, e trazendo para dentro de casa nossos passos indecivos.

Estamos agora, todos da família, unidos pela mesma morte. Nos entreolhamos. Somos muito pouco frente à ubiqüidade desse tempo, mas somos fortes e arrojados. Viemos com um objetivo forte, determinados a não falhar, imbuídos da coragem necessária para concluir a tarefa. Já sabemos o que fazer. Cada um tem uma lista nas mãos; os arranjos foram feitos com antecedência e todos da família querem resolver tudo o mais depressa possível; dividir aquilo que o morto nos legou, seus restos, suas sobras, tudo o que ele possuiu em vida.

A porta de nossa casa é pesada. Dois da família se inclinam sobre ela para fechá-la novamente. Os demais aguardam.

A velha luz eterna volta a se filtrar pelos vitrais. A armadura seca da casa espira dos seus abismos de pedra o odor do corpo

do morto. Esta casa em que estamos é seu corpo, seus braços, seu coração quente. As paredes são sua pele encardida pela velhice, encarquilhada pela cal dos anos, trêmula nos minutos finais que antecederam o passatempo; o lustre de centro, sua íris cansada de tanto ver as coisas mudarem e passarem.

Um de nós vai até o interruptor.

Os mais velhos, agora sentados nas poltronas e cadeiras da sala, relembram com carinho as nobre funções cumpridas pela casa. Quantas festas naquele lugar, jantares para príncipes, bispos. Serviçais de um lado para outro, atendendo com elegância e presteza.

Os mais jovens têm lembranças mais recentes, que estancam há uma década atrás ou talvez duas, mas ainda assim experimentaram momentos de fausto e refinamento ali.

Como se obedecêssemos a um comando, olhamos para o quadro do morto, retardamos nossas vistas ali, e por instantes rememoramos o pesado esquife, o dia abafado do enterro, quando a casa mergulhou no mais profundo silêncio, só agora quebrado pelos membros da família.

Depois, lerdos, morosos, caminhamos com nossa lista de objetos pela casa, quase sem palavra. Tocamos ali, naquela hora, os intestinos do morto, seus órgãos mais íntimos. Caminhamos unidos sobre seu corpo putrefacto para levar aquilo que nos pertence; aquilo que o morto não conseguiu levar consigo.

Os degraus da escada que dá para o pavimento dos quartos vão alçando alguns de nós. Esmiuçaremos tudo: papéis velhos, caixas, gavetas, baús. Desceremos até o porão com archotes e lanternas para termos a certeza de que nada ficará, de que tudo será dividido e reaproveitado; e de que cada um de nós receberá sua parcela de nervos, de cabelos, de bílis, de unha, e de sangue. O corpo do morto está aberto para nós como nunca esteve em vida. Suas veias e artérias, suas penugens íntimas. Todas as fímbrias do seu corpo podem agora ser tocadas, remexidas, apalradas. Dividiremos tudo meticulosamente, pois esse é o espírito da família. Respeitaremos para todo o sempre suas últimas palavras e cumpriremos seus últimos desejos. Nunca o espírito da casa será abalado. Sim, agora já nos sentimos melhor. Andamos até com tranqüilidade pelo corpo inerte do

morto, tomamos posse dos móveis, quadros e pratarias da casa. Voltamos do porão com os ombros cobertos de poeira arcando ao peso de nossa coleta. O *pince-nez* do morto pertence ao decano da família, seus lenços de cambraia a um outro; a pequena colher de estanho encontrada sob seu leito de morte já tem dono certo. Somos unidos, não discutimos atitudes e aceitamos as premências de cada um.

O morto está esquartejado a nossos pés. Esticamos e recortamos as postas de sua massa orgânica; abrimos seus miolos ao meio com paciência, mergulhamos nas cavernas fétidas dos seus pulmões, aplainamos seu corpo sobre o soalho, metros e metros de sua pele esticada, todo o líquido do seu corpo, mesmo suas últimas pulsações já têm dono indiscutível.

A tarefa na nossa casa está quase finda. Vamos todos para o jardim dos fundos, visitaremos pela primeira vez os cômodos dos empregados que outrora serviram a casa.

Passos sobre a grama, sobre o mato que cresce despudorado em nossa casa à sombra da jabuticabeira. Com segurança abrimos porta por porta, gaveta por gaveta, todos os armários. Levaremos tudo, dividiremos tudo como combinado. Resta-nos agora uma única porta por abrir. Estamos exaustos de tanto subir e descer pelas células redondas e graxosas do morto. Abrimos a última porta. Nossos olhares se transformaram, são bisturis, facas, martelos, lupas, gazes que penetraram nas vísceras e entranhas do morto. Somos serrotes, cortadeiras, alavancas, garfos, facões, que retalharam a carcaça do morto. Somos panos, baldes, vasos, drenos que sugaram o sangue e a água do seu cadáver misturados com o pó fino dos seus ossos decompostos.

Com esse espírito, enfrentamos a fraca luminosidade do último cômodo dos fundos da casa. Somos britadeira, trituradora, engrenagens coesas, maquinismo indestrutível, no encaço da velha ama da família, sentada a um canto num diálogo surdo com a morte.

Pequeno cenário para Sofia

Otávio debruçou o corpo sadio sobre o parapeito da janela. Sofia vinha lá do outro lado da rua com um pacote preso aos braços uns olhinhos de chegada maduros, obesos como um bate-estacas de construção

O bate-estacas subia e descia muito bem conduzido por um homem de chapéu de ferro, botinas de borracha e um casacão de plástico impermeável

Sofia estancou em frente ao jornaleiro e enfiou o indicador fino na boca de um agora premente, necessário

Chovia forte. Chuva de verão. E as escuras bocas abertas sob o asfalto da rua, junto à calçada, não eram capazes de beber tanta água de uma vez. Na calçada, pessoas corriam, procurando fugir da chuva; algumas protegiam-se sob um toldo de bar

A pintura de seu rosto escorria, a rua era um último leito do rio inavegável e os automóveis chafurdavam ao ritmo do bate-estacas que Otávio escutava do último andar, premeditado em gesto e intenção

O troco de Sofia ficou no bolso direito do mantô, porque era muito mais próprio e mais fino jogá-lo assim como veio, do que separar papel e moedinhas embrulhadinhas para distribuí-las pelos compartimentos da carteira de crocodilo

Roberto se aproximava pela outra calçada, pim-bom; ouvia ao longe o bate-estacas. Gostava de evitar o corriqueiro, o dia-a-dia que todos faziam esforço para se apegar, para não se desfazer nunca. Preferia visitar os amigos em horas não muito propícias para visita, e ao vê-la do outro lado da rua, se sentia já o invasor, o espião bem sucedido

Via o corpo delgado de Sofia, aquela moldura bem composta de aventura e prazer; porque para ele, Roberto, as coisas se firmavam claramente em dois planos: o acaso, sempre fluido, e a rotina inapelável -- que era o mundo do rigor determinista

Sofia estava ali, palpável. Roberto não iria gritar pelo seu nome nem tentar alcança-la. Era bom vê-la com as compras voltando para casa. Isso era a vida dela, um certo costume arraigado no fazer as coisas. Sofia mantinha as mãos dentro do mantô; a gola levemente levantada, um jeito certo de se esconder do desagradável: uma vida controlada e medida. Sofia parecia um frasco de perfume, pensou. Enquanto o pim-bom continuava, agora um pouco mais forte e o homem, de chapéu de ferro com o rosto pingando, comandava a alavanca do bate-estacas, movendo o peso para cima e para baixo; Roberto procurava acender um cigarro

Sofia troca os pacotes de braço e segura a fivela do mantô como um oficial decidido, como se um fotógrafo da Vogue quisesse perpetuar o momento na revista. O casaco lhe aderiu à pele clara, ao vestido claro que a protegia do mundo, do resto que não lhe dizia respeito

Roberto acendeu por fim o cigarro. Voltou a fixar os olhos em Sofia

Sofia dobrou a revista de modas e guardou na bolsa também de crocodilo

Roberto exala o fumo delicado do seu cigarro americano. Gostaria que ela não desse por ele do outro lado da rua

Otávio ouvia forte o pim-bom do bate-estacas. Sua cabeça parecia querer explodir. Tinha medo do que iria fazer. Pela primeira vez na vida teve medo de alguma coisa e sentia se desprender do corpo um certo halo de amor à vida. Naquele momento, quando toda a história -- a sua história -- iria se concretizar, ganhar um arremate inesperado e final, Otávio percebia que algo importante ficara para trás. O vento esvoaçava as cortinas e voltava forte espancando o parapeito da janela e as suas costas. Algo permanecera no vácuo e não fora tocado pelo vento. Desejo de se voltar e ver a vida toda passada a limpo, num relance, mas um medo de tudo ver o imobilizava na janela

Pim-bom, responde o bate-estacas a tudo; aos carros, às grossas gotas de chuva, ao irreparável do momento

Sofia: o pé direito do seu sapato de cromo, depois de agradável pirueta, sobrepujou a guia da calçada e pousou no asfalto da rua, acompanhado pelo movimento displicente e sinuoso dos quadris, pelo tilintar das moedas que saltaram do embrulhinho de notas mirradas, e seus cabelos ainda não encharcados de todo saltaram unidos em câmera lenta para cima, para um lado e voltaram irrepreensivelmente paralelos, fio a fio, caindo sobre a gola do mantô, num alinhamento tão esportivo que parecia estudo de cabeleireiro. Sofia vencera a primeira poça de água. Esperava agora que um carro a velocidade certa, medida, saísse do seu caminho e portanto, quase figura de encantamento, curvava-se levemente abrindo alas para ele, procurando deter um outro que se apressara um pouco mais, buscando empregar um pouco mais de harmonia ao fluxo contínuo de carros que passava ao seu lado

Otávio: olhava o mundo, ouvia seu coração apressado à espera do momento. A vista do último andar era invulgar. Árvores dos bairros de elite mostravam suas copas, imensos edifícios em construção surgiam no horizonte como uma muralha a protegê-lo, como um mar calmo que cobre um fundo de baía e onde ele sempre negociava com sucesso. À noite, as luzes dos automóveis formavam nítida corrente colorida que

percorria as grandes arterias e mergulhava pelos buracos da muralha. De madrugada, Otávio ia até a janela, e a cidade cheia de pontinhos luminosos revestia-se de solene religiosidade. O imenso oráculo ouvia suas preces. Na manhã quente do outro dia, recendendo a lavanda, Otávio saía vitorioso. O mundo lhe dissera sim

Roberto: esticou o pescoço sobre os carros. Lá estava ela, envolta ainda na luta da travessia. Lá estava ela olhando um carro branco boiando no asfalto, furando as poças de água com a borracha punctiforme das suas rodas, com seu limpador de pára-brisas fazendo não e não, sim e sim, de um lado para o outro enquanto o ruído do bate-estacas chega até os ouvidos de Otávio

Sofia: lá estava ela preparando-se mais uma vez para interromper a corrente elástica de automóveis na chuva, automóveis dirigidos por homens nervosos, irritáveis, com suas janelas fechadas, o limpador de pára-brisas dizendo sim Sofia, não Sofia, Agora não, agora sim; homens que se debruçavam também, saindo do seu amargor para vê-la tão aflita, e tão linda, o mantô tão ajustado ao corpo, um conjunto escolhido com apuro e que marcava seus quadris já que o cinto do mesmo tecido com fivela dourada, estreitava sua cintura, dava-lhe aplomb como a mãe velha sempre gostava de pronunciar. Sim Sofia, não Sofia diziam os carros e Sofia ouvia a tudo com os lábios entreabertos, os dedos já contorcendo a fivela do mantô, uma pequena ruguinha na testa que às vezes se dispersava na esperança e às vezes franzia-se mais, num contrair e descontraír da musculatura do rosto no ritmo do bate-estacas pim-bom que continuava sem cessar; e os carros avançavam na chuva, muito embora ela estivesse ali, sim Sofia, não Sofia, enquanto trocava olhares mais melancólicos com os pedregulhos que vinham e iam, visitavam as construções, voltavam à corrente de automóveis, entravam e saíam livremente das poças, e às vezes, com tudo isto, ainda um olhar manso e sereno de um motorista grudado ao volante de sua formidável má-quina.

Roberto: ainda olhando, matando um pouco o tempo, Sofia

sob controle, seu raio de ação. Não importava a chuva caindo assim tão forte sobre seus cabelos ralos. Não importava Otávio: o desespero no rosto, nas mãos cravadas de angústia; o medo perpassando o corpo todo pim-bom

Roberto: resolve atravessar a rua. Tem sucesso. Grudado à banca de jornais, finge interesse pelas revistas, como se o jornalista soubesse de tudo. Sim Sofia, não Sofia. Sofia: surpreendida pela chuva torrencial nestes passos restantes, neste novelo de lã de uma vida que ela como ninguém conhece as pontas. Dá nó firme nas amarras entre o sofá e a mesa, entre as visitas no meio de semana e a fruição lenta dos fins de semana. E tudo escorre sob os olhares agraciados de Otávio, Otávio no parapeito da janela, uma profusão de dedos emaranhados na maçaneta, a cabeça pendendo triangular

Otávio: gostava de ginástica. Ela tocava os aparelhos como se tudo aquilo queimasse. Otávio gracejava na sua imensidão. Retesava os músculos, contraía os bíceps e decidido, sem paixão, dispensava o telejornal, o livro de cabeceira e ia fazer amor. Sofia entrava no quarto nos braços de Otávio. Mordia seu pescoço entre gritinhos e sussurros. Ele, o metal; ela, a corda

Roberto: compra o Time para levar para casa e ler às duas da manhã ou não ler e deixar jogado na cesta de revistas ou do lado da privada do banheiro. Lê a manchete do Time. O bate-estacas continua pim-bom. Tira os olhos da revista. Vinte metros adiante, Sofia. Sofia e outros tantos metros inamovíveis de rua alagada, de carros; esta corrente que atravessa túneis telúricos, cospe fuligem nas calçadas, rostos, árvores, cortinas, telhados, ar. Um carro, um homem, uma porta. Uma janela embaçada, uma cor, uma mansidão de rebanhos bem pastoreado, uma placa ímpar, um táxi, sim Sofia, não Sofia, pensa Roberto como se estivesse silabando, aqueles cabelos dela tão perfumados, molhados

Otávio: viajava às vezes. Sempre em busca de bons negócios. Três, quatro dias. Inverno, verão, primavera, outono não importava: um lugar diferente, um compromisso diferente.

Quando ele voltava, Sofia o chamava de meu herói. Ele a olhava encantado, o peito estufado

Roberto: agora o Time protegendo a cabeça e uma vontade de meses e meses sempre resolvida nas viagens de Otávio. Mas houve a doença de dona Madalena, mãe de Sofia, o importuno da vida, os telefonemas falsamente afetivos para saber como ia indo a velha e sobretudo para saber quando Otávio viajaria. Sofia abatida. Passou. Morreu a velha numa sexta-feira. Sofia logo esqueceu e voltou a sorrir, sem pesadelos. Otávio reativou os negócios, voltando a viajar com frequência. Bons acordos, mais dinheiro. Roberto: fuma mais um cigarro, crime para os seus pulmões que nem sempre andam bem; uma tosse rouquenha, um pouco de falta de ar, a cura nas bebedeiras de solteiro convicto. As visitas pela tarde a qualquer hora, sem motivo, mesmo em dia de chuva, dia feio

Sofia: sim e não, sim Sofia, não Sofia, são sete metros contados para chegar até o outro lado da rua, suas meias molhadas, um pouco caídas, meias que você estica com esmero e apuro; a barra do vestido suja de lama, a gola intuitivamente levantada em sinal de desaprovação, o rosto branco adernando com a chuva, com o vento que faz tão mal para os cabelos, resseca como borracha ao sol, como as rugas mal disfarçadas nos rostos dos motoristas que querem chegar logo em casa e esquecer. Sim Sofia, não Sofia, seus trejeitos escarafunchando o peito de Roberto que se fazia de brinquedo novo, que ria de si e da situação que vocês souberam criar

Roberto: chega mais perto de Sofia. Tira da memória recente aquele corpo envolto em mantô e retira dele as plumas e roupa desnecessárias. Sofia nua. Lembra também da briga de Otávio com o irmão mais velho, divorciado e cheio de dedos e lascívia para com Sofia. O murro certo de Otávio liquidou o assunto. Comentou-se depois que o irmão não valia nada, um crápula. Otávio deixara escapar. Roberto lembra de relance os fins de semana, quando saíam de barco e ele era o coringa. Um dia o barco quebrou. Ele e Sofia ficaram num banco do clube esperando que Otávio resolvesse o problema do barco. Duas

horas depois, dedos cheios de graxa, a vitória no rosto, chegava Otávio, garantindo que ele, Roberto, teria dentro de alguns minutos três litros de martini a bordo. Sofia sorria a tudo que o marido dizia, balançava as pernas olhando ao longe os velames dos barcos que se identificavam como cartões de visita na festa de cada dia. Sofia ajeitava os cabelos ralos de Roberto como boa irmã. Ele, que era um bibelô de estimação, um cãozinho bem treinado aos olhos de Otávio, e um leão, um ás perfeito, nas ausências do marido

Otávio: agarrado ao parapeito da janela, um leve torpor na ação, uma embriaguez, sutil aceno da vida, ainda

Otávio ainda: com a cabeça caída pressionando o queixo contra o peito forte, as mãos agarradas à última murada, à última barra de ginástica, à última série de abdominais. Sim Sofia, não Sofia. E que para Roberto fariam o mesmo que um litro de ácido sulfúrico com soda cáustica, mas que para Otávio eram prenúncio do costumeiro sorriso de vitória. Consegui, exclamava ele depois de uma série de exercícios puxados. Erguia-se do tapete e encarava a empregada que passava o aspirador

Sofia: são sete metros de ilhas virgens rodeadas de perigos

Roberto: percebe pela primeira vez Otávio na janela. Um dia, naquele mesmo lugar, Otávio lhe dissera: veja isto aqui, tudo isto que você está vendo é a minha cidade. Você devia acabar com essa mania de querer morar em São Francisco. Isto aqui -- e Roberto sentia seu cheiro animal -- isto aqui é tudo seu. É só pegar

Roberto ainda: estranho Otávio em casa a esta hora

Otávio: são quinze andares, quinze janelas embaçadas, atrás delas, pessoas que não podem sair; que se sentem presas. Gente que solta hálitos azedos nas vidraças e resmunga com a empregada

Sofia: como não haveria de se chamar Maria? a empregada. Mas você evitava, sempre buscou evitar o vulgar, o comum. Teu novelo de sete metros ia até ela, até o indivíduo encabrestado, mecanizado dela e dizia: Mary, venha cá. Mary! Mary! Não é assim. Mary! vá buscar gelo para o Dr. Roberto. E você olhava em meio ao tricô interminável da vida, olhava à tua volta e via Roberto e depois do jantar, dizia: é agora, estamos sós. E Roberto ria, ria da espera, ria de Otávio e de você

Sofia ainda: a pobre empregada parecia um adorno da casa colocado no lugar errado, uma rosca dos ferros pesados de Otávio, uma barra feita para bater no chão para dar maior capacidade de distensão, como Otávio conseguia dizer. Sim Sofia, não Sofia, pim-bom. Nem sempre é como você gostaria que fosse

Otávio: não viaja mais, nunca mais. Nem nesta semana, nem na outra

Sofia: é tempo de arrancar as máscaras. Olhe para o teu edifício, olhe para a última janela, a mais bela, a mais segura do mundo e veja que Otávio não está mais lá. Sim, Sofia, é hora do homem do bate-estacas parar com o trabalho pim-bom

Roberto: você vê toda a cena: Otávio despencando, agora estirado na rua. Um segundo apenas. Corre em direção a Sofia

Sofia: você ainda não percebeu. Procura alcançar a outra calçada, vencer os elos devastadores que tramam pela primeira vez contra você. (Vacila entre o que tem e o que deseja.) Sim, Sofia, olhe para o andar que é só teu e veja uma janela aberta, a cortina esvoaçando como pássaro rebelde e peça, suplique agora para que os carros parem, para que tudo cesse, para que tudo um dia volte a ser como antes

Sofia ainda: a calçada lavada de sangue. Pessoas se aproximam assustadas. Sofia percebe, segura o passo buscando compreender, acreditar

Roberto: procura alcançá-la. Atira o Time longe

Roberto ainda: um nojo súbito, o rosto disforme, a cabeça aberta, o cenário que só pertence a Sofia

Sofia: feche a janela da tua casa vazia

Homem na prateleira

Magda, alemã, quinze anos de Brasil, uma pequena pensão de oito quartos. Café da manhã incluído no preço. Sem almoço, sem jantar. Roupa lavada, quarto arrumado, banho quando quiser, proibidas as visitas femininas, telefonemas custam dois cruzeiros, mas não pode abusar. Aparelho trancado a cadeado. Pagamento adiantado, cada hóspede com sua chave, pois todos são pessoas de bem, adultos, trabalhadores, ou estudantes de cursinho que vieram do interior.

De posse destas informações, obtidas através de um terceiro, Rolando apertou a campainha da pensão. Nome completo dele: Rolando Barnes, solteiro, quarenta anos, sem formação universitária, representante de uma fábrica do nordeste que produzia pias de alumínio para bares, lanchonetes, restaurantes, e mesmo particulares, dependendo das dimensões da cozinha.

De posse destas informações, Magda, sessenta e três anos, uma fala ríspida e econômica, trajando um vestido de algodão com florzinhas, um lenço branco amassado entre os dedos, deu permissão para Rolando ocupar o quarto número dois. Um bom quarto com mesa de cabeceira ao lado da cama, armário de imbuia, cama macia com colcha de chenile amarela, vaso com

flores de plástico sobre uma pequena mesinha ao lado do armário, e uma cadeira. Janela com duas portas abrindo para dentro, vista para uma alameda arborizada. Rua calma, casas antigas assobradadas, árvores entrelaçando seus galhos pelos fios de eletricidade em perfeita harmonia.

Rolando saiu da janela e largou o corpo na cama, afrouxando o nó da gravata. Dali, ouvia passos da dona da pensão e o ruído lento dos carros que passavam pela sua janela. Fixou os olhos no teto. Pequeno lustre em forma de cuia, preso por quatro correntes, despejava uma luz amarelenta pelo quarto. O teto tinha a pintura descascada e teias de aranha nos cantos. Paz, foi a primeira coisa que lhe veio à cabeça e que desejou para si próprio. Para Rolando, a nova pensão assinalava o começo de uma nova época em sua vida, uma época certamente de calma, onde ele administraria com acerto seu pequeno negócio de representação.

No dia seguinte, sábado, depois de um bom sono, é que Rolando resolveu desfazer a mala. Tirou as camisas, dobrou-as novamente e guardou na gaveta do armário. Tirou as calças, pendurou-as com cuidado nos cabides disponíveis, depois os lenços, as meias, as cuecas e as guardou numa gaveta. Abriu uma caixa de papelão, retirou o sapato novo com sola de borracha e o guardou no chão do armário. Se instalara.

Transcorrida a primeira semana, Rolando começou a notar que emagrecera. Seus ternos não lhe serviam mais, as camisas também não. Até a cama parecia que crescera de tamanho. Mas isso não abalou seu otimismo. Mandou apertar os ternos e ajustar as camisas.

Quando o trabalho do alfaiate terminou, Rolando verificou com espanto que nem mesmo depois de apertados, ternos e camisas lhe caíam bem. O sapato novo, comprado na medida exata dos seus pés, parecia dois números maior. A calça velha, que usava quando ficava em casa, ele já precisava amarrar na cintura para que não caísse. Seu comprimento parecia ter sido propositadamente alterado para satisfazer um homem muito maior do que ele, e Rolando não podia escamotear esse defeito, simplesmente puxando a calça para cima. Dobrava duas, três vezes a barra, usando alfinetes, mas o procedimento resultava inútil, já que a bainha, grossa e larga, lhe dava ares de anão.

Comprou roupas novas. Roupas de criança.

Magda, com seus afazeres, não parecia notar qualquer diferença.

Assustado, Rolando verificava que encolhia, encolhia em todas as suas partes, de todas as direções: já não conseguia sair da cama sem um pequeno salto. Mal alcançava o resgistro de água do chuveiro. A privada parecia enorme; ele se sentava sobre ela com cuidado exagerado com medo de cair no vaso. Suas mãozinhas seguravam trêmulas as bordas da privada.

Quando voltava para o quarto, era-lhe difícil alçar o diminuto corpo até a cama. Mesmo usando a caixa de sapatos como degrau, tinha que procurar dar grande impulso, o que conseguia fazendo alavanca com os braços pequenos sobre o estrado da cama.

De noite, rolava, rolava na cama e sua superfície imensa não parecia ter fim. Passou a fazer o travesseiro de cama e a cama de quarto. Bastava de sobra.

De dia, o corpo agigantado de dona Magda aparecia sob a alta porta do quarto. A alemã espiava tudo, dizia-lhe bom dia com sua voz forte e sonora, que quase rompia seus tímpanos, batendo em seguida a porta e indo embora naquele passo arrastado, que fazia ranger as tábuas do chão e as paredes da casa. Rolando não podia mais sair do quarto. Fazia suas necessidades numa tampinha de garrafa de cerveja que encontrara debaixo da cama, e que a custo conseguira mover e desemborcar. Comia farelos de pão e bebia água da chuva que ficava empoçada nos cantos. Tinha medo de baratas e ratos. As moscas, assustavam-no com seu bater frenético de asas e seu zumbido demoníaco. Por medo dos insetos, resolveu se transferir novamente para a cama. Durante dias preparou a grande escalada. Lá em cima, longe do chão, poderia se defender melhor, cobrindo sua nudez com uma ponta da fronha.

Começou a subir. Da tampa da cerveja, pulou para uma caixa de fósforos. Da caixa de fósforos, subiu agarrando-se às fibras de uma meia de nylon até a fivela dourada do seu sapato. Rastejando, chegou até a extremidade mole da pala que protege o peito do pé e vislumbrou aterrorizado o abismo imenso e

escuro do interior do sapato. Da tampa da caixa de papelão fez um escorregador invertido. Agarrado às nódoas e a alguns grampos que sobressaíam perigosos da tampa, chegou até a borda da caixa. Dali, poderia agarrar-se a uma ponta da colcha e subir até a cama, seu planalto definitivo.

Cansado, extenuado, Rolando equilibrava-se sobre a borda da caixa, procurando, pouco a pouco, dar a volta completa em torno dela e chegar até as proximidades da cama.

Mas Rolando tropeçou e caiu. Não suportando os vinte centímetros de queda livre, desmaiou sobre o fundo da caixa, seu pequeno corpinho estirado e imóvel.

Magda, alemã, sessenta e três anos, entrou no quarto, fechou a caixa, fazendo um pequeno furinho na tampa com um grampo de cabelo. E a levou consigo, depositando-a caixa sobre uma prateleira onde, enfileiradas, estavam outras caixas de igual tamanho. Todo dia ela fazia a ronda, abrindo uma frestinha na tampa para ver como seus hóspedes iam passando. Rolando a olhava assustado, aquela boca abissal se movendo lentamente pela fresta, aqueles olhos sem cor cravados num rosto de rugas profundas como o leito seco dos rios.

Quadro familiar

Um menino ali? O rosto aparecendo num repente por entre as vigas da construção: feições de descobridor. Usava um gorro que desmesurava a cabeça por força de estar mal colocado, dando-lhe outra proporção aos ombros e braços. Que idade? Uns oito, que é a época em que a cara traz as primeiras farpas do enredo, onde figuram ansiedades que os adultos teimam compreender. Aos trinta surgem os primeiros travos na boca, os esgares, caracteres particulares, individualizados. Vamos um pouco mais longe e teremos um homem de quarenta e tantos anos, maduro, grossas sobrancelhas travando-lhe a testa, tipo peninsular, pele muito alva, olhos claros que examinam nervosos o prumo da parede, o reboco em preparo, o cronograma da obra, o pedido de material.

Hoje é domingo. Pelos espaços incompletos da construção a navalha de frio ferindo as lápides, umidade nas frinchas e vãos, garganta seca que pigarreia sem cessar. O homem maduro tem as mãos protegidas por luvas ainda novas, com pouco uso. Jeito ridículo de guardar as mãos construtoras na desproporção de um dia de folga? Um certo descomedimento no agasalho domingueiro, modos de desibernado. Uma das mãos segura o abstrato da engenharia do prédio, traceja no ar o futuro, vultuando detalhes acerca do acabamento e da finalização. A

outra mão traz a musculatura distendida. Tange temerosa, sem costume, um menino de traços brutos, desenvolvido, ao que parece, no mimetismo estabelecido com o pai.

Não pertencem ao menino aquelas paixões, nem aquela linguagem: mas ele ouve, guardando para si partes de cada frase, palavras que isoladas rolam no cérebro em busca de significado. Insatisfeito com o relato, que lhe é impingido, o menino cria outro, diferente. Que guarda para si. Talvez nessas palavras que enrosca no carretel da mente, o pai surja fantasiado e em dimensão muito diferente da verdadeira. Que tamanho e que força possui um homem para fazer, como o pai, casas tão grandes e tão altas?

Mas ele ouve, às vezes encontrando num alheamento suave não mais a vocação que o pai asseverou gravemente, apaixonadamente, mas apenas a mão dentro da luva, apenas no ar. Subindo à frente as escadas de concreto feito mariposa siscando paradeiro. E sem compreender as severas regras da transformação da matéria, olha desolado a argamassa que se repete a cada patamar. Colunas retangulares na beira de um precipício, o buraco por onde subirá o elevador, a laje que cobre cada andar. A cozinha, os banheiros, os quartos, as salas, tanta coisa ainda por fazer, que a arquitetura reservou em papel próprio e que o mestre de obras, um homem como o pai, fará cumprir à risca. É isso a construção?, talvez perguntasse, se não estivesse agora preocupado em desabotoar o colarinho pespegando a pele sob o queixo.

O jorro verbal do homem cede lugar aos ecos da memória. Ele silencia e por um curto momento assoma um vozerio de homens martelando as formas que infringirão à matéria indolente seu contorno definitivo. Como serra elétrica esfarinhando a madeira e crescendo nos ouvidos, um elenco de sons adiciona-se como unguento depositado sobre machucadura. Advém uma orquestração sem ninguém na batuta. Súbito a idéia adquire modos de fantasmagoria. Em estado de alerta ele retira a luva de uma das mãos e espanja o ar. O filho acha graça e sua luminosidade adverte o pai, que toca em seus ombros. A criança, ao contrário, não obedece prontamente ao apelo, nem responde de imediato ao toque. Antes ondula-se numa demonstração de corpo liberto, até que a consciência das mãos o

apacenta. O botão do colarinho nega-se ao manuseio, colado ao pescoço, mas acaba cedendo, não como esperado: salta da garganta e mergulha num salto na poalha que brilha no piso.

Procura recompor o filho, cata o botão na laje, à sua volta as vozes deslizam como musgo pelos sentidos, errando nos vigamentos, vindo de baixo alçadas pelas escadas, vibrando de cima e rodeando-o como se hoje fosse segunda-feira. Sem os trajes próprios que o ofício exige, e visto que uma criança de pouca idade não deve acompanhar de tão perto a dureza de uma construção, a realidade rescalda cada avantesma, que foge assustada, o rabo de som se esgueira furtivamente e desaparece. Ficam ali apenas ele e o menino.

Ele e o menino no último andar da construção, escoras sustentam o teto, todo o sopro da matéria em sua mais funda ânsia de verticalização. Boca de palco para os padrões vizinhos, babilônia ainda vazia, oca, no aguardo do chamamento dos querubins que lotearão os desencontros e negociarão a longo prazo o inferno urbano.

Mas o pai não pensa nisso, examina o molde da escada, sente com as mãos calejadas a firmeza do esquadro, num gesto esbanjado de dedos escorrega a contra-pelo na madeira, as farpas arrepiadas do pinho. O menino trai a curiosidade, recobra interesse, imita o movimento do adulto, o pai torna a reter a mão do garoto entre os seus dedos, volta-se e gira o pescoço acompanhando com os olhos, por cima da cabeça do filho.

Vê um rabo de céu, ao norte da construção, carregado de nuvens escuras, à direita e ao sul, mais limpo. Ao fundo, entre dois prédios, como papel colorido debruçado em escaninho, uma tira azul, limpa feito painel recém-pintado, mas pouco larga. Abafada entre os muros. A cidade mudou, ele pensa e pensando joga as mãos em punho nos bolsos do casaco. Como se viesse do fundo de um poço, uma dança de latas sobe do térreo, parecendo sacolejo de metais em buraqueira de rua. Não há meios de encontrar a autoria do som. Depois o tintilar toma contorno de guizo coeso, coisa estranha, zunindo de um lado a outro depressinha, agilidade de bala, um homem xinga e a voz termina em grunhido, aplacando o rumor.

Tudo quieto, como se houvesse um corte bem fundo no tempo -- e sem a junção das partes temporais as coisas

descambam na forma, o talho de silêncio esgarça os modos das coisas, sim. Podia chover agora que os pingos ficariam presos no espaço, como berro atado por corda tesa. Podia trovoar e relampejar que o ínfimo do tempo apagava o brilho e despejava véu de gelo sobre tudo, tampava com rolha a vibração que conjurava esse a olhar o de cima com cautela redobrada.

O dia era domingo, dia de paramentos. O pai lembrou-se da comida, olhou com afeto a lancheira que a mulher lhe entregara naquela manhã, sacudiu a garrafa térmica. Do jeito que o líquido mexia no interior, não era água, nem café. Mais provável ser leite com café. Desembrulhou os sanduíches. Eram de ovo, os dois. Repartiu. O filho pegou o seu, deixou-se ficar observando a folha amarela sobrando nas bordas do pão. Cheiro azedo de comida enclausurada.

A comida sobejava na boca à primeira dentada.

Tinha o queixo do pai, talhado em base reta de forma a unir as órbitas dos olhos, a testa um pouco saltada. Mas tinha a pele da mãe, que era morena; e as mãos do pai. Os ombros eram dela, um pouco caídos. Era assim uma mistura de traços. No entanto, se alguém os visse naquela hora, sob o teto de cimento, diria que um era parente do outro.

Os dois se agacharam, o adulto num soco curvou o tronco, com o apoio somente da perna direita. A esquerda, sempre distendida, ajeitou-se ao longo do chão, a barra da calça borrando-se de poeira de cimento. O menino calcou os joelhos na pedra. Desequilibrado cedeu o corpo, ficando os dois muito próximos. Uma tábua esquecida servia de aparador para a lancheira e a garrafa térmica. O pai mordida com vagar enquanto explicava que provavelmente no dia seguinte começariam a erguer as paredes do último andar. Antes, faziam uma limpeza em regra naquele chão. Chamava a atenção do filho para os andares inferiores, o piso já limpo, paredes até o teto. Janelas bem largas, que seriam de alumínio e que teriam persianas de correr, quando pronto o prédio. As argolas fixas no chão eram para firmar as estacas do andaime. Depois que erguessem as paredes, quando chegasse a fase de acabamento, as argolas desapareceriam. E os andaimes subiriam mais um pouco. O dedo indicador despregado do copo de plástico apontava sempre para o alto. O filho tirou os olhos do sanduíche, tentou adivinhar

onde tudo aquilo ia parar. Lembrou que o pai informara que aquele seria o último pavimento. Na parte de cima, a casa das máquinas, a caixa de água e um cômodo pequeno, para o zelador e a família.

Ficaria bonito o prédio, ele jurava estalando os dedos. Pena o desgosto de tanto edifício perto roubando a vista.

O pai terminou de comer e se levantou, seu corpo reclamando do desconforto. Por vezes, nessas ocasiões, o sangue espanhol cobrava do brasileiro a siesta, como se fosse direito natural que não pudesse jamais abdicar. O Espanhol, como todos o chamavam, nunca teve condições de satisfazer os ditames do sangue, mesmo que no íntimo, e com muita frequência, lembrasse dos pais, hoje já mortos, deitados sobre o velho estrado, ainda de madeira de lei, após o almoço. E ele na casa em Itaquera, sem vontade de perpetuar o hábito, ia para o quintal olhar as ferramentas da precária marcenaria que o pai dirigia. Quando o velho se foi dessa para outra e a mãe feneceu em seguida, ele já sabia os rudimentos do ofício. Mas a perda da pequena casa levou-o à construção civil. Jovem, ainda, tornou-se mestre de obras, o sangue de imigrante auxiliando-o nas questões em que o pulso e a energia deviam se impor sobre os desmandos da mão de obra. Só teve um arrependimento: o de não ter aceitado a proposta de construir Brasília.

Depois da decisão tomada, quis retroceder, sentindo-se afeminado pelos temores da mulher, mas uma vez mais o sangue espanhol a correr em suas veias ordenou-lhe que não voltasse atrás. Que a decisão, certa ou errada, já havia sido tomada. Ficou em São Paulo. Ali que o filho nasceu.

Por essa época ele já não se lembrava mais de Brasília. Quando encontrava algum conhecido que havia sido candango de Juscelino, não perguntava nem inquiria sobre o sucedido. Encontrava outros rumos para a conversa. Certa vez, até, conseguiu trabalho para um que a bebida tresvariou e que tinha recebido medalha em Brasília. O peso do metal furando o pano da camisa mudou a trajetória da vida do homem, argumentava. E encerrava o assunto afirmando em tom de pergunta: não é a casa uma prova de que sabia governar a própria vida?

A casa era testemunho mudo e argumento maior. Nos seus três cômodos, além da cozinha e do galpãozinho, um quintal e

um pequeno jardim na frente, construção simples mas acabada. E com todas as prestações pagas. Tudo isso confirmava o tirocínio do Espanhol, ou não? Nos fundos, onde ele construiu um depósito com utensílios de marcenaria, passava às vezes as tardes de sábado, o filho rondando. Mas se o coração apertava quando riscava-se na retina qualquer semelhança com a marcenaria de Itaquera, logo encontrava algo que dessemelhasse, impunha ordem no balcão e corria o filho para a casa: que estudasse, para não ser operário. E se naquele domingo visitava com o filho a construção, era mais para historiar um pouco suas lutas e batalhas travadas que, propriamente, aliciá-lo para a profissão. Não, não queria que o filho recebesse de herança seus calos na mão, embora se orgulhasse deles.

Carregando consigo esse paradoxo, revolvido em muito saibro e muitos quilos de areia, veio à tona das profundezas em que mergulhara, devastando o redor na esperança de um atalho que o levasse de volta ao filho, ou ao que a criança representasse. Seco de idéias, ansiou que o menino dissesse algo, inscrevesse naquela folha branca de cal uma palavra salvadora. Inútil. Apenas o frio renitente cravando falanges nos cantos, rosnando e açoitando a pele da argamassa. Quando deparou a carantonha quase feia da criança, com aquela mistura infeliz de traços do pai e da mãe, resolveu precipitar a partida. Antes porém o Espanhol acendeu um cigarro, encontrando coragem para examinar tudo como se fosse a última impressão que registrasse em vida. Ao seu lado, o menino pedia com os olhos para ir embora, não havia mais o que fazer ali. Cansado, escorava-se nas paredes, demonstrando um fastio evidente. Com o rosto virado, tocando a pedra, encenava seu desagrado, girando em torno do corpo como piorra que perde o impulso antes do baque, ou que foi mal lançada.

Tragou a fumaça, alisou a roupa e fez sinal para o filho. O corpo queimando na hora da partida como fonalha soprada por mil bocas. A fantasmagoria das gentes labutando voltou: homens no andaime, a serra elétrica zoando metódica, os tijolos e a areia e o cimento espojados por mãos sem braços, um marulhar de frases desencontradas que a fictícia mão de obra produzia. Com esse espírito avistou as polias do elevador

inertes, esperando que alguém as acionasse. Com voz que não lhe pertencia, saída de peito estranho, deu a ordem de comando. O vigia da construção surgiu então detrás do tabique, levantou a vista e acenou para o alto. O pai e o menino juntos da pilastra, esperando o transporte para o chão. O vigia acionou o botão verde e a polia da direita girou, fazendo correr o cabo de aço. Espanhol enfiou as luvas novamente, deixou o filho assentar os pés no elevador, avançou a perna boa e com as duas mãos projetou a perna mecânica. Com cálculo postando-se lado a lado do filho. Os dois foram descendo sem dizer palavra, o pai vendo o cabo ser recolhido no terreno, o vulto do servente crescendo de tamanho a cada andar. O menino abriu um bocejo.

Espanhol não ia esquecer de agradecer ao outro, até já limpava o pigarro da garganta. Mas nunca mais voltaria. E quando chegasse no solo, não viraria o rosto, apenas ouviria as vozes.

Noé em Copacabana

O olhar do gato cruzou com o dele. Noé repassando o jornal, desentendendo. A praia, luz concentrada despejando-se dos refletores sobre a areia; do outro lado do calçadão, posto salvavidas oco, espantado. A brisa e a folhagem queimada borbulhando nas sarjetas, o asfalto irisado pelos faroletes dos carros. Filamentos prateados sobre a água, parecendo moréias em fuga desatinada.

Noé fecha os olhos, as manchetes se diluem sem sentido, um côncavo de palavras em negrito escritas sobre as pálpebras, letras brincando. Noé reabre os olhos, apruma-se e descerra o vestido da gaiola, canarinho molengo, desencantado com a vocação, sacoleja em câmera lenta as asas, remexendo o dáblio das patas. Noé abre a janelinha, espaço para dois dedos, talvez três, escorre afiançado as unhas pelo bico do jasmim, que finge dormir, mas arrepia gostoso, quase fungando. Noé pousa a gaiola no chão. A planta se chama Sibélia, Noé desgosta do latim do nome, inventou esse porque não sabe como Sibélia responde quando o povo fala.

Acende mais uma vela, colocando a cera no pires, na cozinha arranja água e serve Juju, a cadela, serve jasmim e também Biquinho, o gato. Na sala, depois do executado, solta o corpo no lugar de costume, mas lembra que Sibélia tem sede. Rega e volta ao canto da poltrona. Através do janelão o prenúncio da manhã.

É a hora. Com a mão livre puxa a gaiola do chão. Biquinho no ombro, salto certo. Juju enrodilhando zonga as pernas de Noé. O ar esfumado de salitre, sol despontado quase, e a demolidora com hora marcada, cumprindo a destemperada promessa de tudo fazer ruir.

Noé desce até a garagem, usando a escada; a única vela que traz deve iluminar até a implosão do prédio. Senta-se, costas contra a parede, bem junto de si acomoda as estimações; Biquinho com os pêlos arrepiados, maldizendo. As unhas do dono calam a arrelia, o olhar do gato cruza com o dele, Noé no timão, a barca com âncoras fundeadas. Dia. Jasmim estufa o peito e canta, feio e engrolado.

Noé tem vontade de grudar esparadrapo no bico dele. Para Jasmim desistir de pôr a boca no mundo. E esperar o irremediável final, como todos ali.

Jasmim canta.

Anatomia do ABC

A

A Sainte Chapelle se esconde atrás dos altos muros do *Palais de Justice*. É Paris, quando as luminárias de ferro trabalhado esconjuram a noite e pálidos retábulos de luz vão se conformando ao redor dos postes. Como água os reflexos se alastram pelos muros e sobre o chão de cimento. Inutilmente as sombras avançam pelos flancos do transeunte, acrescidas de volume, dilatadas -- até serem sobrepostas por outras e mais outras. Quando a cidade mergulha na noite, a igreja abandona de vez o cenário do bulevar, deixando à mostra apenas seu torreão suspenso, abafando a nave vazia.

É uma noite qualquer que começa para mim e Ramos. Noite de exílio, de sumidouro, de perda. Atentos aos nossos passos, caminhamos juntos pela *Île de la Cité*. Como pessoas comuns, com planos comuns. Nosso ar, nossos modos exalam a falsa

convicção do bom-francês que reservou para aquela hora uma agenda gastronômica e uma peça de teatro bem cotada pelas revistas especializadas.

-- Merecia melhor sorte a capela -- diz Ramos aninhando seus lábios na minha orelha. -- Por isso tardei tanto para conhecer você.

Nós nos vimos pela primeira vez ali, no meio da estreita escada que sobe em espiral até o topo. Prosaicamente eu deixara cair meu bloco de anotações. Ramos não deixou a oportunidade passar. Naquela noite mesmo, dormimos no estúdio da rua Aboukir.

-- Gostaria de voltar lá quando não houvesse ninguém.

Ramos ergue os olhos acompanhando meu gesto, que situava a capela no meio da ilha.

-- Eu gosto mais do que falta nela. Muito mais do que a Ste. Chapelle guarda como promessa, sabe?

Sim, eu sempre soube, Ramos. Talvez por isso nossas vidas não devessem ter marcado encontro algum. Não há mais lugares onde possamos assinar um novo pacto de não-agressão. Falta-nos tudo, a começar por um consenso.

-- O que você quer dizer? -- decidi perguntar.

-- Eu quero dizer é que gosto mais da clausura, do sepulcro, que do esplendor decadente. Gosto do que a Ste. Chapelle não tem na arquitetura, como tem uma Notre Dame, você compreende - mas tem em termos de marcas, de tempo decorrido, de desordem.

Ramos tinha que dar um nobre desfecho ao seu discurso. Escolheu o mais teatral:

-- Uma igreja tem que ser triste -- exclamou enfim, abrindo os braços como um dominicano.

-- Vamos tomar um ônibus qualquer. Estou morta de cansaço -- disse, apertando seu braço, querendo encerrar o assunto.

Ramos tinha o dom de me exaurir com sua gravidade. Parecia que as mínimas coisas - até um saquinho de castanhas torradas - adquiriam, quanto em contato com suas mãos, um peso insuportável.

Eu te esquento, Ilma. O que você tem é somente frio, além, obviamente, de uma considerável dose de preguiça psicológica.

-- Foda-se! Já optei pelo ônibus.

-- Estou falando sério. Você não queria vir em hipótese alguma. Verdade? Ou por outra, talvez você quisesse, no íntimo, só para não ficar sozinha. Não é isso?

Como nada respondesse, ele voltou à carga.

-- Seu silêncio é simplesmente devorador. Mas mudando de assunto, o Michel marcou conosco às onze, e nós concordamos. Não deixa de ser um argumento razoável e justo, além, é claro, de um fato primordial...

-- Chega, é suficiente -- disse, roubando-lhe o ímpeto e ganhando, com isso, além do seu mutismo constrangedor, o direito de tomar o 21 que parava no ponto para fazer saltar uma senhora que tinha uma verdadeira fruteira no chapéu.

Àquela hora o ônibus rodava vazio. Um vento frio soprava vindo de uma janela mal fechada. Na poltrona eu me encolhia. Ramos, agastado, as pernas precariamente fletidas, equilibrava-se em pé. Abandonado aos solavancos do ônibus.

Michel já estava lá quando chegamos.

-- Saí mais cedo do jornal -- ele diz, logo que sentamos.

Tinha um estranho tom de desculpa aquela frase. Devia ter-lhe custado um demorado polimento. Puxei para perto da mesa uma banquetta disponível e sentei. Cheio o lugar. Grossas nuvens de fumaça espiralando sobre as cabeças. Do teto, presas por um fio, campânulas art-nouveau falsificadas. Nessa atmosfera Ramos e Michel encontravam, como sempre, o humor adequado e o ambiente propício para entoarem a velha cantilena -- que sempre se repetia onde quer que se encontrassem.

Naquela noite, tal como em tantas outras, ao chegar a bebida, Ramos e Michel afiavam os instrumentos, galvanizavam o ar empestado de seus pulmões; e cerravam seus cotovelos sobre o tampo da mesa como lutadores rivais.

Abandonei-me àquela discussão de surdos. Eram os mesmos os movimentos sobre o pequeno tablado improvisado. Atrás de um tabique imaginário eu assistia. O estranho ritual crescia em emoção, os dois contendores expondo suas teses, insuflados pelo vinho e por uma determinação férrea de dobrar o adversário. Michel, no entanto, parecia agir de forma diferente que das outras vezes: economizava os apartes irresolutos, que

eram sua principal característica. Dir-se-ia que viera ao ringue disposto a empregar alguma tática desconcertante; talvez a da exaustão fingida. E cegamente, sem encarar Ramos, largava-se ao debate. O outro mantinha a velha e conhecida estratégia: gesticulava vigorosamente e se valia mais do que nunca da retórica para domar o inimigo. Por vezes recuava à espera que Michel explodisse sua fúria e arrebatasse a palavra -- grande troféu pelo qual se batiam. Este, no entanto, movido por uma estranha energia, indolente ao acicate, mantinha o mesmo diapasão. Eram dois loucos se exprimindo, ardendo de insânia como os filetes vermelhos do calefator que se debruçava sobre a *cave*.

E eu? Cumpria simplesmente a festa parisiense. Afogava o presente numa bebida parcimoniosamente ingerida: a mesquinha equivalência entre as pessoas - que não chegava nunca a se tornar verdadeira amizade: Ramos e Michel nunca teriam suficiente humildade para se tornar amigos, embora as atitudes não revelassem desamor.

Depois do quarto copo, não podia ouvir mais nada do que falavam. Rodada e imensa; branca, muito branca a toalha na cintura do garçom. A um só tempo, atraente e feminino demais. Na mesa ao lado, dois casais: respeitáveis franceses, repetindo os mesmos cacoetes dos seus pais e avós. Como cidadãos vigilantes discutiam qualquer coisa referente à manifestação de repúdio a Franco -- que redundou, entre outras coisas, em uma fogaosa passeata pelo bulevar Saint Germain, culminando com uma bomba lançada contra as vidraças da embaixada da Espanha, na avenida Marceau. Comecei a rir . Em Paris até as passeatas eram tediosas. De repente, um calor estranho tomando conta do meu corpo. Era Ramos que a certa altura da batalha lembrara-se de que eu existia - sua virtual platéia, tão distraída; ou melhor, de que meus joelhos e minhas pernas existiam. O que havia feito ele da luta no ringue? Desinteressara-se dela? O público ao redor ainda urrava, pedindo mais vinho, mais copos, mais cadeiras. A qualquer momento o pavilhão se renderia ao peso de tanta vibração e desmoronaria sobre nós. Mas um fio tênue mantinha tudo em suspensão. Era a palavra, empurrada de

um lado a outro da mesa, já agora como fardo insuportável. Quem saíra vitorioso?

Soltei meu corpo, mais por cansaço e conveniência, do que por vontade própria. Murchava o grande espetáculo. Mudava as vezes, o pobre madeirame que tudo sustentara. Doce e cruel, seu corpo me envolvia numa quentura íntima. Se estivesse sóbria, certamente ergueria a barreira do condicionamento social. Diria a Ramos que esperasse, que aguardasse a hora de chegarmos em casa. Ou diria simplesmente a verdade, que eu não queria nada daquilo, que as nossas privações íntimas e a nossa fome não podiam ser aplacadas no curto hiato de consciência em que se constrói um coito, não.

Mas já era tarde e eu não tinha mais forças para me furtar àquele jogo de mãos, sob as toalhas encardidas do bar. Apertei então suas coxas, melhor dizendo, as reconheci. Tinham um vigor e uma musculatura novas para mim. Era engano, eu sabia, o nome, também novo e recente, que eu dava a tudo aquilo. Espessa como o vinho minha pele fruía todo o disfarce, desconhecidamente. Cravei as unhas na calça de veludo cotelê. Ramos subiu a mão pelas minhas pernas. Sobre a mesa, à vista de todos, sua voz descia de tom, até encontrar o eco do meu corpo. Quando então alçava-se de novo, agora sintonizada em meus corredores mais íntimos. Num arrepio travei meu corpo em sua mão, não dando espaço para seus dedos se movimentarem. Ramos parara de falar, e não escutava mais o outro. Sim, havia alguém ali, do outro lado da mesa, resfolegando entre as cordas do ringue. Era loiro e magro. Olhei-o assustada, como se nunca o tivesse visto antes. Michel se levantou da mesa. Tão polidos os franceses. Beijei seu rosto sem sentir, reservando meu hálito para o homem que me tocava.

(Naquela noite, Ramos, fui sua puta, você sabe disso, não sabe?)

Acabara-se o pretexto do café: não éramos pessoas comuns, e por isso devíamos voltar para casa, para o apartamento da rua Aboukir. Ali, voltaríamos a viver duplamente nosso exílio. O antigo cerco fechar-se-ia novamente em torno de nós. Nosso sexo, agora sem entraves, exigira atenção e cuidados redobrados. Saíamos de um estreito canal onde a navegação fora

diligentemente vigiada, para invadirmos um território de águas turvas, onde o menor descuido, ou falta de perícia, seria capaz de jogar nosso barco contra um atol.

Quis me vestir novamente e sair. Ramos procurou me deter.

-- Já é tarde, Ilma. Pense bem no que você vai fazer -- falou Ramos, oferecendo o cálice da reconciliação, desabridamente, mas dando a entender que estava sendo magnânimo e complacente ao proceder assim.

Deixei-o recostado nas almofadas que fizemos juntos -- passatempo que inventamos para postergar decisões mais importantes. Da porta, ainda esbocei um ar de desaprovação quando percebi que Ramos, já completamente bêbado, desarrolhava com patética dificuldade uma nova garrafa de vinho. Foi inútil o gesto. Não me cabia no rosto a máscara.

A praça Dauphine era o meu lugar; o refúgio onde eu confraternizava com uma natureza pobrementemente organizada, ordenada pela mão do homem. Árvores alinhadas numa inviolável simetria abrigavam os bancos da praça: talvez a mesma inexpugnável intolerância pressentida em Ramos, que eu procurava dominar num impulso pleno de afeto. Mas o homem não era a praça, onde simples árvores e simples bancos obedeciam cegamente às ordens dadas por um geômetra implacável.

Andei a esmo, rondando os cantos, farejando, modelando os talos frios das árvores. Abafado, ricocheteando pela estreita ruela que franqueia a praça aos moradores, o murmúrio compacto e vago da cidade. Era Paris, mesmo ali. Do cais Orfèvres, e no outro lado, do cais do Horloge, uma onda lenta e pesada dos carros gorgolejando no asfalto. Ao fundo, na direção do Palácio da Justiça, uma escadaria iluminada e jovem, mais jovem que tudo, se dispersando em sua própria névoa, cobrindo a praça de um rigor afeito a esse nosso tempo de desperdício.

Das sacadas dos prédios, nenhuma luz, nenhum movimento de vida. Sento-me em um banco. De repente, rompendo minha solidão, arrancando-me das mãos o privilégio, um sinal inesperado: uma janela se abre preguiçosa, rangendo as ferragens. Como uma explosão a luz se acende e duas mãos

surgem por segundos expulsando um vaso de flores para o parapeito, roubando-me a plenitude.

(Tem mais força aquele gesto que todo o edifício granítico, erguido em séculos de espera e paciência.)

Com um som cavo a janela se fecha. Toda a vida se concentra em mim novamente. Respiro fundo. Terei exaurido tudo? Falta-me ainda um risonho gato andando agora pelos telhados, fiando com suas unhas aguçadas um novo tempo; falta-me talvez um choro abafado de criança no ninho, ou uma voz de estrondo filtrada pelas cortinas das casas - ou por um ângulo inexplorado da parede de pedra: uma loca revestida de musgo, onde se aloja a umidade e o eco das entranhas da terra. Falta-me tudo, até mesmo um país inteiro que me abraçasse agora, e que me dissesse simplesmente que escutaria com prazer a minha voz. Sim, sou uma mulher procurando enxergar desconfiada a história do mundo, em que a minha íntima história se faz e se desajusta, novelo de intimidades febris e de comiserações.

Há quanto tempo estou aqui? Quando conseguiremos, Ramos e eu, um último consenso, uma unidade feita de exílio, de política, e de nossas vidas?

Atravesso a praça, cruzo a rua. De algum modo, Ramos segue meus passos. Sua sombra entretecida na penugem do meu corpo (seu sêmen, inútil-Ramos, emasculado pela pílula que juntos planejamos para esses anos), pobre penúria.

Diviso a ponte Neuf, sempre soturna e bela. Quase íntima. desço as escadas do jardim -- pacientemente plantado para comemorar o reencontro das águas do Sena. Barcaças correndo, semi-afogadas na corrente do rio. Motores pipocando na neblina.

Um chorão é a derradeira árvores da *Île de la Cité*. Recolho as abas do casaco e sento-me debaixo dele. Gostaria de ter tido um outro homem ali. Encontraria agora um sentido anterior a Ramos; abafaria o ruído dos seus passos sobre a pedra polida da margem. E eu: teria agora um novo assunto que ainda não tivesse sofrido as intimidações do agora. Encontraria forças para fugir numa daquelas embarcações que correm pelas águas escuras do rio. Mas não há memória que não me enjaule no

apartamento da rua Aboukir.

Cheguei ao apartamento quase de manhã. Ramos dormia. Sono exausto de vinho. Sem qualquer piedade eu o acordei.

-- Voltamos -- disse quando ele abriu os olhos. -- É a volta ou a separação.

Ramos esfregou o rosto, sua voz áspera e cansada se fazia adivinhar sob o calor do pesado edredom.

-- Voltamos o quê? Voltamos para onde, Ilma?

-- Não podemos mais ficar aqui. Se esgotou. Acabou. Você consegue entender isso?

B

Precária a liberdade. O *habeas-corpus* era uma droga que não amenizava a dor. Ramos começou a agir. Havia muito trabalho pela frente. Ensinar-nos a fazer funcionar uma pequena gráfica clandestina. De lá saía todo o material necessário a estimular as mais cegas consciências. Era o que pensávamos. E quando digo nós, não falo tão somente de mim e de Ramos.

Em julho fomos descobertos. Lembro-me que era julho, sim - e nosso aparelho se dissolveu como água. Ramos fugiu de São Paulo e foi preso a caminho do Araguaia. Fui apanhada fazendo

compras em um supermercado. Vestiam-se de maneira comum os dois homens que me pegaram. Levaram-me sem dizer uma só palavra: forma sábia que encontraram para eu mesma fabricar, sozinha, a fantasia de um delito e o dolo. Foi sem palavras, me lembro, minha despedida de Ramos. Ele levou consigo uma valise de plástico e o sobretudo. Tinha os olhos marejados e uma carga de desespero perpassando o corpo todo. Seus olhos diziam: “eu volto, acredite”.

Nesse período resguardei-me, cansada, exaurida de tantas derrotas seguidas. Eu convertera para o plano pessoal todas as questões do movimento. Era um erro, eu sabia que era um erro. Mas não conseguia evitar.

Passei então a levar uma vida normal, lançando mão de uma pequena reserva de dinheiro, fruto de traduções minhas e de Ramos. Uma criança se mexia dentro de mim naqueles tempos cruéis; seria filha dos nossos pesadelos e da nossa fúria. Eu tivera a decisão de abortar em minhas mãos. Como Pilatos, Ramos aguardou passivamente que eu tomasse a decisão de destruir o feto. Neguei-me. Não o vi mais. Apenas ouço, às vezes, sua voz, dizendo coisas como “eu volto, eu volto”. Tal como o aparelho, minha vida se desmantelou integralmente naquele supermercado. E minha história pessoal passou a se alimentar apenas de memória.

C

Três horas da manhã, a chama ensandecida da vela no rosto de Judite. Alço-me até o gradil, meu corpo batido de pedra, acrisolado pela longa espera. Agora chama-me Sonia. Nome herdado das funções.

Memória de tardes aplacadas, lembrança de momentos necessários. Ou outra decepção.

Agora meu corpo fica de resguardo, entre as pedras desse forte, aguardando talvez um sinal emitido dos rochedos. Ou de uma fenda cravada nos seus altos muros.

Salsugem marítima, quando nos tocávamos em plena guerra e pressentíamos que estávamos sendo espionados da porteira. As dunas então sabiam nos esconder -- a Ramos e a mim; e aos outros. De muitos metros as dunas se elevavam na outra extremidade da praia, o forte diminuía de tamanho, mas crescia de interesse. Terá sido por isso que voltamos mais uma vez? -- eu perguntava a Ramos todas as vezes em que o amor era interrompido por alguma mensagem cifrada, quebrando o círculo que nossas unhas lapidaram na areia molhada. Sustínhamos a respiração para que os reflexos do mar nos resguardassem da verticalidade dos muros do forte. O forte, os arrecifes -- era sempre assim o fim daquelas tardes. Cores e luzes que nunca se repetiam, reverberando alucinadas e tropicais.

Atados à fumaça branca que se erguia na direção do vento, recolhíamos nossa fúria e nossos planos. Na praia restava um bordado de areia, contornos de um mapa urgente que o tempo nunca teria forças para consumir. Um dia, imaginávamos, ainda venceríamos pela nossa anatomia.

As dunas recortadas pela janela brilham como nunca nesta noite de lua. Parecem fornalhas em constante agitação. Quando a manhã chegar, elas mudarão de cor. Não abruptamente, mas com método próprio. No início perderão os tons prata e cinza, ficarão foscas e baças para receberem os primeiros raios de sol - - que as condensarão em uma nova cor, submetendo-as a sucessivas lavagens que as crestarão até o limiar da abrasão. Nessa altura terei os olhos raiados do mimetismo, verei somente uma imensa praia escaldada, exumando gordura de suas axilas. Dormirei talvez umas duas horas até que a campainha soe e nos cobre o recato da fome e do pão sovado. Acordarei Judite, minha testemunha única. Lembrar-me-ei da noite anterior, quando seu rosto era banhado pela luz da vela; e seu corpo uma chaga no interior do meu. Irei uma vez mais até a pequena janela dos paredões do forte. Verei, ainda uma vez mais, o novo dia caminhando andarilho, vagabundo, até os beirais das envasaduras -- ele nos observa pelas frestas. Mas tudo isso ainda essa vez parecerá novo, inteiramente novo. Original até a cegueira.

-- Judite. Acorde! -- deslizo minhas mãos pelos seus cabelos. Ela ainda resiste.

Continuo a tocá-la, como se assim pudesse dar-lhe um pouco da minha vigília. Só o bastante para que seu corpo de loura penugem se liberte desse medo. Ela se mexe -- pássaro. Aprisiono seu rosto no meu colo. Seríamos irmãs sem nunca termos admitido? Só a cela na sua premência, na sua irreparável presença, pode se responsabilizar pela nossa relação.

Ela cede ao carinho, alterando o compasso da respiração; um arrepio vibra no meu corpo, meu ombro semi-descoberto, entretecido no mistério. Olho-a e a mim. Sei bem quanto demora seu despertar. Sei por quanto tempo ainda ela resistirá até adquirir a firmeza necessária para tornar-se ação e corpo em um só invólucro.

-- Acorde, já lhe falei!

Minha voz é de outro corpo, é outra sua urgência e precisão. Judite abre os olhos.

Ela abre os olhos para ver melhor a cela, ocupar seu lugar definitivo.

Judite era uma mulher pálida , um pouco mais alta que eu. Um olhar oblíquo e accidental. Você, Judite, parou a um passo de mim, no centro geométrico daquele mundo em que eu entrava como uma de suas mais graves restrições. Sou Sonia, disse, apresentando-me. Você emitiu um fio de voz: Judite -- amargo como o limo que se adianta ao tempo e que se espalha sem escolher direção dobre o nervo úmido da argamassa.

Ficamos ali. Eu, como a dizer: não há alternativa, minha cara Judite. Dividiremos cada palmo deste silêncio, a mais grata recordação - toda a insuficiência de nossas vidas traçadas no rigor. E tudo isso não será o bastante, porque sempre, entre nós, pairará o sentimento agitado das relações compulsórias.

Encosto-me a um canto. Junto o travesseiro, comovida. Sempre o associando a coisas doces, a entregas amenas. Você já deve ter notado isso, Judite.

-- Está na hora. Levante-se!

-- Já vou, Ilma. Só mais um minuto.

Tantas vezes lhe pedi que não pronunciasse a estação do

amor. Ilma não é para hoje. Sou Sonia agora, a que mora em definitivo no Forte.

-- Já pedi que não me chamasse de Ilma. Só Ramos me chamava assim.

Larguei o travesseiro que segurava. Estava úmido, guardado ainda de fogos noturnos.

Sei que não devia me exaltar com ela. Que diferença pode fazer um nome, quando a vida está toda traçada? Um nome, ainda: a apalpar-me por dentro e por fora, como nos banhos coletivos; as celas abertas de par em par, as presidiárias em fila para as duchas. Foi a primeira vez que a vi sem as roupas. Ensaboando-se sofregamente, querendo livrar-se mais do corpo do que do suor. Quis me aproximar de você, ensinar-lhe a arte da solidão. A carcereira proibiu-me num gesto sóbrio e conhecido. Bastou-lhe erguer um braço no ar para que me submetesse à sua autoridade. A carcereira - ela também tem um nome, que em breve lhe direi. Tem também dois filhos pequenos e uma pequena vida.

Ela tem dois filhos pequenos e quando seus filhos se banham juntos, ela repete o gesto de há pouco. Eles se olham sem nada entender; e continuam a se explorar para se conhecerem. Talvez seu braço fadado ao automatismo da lei nunca perceba como é inútil. Uma mulher orgulhosa, que se finge de dura -- a carcereira. Seu marido é vigia de um banco. Todos são vigias por aqui.

Acabo de voltar do banho. As dunas agora parecem ruínas de açúcar mascavo. Um barco toma impulso nas ondas que morrem sem cessar na praia. Um homem de bermudas salta na frente, enquanto outro, na proa, lança a poita. É tudo recente para os descobridores. O cabo que encontra o fundo do mar inaugura para eles um novo tempo. Os pés que agora marcam a areia da praia do Forte doem de novidade. Se forem pacientes, encontrarão o sortilégio das cicatrizes que Ramos e eu deixamos sobre as dunas. Se forem cuidadosos, recolherão as cinzas, toda a mensagem em código de nossos mapas, que o sol crestou durante anos, e as retransmitirão no rádio do barco.

Estão olhando para aqui. Leiam o que puderem. Levem tudo,

tudo o que conseguirem. Não se faz uma revolução sem uma boa carga de informação. Transformem o ar, o campo de milho, as bananeiras, carreguem consigo a desolação desta janela, a memória deste abrigo e martelem uma idéia clandestina. Forjem tipos, se necessário; e construam uma gráfica. Compre papel, tinta e um novo nome. Façam um jornal e discutam. Cometam por favor o meu crime.

Aceno inutilmente. Meu vulto se perde nas ameias do Forte, em sua construção guerreira. Meu berro não vai além das barras do cárcere. Enrosca-se nelas como folhas de uma trepadeira. (Por que, Ilma, toda a belicosidade ensimesmada?)

Latas de cerveja foram semeadas. Restos de comida quebram a melancolia dos sargaços. Este o traço que deixaram de sua passagem. E um fio de óleo bronzeando a orla. E uma folha de alumínio sem paradeiro. A conquista já é lembrança, e outra chance se perdeu. As conchas, que colheram nesta ilha, somente se dizem conchas. Nada se pode fazer com elas. Às vezes é tão pobre, tão obscena a presença humana. (Onde estarão nossos corpos, Ramos -- e os corpos de tantos? Onde nossa vitória sobre o mar?)

Uma palmeira presenciou tudo. Temos muito em comum. As pedras cosidas às minhas raízes crescem igualmente em torno do seu caule -- apóiam-se nela e em mim para criar um sentido exato à nossa permanência mineral. Somos ambas dois fiapos brotando da areia, cujas dimensões a distância oculta. Entre mim e ela, uma diferença: nascerei novamente, e outra vez. Ramos é também plural.

Chegaram os cartões de Natal, alguns presentes: objetos impúrios cobertos da nódoa do censor. E as cartas, o que elas diziam? Diziam coisas já sem afinidade, depois que passaram por mãos vigilantes. Tornaram-se código, mensagem cifrada, atentado, arдил, conluio -- quando na verdade eram apenas palavras. Escritas numa letra fina e torneada como a de minha mãe. Atirei os presentes a um canto da cela. Judite, na plenitude da sua solidão, engolia esse desnudamento de correspondência. Em vão procurando devolver a cada frase a antiga vontade enunciada. Inutilmente acariciava aqueles papéis, já

definitivamente estigmatizados pelo árbitro. Eu a observava de um canto da cela.

A bandeja de comida. Fazemos fila. Sonambulicamente me aproximo do serviço; um cheiro conhecido espalha-se pelo salão. Misto de creolina, óleo, cebola e suor. Comemos tudo, até o asco das paredes. Até as fossas negras de fezes do presídio. Aplacadas, abandonamo-nos à nossa decepção diária. Ao mate servido em copos de papel.

-- Você ainda por aqui? -- diz Rita com um humor impossível.

Sim, Rita, você consegue ser alegre. Eu tenho inveja de você, por isso. Sua força. Quantos anos ainda para que se esgotem sua pena e o repertório imenso de carinho? Rita: a única negra da ala. Atiro o copo no cesto, um baque surdo. Judite me examina antes de sairmos do refeitório. Agora teremos quinze minutos ao ar livre. Somados aos trinta do banho de mar desta manhã -- dado como consolo de Natal -- perfaz quarenta e cinco minutos. Quarenta e cinco minutos de vida.

Recolho-me. A cela é o lugar para o silêncio dos réprobos. A pena de reclusão perpétua, sua divinização. Tenho vontade de defecar. Bato na porta. Três batidas secas. Rosa, a carcereira, escancela o visor. Sabe que não lhe farei mal. Dolentemente acompanha-me até a privada. Quando estamos sós, Rosa se torna uma mulher afável. Fala da pequena vila. Uma igreja velando a praça vazia. Amendoeiras ao redor. O filho menor pegou sarampo na semana passada. Quase quarenta de febre. Alcides comprou uma bicicleta azul e branca. Já estão fincados os postes de eletricidade. Todos poderão assistir à televisão.

Rosa aguarda de costas, confiante. Volto para a cela, secundada pelo ruído de suas chinelas. Tempo curto demais para que ela me conte em detalhes a história dos progressos da ilha.

Judite me recebe com um sorriso. Ainda tem as cartas sobre o colchão. Ainda o papel vermelho, com círios de Natal, que embrulhou os presentes. Deito-me a seu lado, pensando na rua Aboukir. Aperto-lhe as mãos, desejando que o tempo escoe mais depressa. Se estivesse em casa, faria um café: quente e

fresco. Acaricio seus ombros, o contorno das suas axilas. Depois de muito esforço, deixei as unhas crescerem. Judite gosta deste jogo noturno. Sua respiração é lenta. Estou novamente sozinha. Judite dorme. Às vezes, por evasão, lembro-me de Paris. Fecho os olhos, os círios coalham o céu, povoam-me de memória. Terei um dia um milhão de anos. Ramos terá um ano a mais que eu.

-- Judite! Judite!

Passagem da raça

Foi o tempo de soltar o nó da gravata, a pele colada na camisa de tergal. Suor. E encontrar o rosto grave da mulher sobraçando o filho e injetar uma pergunta sem palavras naquele olhar de fruto arrancado do pé. E descobrir que havia uma pedra, uma pedra no caminho deles, difícil de demover e de arrancar.

Tirou o paletó de brim, paletó azul-marinho, e se jogou na poltrona, dobrando a frase inteira na ponta da língua, sopitando o palavrão entre os dentes: tempo de correr os olhos pela casa e de resvalar outra vez os olhos feridos na mulher, na mulher de olhar desenraizado, de boca descosturada de pânico em suspensão; tempo de perder a atenção um segundo na figura do filho sob a mantilha de flanela. As rugas afundaram mais na cara. Uma graxa brilhante começou a brotar da pele, dos poros, inundando-lhe, fustigando-lhe o corpo todo. Raspou as unhas no queixo grande, retangular, salientando as comissuras e fabricando a mesma frase no cérebro, que permaneceu desdita, inarticulada. Os sons vibrando na cabeça. Cerrou os punhos e apurou a coluna estirando o corpo magro na linha da parede.

A mulher soltou o corpo do filho no berço com um gesto largo, de sabedoria, e estancou a um passo do homem que já havia arrancado os sapatos, como sempre fazia, e olhava os artelhos no seu movimento livre, desenfastiado. Sem qualquer pronunciamento, nem de um, nem de outro, foram se chegando, e a mulher curvou o tronco e pousou de leve os lábios na carapinha do homem que, já sentado no sofá, não se mexia: a mão direita segurando o queixo no ar, a outra escarafunchando os dedos do pé, de onde saía um bafo úmido e azedo. E o homem sabia que a hora havia chegado, mas irredutível só fez abraçar a cintura da mulher que, em silêncio, olhava para os seus ombros, que sempre lhe pareceram fortes, embora ele fosse tão magro, espigado. E nesse exato momento o homem largou o que fazia com as mãos e apertou a cintura da mulher, franzindo as carnes dos quadris, descendo os braços como por exaustão até a altura das coxas. Depois subiu novamente até a cintura e voltou a apertar as carnes da mulher entre os dedos, resolvido para sempre que um seria o esteio do outro, não importa o que acontecesse a eles. A mulher desselou a boca como se engatilhasse arma, parecendo que havia chegado a hora de dizer alguma coisa; parecendo que seria naquele instante a definição. Mas ela apenas volteou com os lábios a carapinha do homem; com cuidado, amando a áspera rota, o duro desenho daquela cabeça de cabelos pixaim. E se alguém os visse naquele flagrante iria pensar que a cena era o princípio de uma requintada entrega.

Ninguém no apartamento além do homem, da criança e da mulher. A chave na porta com duas voltas no trinco. Muito silêncio no apartamento vizinho. Nenhum sinal de gente ou vida lá fora. Não, é mentira. Havia um cão que latia por compulsão do outro lado da rua. A intervalos. E o ruído de uma broca furando uma parede, lutando contra o concreto. Seu ódio crescia e diminuía, ia e voltava. Uma parede de concreto necessita de paciência para ser penetrada, mais do que a simples compulsão de quem confia na ferramenta, cegamente.

A mulher soltou o corpo sobre a poltrona, quase sentou no colo do homem que alisava os pelos de sua perna e pensava na fibra e na coragem da mulher; que quando o homem exigia, era de uma rara mansidão. Mas que só se revelava na mais funda intimidade, sempre acompanhada de afagos, de fala melíflua. No mais, quando o corpo se dedicava a outros afazeres e obrigações, a mente impunha um diálogo econômico, às vezes cortante. Enquanto o homem pensava isso, a mulher largou um beijo surdo, desproposital até, na cabeça do homem, e depois outro e mais outro, e ele enfiou o rosto na barriga dela, o cheiro do ventre, e chorou porque tinha consciência dos fatos. E junto com as lágrimas brotou um gosto esquisito, de fel, na boca; e ele perguntou para si mesmo que espécie de amargor congestionava o peito da mulher. Se suas gengivas e seus dentes feitos arma conseguiriam desentranhar uma resposta eficaz para tudo aquilo.

Ela foi se soltando devagarinho, até que ficou só na poltrona e a mulher em pé outra vez, na mesma posição de antes, olhando para o homem, de um modo que entre eles foi se abrindo uma região de força sobre o tapete. Ele num pólo, ela no outro; e como se segurassem as extremidades de uma corda de aço foram esticando, ela recuando, recuando até que caiu sentada no sofá, as mãos juntas, os dedos emaranhados na corda imaginária; e no meio daquele cercado o filho foi apontando de gatinhas, afundando as mãos gordas no tapete, querendo sorrir, ensaiando sua precária existência.

Depois que acabaram de jantar o homem ainda ficou na mesa, quebrando palitos de dente. A mulher, depois de

alimentar a criança, carregou-a até o quarto. Ela já dormitava, a boca meio-aberta. As mãos fechadas, uma junto ao rosto. A outra solta, ao comprido da cama. Sem nenhum pressentimento a criança mergulhou no sono, a mãe de testemunha, às vezes roçando os dedos no engradado.

Por fim o homem se levantou da mesa, num golpe ficou de pé, como se tivesse recebido augúrio maligno. Injetado de cerveja, arrotou no meio do corredor. A mulher se virou quando ele apareceu na porta. Os cotovelos esgarçados, abertos. Apoiados nos batentes. Imitando a dança o corpo do homem se destacou da porta e foi ter com a mulher. Apertou-a contra si, susteve o quanto pode o segundo arrote, engolindo o ar que teimava em querer escapar. Quando o arrote explodiu no quarto, a criança se mexeu, abriu os olhos estremunhados e contraiu o rosto. Mas assim que fixou os olhos num ponto do quarto em que pendia um boneco de pano dilatou a boca, esgazeou os olhos e abriu um sorriso, que veio junto com uma espécie de fala que ninguém entendia. Conversa secreta entre ela e o boneco. Fraseado curto e longo. Risadas outra vez. Depois um curto silêncio, até que a mãe pegou a criança no colo, ver se dormia embalada pelo seu calor.

Quando a mulher levou a criança para a sala, o homem nem se mexeu. Deixou-se ficar no quarto se corroendo de ódio. Uma ardência estranha latejando nas veias, percorrendo as avenidas do corpo.

Alcançou o paletó. Tirou outra vez o papel do bolso. Letra de máquina: para pensar melhor. Inútil. As palavras estavam ali. Claras, límpidas. Soavam como o juízo final. Eram um último e derradeiro aviso: que fossem para sempre embora do prédio. Que desaparecessem, porque estavam emporcalhando a reputação do lugar e manchando a honra dos moradores.

Foi o tempo de amassar com ódio e desespero aquele recado fatídico, os lábios rentes como serras sobrepostas. Torpor. Foi o tempo de ouvir a porta despencando no soalho por força do ariete; e sentir o cheiro de enxofre de mil demônios armados de tridentes esvoaçando pela casa, derrubando e destroçando com as asas incandescentes os móveis e objetos. Foi o tempo de escutar a voz do líder branco ordenando que ateassem fogo à casa maldita do negro, para que o fogo ardente do inferno

servisse de exemplo a outros negros que cobiçassem viver em Spirit Lake.

Fibra de vidro

Miguelito passou com *su coche pela Calle Santa Fé*, desertas as calçadas, as vitrines em mansa penumbra, só o rugir da máquina, Miguelito andou dois quarterões, ou três, não me

lembro bem, sobretudo porque às vezes o mapa da cidade de Buenos Aires dá um nó na minha cabeça, o mais adequado seria encontrar Miguelito *en el métro*, sentadinho na ponta de um banco carcomido pela passagem de botões, pastas, capas, pentes, biqueiras de sapatos grossos, ele ali, a olhar sua própria imagem no vidro do vagão, sonhando com um *coche super sport*, enquanto as estações vão se sucedendo de acordo com um diagrama prefixado, e a poucas ou muitas quadras da casa ou apartamento onde mora Miguelito o comboio estanca, os freios estremecem sobre os ferros e um silvo dolorido de metal triscado fica nos ouvidos semi-adormecidos, até que Miguelito se ergue do banco, alcança a plataforma da estação, toma a escada de dois patamares e, em passo lerdo, se arrasta até a porta vai-vem, atingindo a rua, que muito provavelmente se situa no mesmo bairro onde mora; contudo Miguelito passou com sua máquina pela Santa Fé, ou por outra rua nas proximidades, tenho quase certeza, e num piscar de olhos já estava na garagem, estreita e escura.

Miguelito, mesmo que colocasse uma venda nos olhos, sabia como manobrar, e o fazia a toques dóceis mas determinados; assim, Miguelito travou a máquina a um palmo da pilastra, desceu a antena automática, utilizando-se do comando próprio; desligou os faróis de milha e as lanternas; levantou a alavanca do freio; acelerou em ponto morto o motor até que um coice de milhares de giros compelsse o ar em forte lufada pela quietude da garagem, reboando; satisfeito, desligou a chave do contato, travou a direção, destravou o cinto peitoral de segurança; olhou para o pequeno assento traseiro, confiante em que nenhuma fagulha de cigarro tivesse por descuido seu ferido o estofamento de couro, depois fechou a boca do cinzeiro; examinou distraidamente o banco lateral, retirou a flanela, as luvas e o detergente especial do porta-luvas, saindo do carro, mas deixando a porta do volante entreaberta; iniciou então uma inspeção em seu último modelo; retocou o brilho das laterais, limpando e polindo faróis e frisos; distribuiu depois uma camada do líquido diretamente sobre a pele dos pneus; esticando o braço pelo interior do *cock-pit*, alcançou o pequeno comando engravado abaixo do painel revestido de madeira; abriu o capô, retirou dali a estopa impecavelmente branca,

embebendo-a em grande quantidade de detergente; passou então a polir as rodas de magnésio, os pneus, os pára-choques e a placa do automóvel, devolvendo depois a estopa ao interior do câpo, e a flanela e o detergente ao porta-luvas; depois permaneceu no assento do volante, fechou a porta e abaixou o pino de segurança, para que não fosse colhido de surpresa; ficou com as luvas, luvas bem brancas.

A manhã logo chegaria; quando o animal acordasse, com sua fome e exigências costumeiras, Miguelito estaria ali, até quando suas forças resistissem; e quando papai e mamãe viessem buscá-lo, Miguelito fingiria estar dormindo profundamente.

No gabinete de Ralph

Encontro-me só, no gabinete de Ralph, à espera da noite, e aguardando, como todos os demais membros da família, que meu avô desista de viver.

Quando criança, tinha especial predileção por esse cômodo sempre mergulhado na penumbra, sempre misteriosamente intacto. Com seus tons pastéis, seus quadros de caçadas, seus painéis de madeira com arandelas, bem ao estilo inglês; com suas estantes até o teto laqueadas e fechadas com basculantes de cristal *biseauté*, atrás dos quais fileiras de livros encapados em couro vermelho ou verde abrigavam coleções e uma miscelânea de assuntos que atestavam o ecletismo de vovô.

De fato, Ralph discorria sobre quase tudo com desenvoltura suficiente para dar ao locutor a impressão de que ouvia um mestre naquela matéria, ou até mesmo um pensador cheio de idéias inusitadamente originais. Vovô era fogosamente heterodoxo quando convinha e manhosamente discreto quando não estava totalmente seguro de sua audiência e precisava estudá-la um pouco melhor -- o que normalmente ocorria quando algum novo convidado estava presente e vovô disposto a fazer dele uma nova presa. Aí então Ralph simulava uma austeridade moral combinada a uma disciplinada postura ortodoxa, o que conseguia, entre outros artifícios, exibindo em seu rosto uns cenhos carregados como os de um velho estudioso amador.

Até hoje jamais pude me certificar se de fato esses sentimentos acerca de meu avô eram comungados pelo restante da família; fazia parte de nosso estilo de vida não revelar a opinião que tínhamos em nosso íntimo sobre cada um de nós.

Naqueles meus verdes anos, de qualquer modo, as imposturas de Ralph não estimulavam minha mente; nem mesmo o tornavam pior aos meus olhos, pois minha relação com ele não se nutria de sua presença física ou intelectual, mas de sua paradoxal ausência.

O gabinete vazio de meu avô era o terreno em que minha relação com Ralph vicejava, a despeito de tudo, como uma coisa sólida, incorruptível e atemporal. No interior daquele quadrilátero fluuava um silêncio messiânico que me envolvia e arrebatava -- e onde, em uma espécie de delírio infantil, eu contactava a presença ausente (por assim dizer) de meu avô. Em

nenhum lugar da casa cheguei a sentir essas mesmas sensações.

Nesta noite que já avança sobre a folha de papel -- e que parece ser também a noite definitiva de Ralph --, experimento esse mesmo silêncio inabitado, mas ao mesmo tempo material e complexo, que contaminou minha infância e adolescência e que em grande parte, poder-se-ia dizer, foi o responsável pelo meu caráter arredio e contraído.

Estou agora sentado em sua escrivaninha *Directoire*, estilo que empresta um sabor fortemente mundano ao lugar, salientando o temperamento caprichoso mas pouco convencional de Ralph, posto que destoa de todo o mobiliário do gabinete. Quando terá sido a primeira vez que consegui explorar o claro tampo desta mesa, como faço agora? Meus dedos deslizam sobre o verniz da madeira e propiciam uma espécie de contato direto, sem diálogo ou imagens, com a história e o espírito moribundo de meu avô.

Já se passaram 20 anos desde que pela primeira vez fui em busca do inextricável mundo que me rodeava nesta casa, e de gatinhas, às apalpadelas e saracoteios, sucumbi debaixo desta mesa, sentindo seu entranhado e reconfortante aroma de resina e per-fume, enquanto minha babá, uma doce e cheirosa alemã, não se dera conta de que eu havia logrado êxito em uma de minhas estóicas tentativas de saltar o cercado e escapular de minha sala de brinquedos para ganhar o corredor, anel de asteróides e luz mais à mão na galáxia vizinha do meu mundo.

Acharam-me horas depois, imóvel e sem a fibra de aventureiro intemorato do início, mordendo simultaneamente a chupeta e a borda do meu babador, ainda sob a escrivaninha de Ralph e aparentando, como me afiançou mamãe um dia, muito medo e cansaço. Pois o fato é que nossa casa é grande e eu era tido como muito preguiçoso, lerdo e confiável, de modo que ninguém, ninguém mesmo, atinara com meu paradeiro. O escritório de Ralph, distante de meu quarto de brinquedos e sempre hermeticamente fechado, não fora sequer cogitado, mesmo depois que todos os demais cômodos já haviam sido varridos pelo desespero coletivo.

Fui ocasionalmente encontrado por minha tia Lavínia, velhota ligeira, mas desmemoriada, que ao me ver exclamou: "quem é você, meu rapazinho?"

Minha babá alemã não foi mandada embora em virtude do incidente. Continuou por vários anos perdendo rebentos da árvore genealógica da família pelos corredores, até que uma espondilite anquilosante a afastou dessa atividade. Chamava-se Edel, e ainda assim se chama. Após constatada sua doença, passou a residir na ala dos ex-combatentes, usufruindo de uma espécie de escravidão dourada, uma vez que não era mais solicitada a trabalhar para seus pequenos senhores fujões.

Não saberia precisar quando me sentei pela primeira vez na poltrona de Ralph. O fato é que meu temperamento introvertido me levava a cansar rapidamente do convívio das outras crianças; eu as achava, de resto, pouco imaginativas, pouco engenhosas e nada espirituosas, o que se explicaria talvez por sua baixa reserva de ambição, posto que seus pais imaginavam por elas -- e satisfaziam -- todos os possíveis anseios que viessem a alimentar.

Em vista dessa persistente inapetência para o convívio social, me refugiava a princípio em meu próprio quarto, deixando meus visitantes no salão das crianças, entregues aos refrescos, doces e sorvetes que a copa providenciava com frieza profissional e boa reserva de competência.

Contudo, depois que descobri a segurança inexpugnável do escritório de meu avô, passei a me refugiar nele, freqüentando-o regularmente e fazendo ali minhas lições de colégio. O escritório de Ralph foi, ao longo dos anos, meu esconderijo, minha caverna, minha toca, minha cabana, minha tenda, meu estádio de futebol, minha sala de estudos, minha câmara pré-nupcial e minha concreta torre de marfim. Passei em seu interior os melhores e os piores momentos de minha vida até hoje.

Nas raras vezes em que o Ralph de carne e osso cruzou meu caminho, tive a nítida impressão de que seu olhar me acusava de me haver apropriado, sem seu consentimento, de algo que lhe pertencia com exclusividade. Mudamente eu também o acusava, porque ele interpôs em nossa virtual relação uma distância que jamais seria vencida; e também porque Ralph, enquanto viajava e conquistava sua notoriedade, me aprisionara no continente mais árido e silencioso de seu mundo, tornando-me inapto para jogar meu próprio jogo na vida que pulsava fora dali.

A noite avança agora sobre as paredes forradas de livros. Acendo o abajur e o verniz da mesa de Ralph fulmina minha vista como única e exclusiva realidade palpável. Fecho os olhos e tudo desaparece, até que fachos alaranjados e sanguíneos se desenham sob minhas pálpebras. Sinto meu corpo inteiro doloridamente excitado por esse dia de espera.

Na quase escuridão da sala, ouço vozes que vêm do jardim do Oratório, assim chamado porque abriga uma capela. Vou até a porta de vidro da sacada e vislumbro sombras humanas plantadas no jardim e sobre as aléias do gramado. A distância e a luminosidade dos postes de luz do jardim fazem com que os visitantes se pareçam com ciprestes que fugiram ao rigoroso alinhamento das sebes. Testemunhas respeitadas, à espera de que o moribundo Ralph deixe de existir, aguardam como eu o desfecho do caso; simulam paciência e resignação, em seu papel de acólitos da morte dos poderosos. São, como é presumível, parentes distantes, diretores das empresas, sindicalistas, políticos, repórteres, curiosos e conhecidos, que um dia freqüentaram a casa e que deixaram de o fazer quando Ralph fê-los cair em desgraça. Todos eles querem, não obstante, ouvir de primeira mão a notícia da morte de Ralph Linhares Osborn.

Flashes espoucam na minha direção. Eles por certo se perguntam quem será aquele vulto à janela da casa. Afasto-me da sacada, abro um dos gaveteiros das estantes e retiro uma pilha de velhos álbuns de fotos. Abro o mais antigo deles (eu conheço todos muito bem).

(Fotos e Legendas)

1 Apenas dois bilhetes colados na parte superior da página cartonada. O primeiro traz os dizeres: "Meu querido filho, que estas páginas registrem, sempre, lembranças amenas e felizes, e que sejas sempre fiel, em atitudes e pensamentos, à sorte de teu nome. Tua mãe que te adora, Odília". O outro bilhete diz o seguinte: "Passo-te às mãos, Ralph, na data de hoje, 5% (cinco por cento) das ações que me pertencem, bem

como o mesmo percentual das quotas-parte de meus demais interesses. Que aprendas, desde cedo, a respeitar e a venerar os valores e as tradições dos Osborn, para que melhor possas usufruir das regalias de tua posição. Teu pai que muito espera de ti, e que só quer teu bem, Temístocles Osborn. São Paulo, 5 de novembro de 1893".

2 A foto traz Ralph embrulhado em delicada mantilha, dormitando no berço monumentalmente adornado para hospedá-lo nos primeiros meses de sua já dignificante existência. Apesar de tantas regalias, meu avô está contrafeito: suas mãos parecem querer espantar a luz, ou agarrar alguma coisa distante. O rosto rosado de vovô está contraído, prenunciando um choro.

3 Esta foto guarda os mesmos motivos da anterior; Ralph traz alguma coisa nas mãos, talvez uma sineta.

4 Temístocles tem o pequeno Ralph ao colo. Meu bisavô está recostado em uma espreguiçadeira de cana-da-Índia. Temístocles está inflexível.

5 Uma cândida aura de luminosidade e sublimação torna o rostinho rechonchudo de vovô resplandescente; parece mesmo um anjinho, a quem nem mesmo faltam as asinhas de papel de arroz. Sob a foto, lê-se: "Seis aninhos tem o herdeiro".

6 Ralph é uma criança forte. Enquanto acompanha desconfiado alguma movimentação que não aparece no enquadramento da foto, sua mãe, a seu lado, procura atrair sua atenção para o passarinho que acabara de sair da máquina fotográfica.

7 Agora é a vez do pai de Ralph empunhá-lo (este é o termo, sim) para uma foto convencional. Ralph esperneia no colo nada filantrópico do pai.

8 Foto fora de lugar, decerto, pois o pequeno Ralph, saltando do colo empedernido do avô, e no tempo, foi parar nos braços opulentos de uma *partner* de seios também opulentos.

O pano de fundo desta foto não se distingue bem. Pode-se ver a custo, à esquerda, um móvel semelhante a um cravo.

9 Voltamos novamente no tempo. E recuperamos o infante. Sentado em uma cadeira que lembra um trono cardinalesco, Ralph posa para a posteridade.

10 Outra vez o pequeno herdeiro, estreado a garupa de um verdadeiro *stallion*. Lê-se: "Ralph Osborn em Pirassununga. Primeiro encontro com a vida salutar do campo". Ao fundo, desfocadíssimos, um grupo de colonos com enxadas e rastelos.

11 A primeira comunhão de Ralph. Terno de veludo, camisa de cambraia e gravata branca. Uma longa vela nas mãos. *Introibo ad altare Dei*.

12 Vovô novamente pagando seu tributo ao Vaticano. A velha bíblia da família e um dossel acetinado auxiliam na composição do cenário. Vovô está à vontade. Sua pele é alva e translúcida, como as cortinas que fazem o fundo. Já se pode notar o longo e firme pescoço de vovô.

13 Ainda uma outra foto da comunhão de vovô. Ele recebe a hóstia das esquálidas mãos do Reverendíssimo Bispo Duarte, ex-prior de Angola, ex-prior dos Açores, ex-prior de Macau, absolutamente aposentado, ostentando hoje a impressionante marca de 112 anos de idade, metade dos quais vividos graças aos óbolos interesseiros das recalcitrantes e também impressionantemente velhas damas religiosas da família.

14 Era a festinha do 10o. aniversário de Ralph. Seus amiguinhos estão sentados a redor de uma espécie de picadeiro improvisado. Malabaristas se apresentam e vê-se à direita do picadeiro um teatro de marionetes com as cortinas cerradas, e sobre elas um fino lambrequim com o brasão esquartelado dos Osborn. Ralph está parcialmente encoberto pelo agitado braço do neto do Duque de Devonshire (Sua Alteza, o Duque, colocava integralmente sua malemolente energia e sua parca

inteligência a serviço do cultivo de florações monocotiledôneas tropicais, em que absolutamente, diga-se a bem da verdade e da ironia, jamais se distinguiu). Fazem parte ainda do grupo que esteve nesse evento, embora ausentes da foto, o neto do Conde Leicester, o pequeno biliardário Bedford, o neto (ou bisneto) de Francis Baring, o sobrinho-bisneto (ou neto) de John Walker (diretor do Times); Hélène Périer, o gordo Bill Morgan, Lilian Vickers (cuja família tem ou tinha negócios de munições e material bélico), além de alguns novos-ricos, hoje menos novos, como Mike Hériot, André Chauchard, Ferdinand de Wendel (negócios na metalurgia) e de um lânguido e febril herdeiro de William Cockerill (máquinas de cardar) -- e, sim, é claro, havia também uma Rothschild, neta, parece-me, de James, O Mecenas.

15 Ralph diverte-se em uma cachoeira. Abaixo da foto, lê-se: "Como Deus o fez e o destino o tornou". Ralph, metade do corpo mergulhado na água, metade fora, faz caretas para o fotógrafo. Ao seu lado, alguns jovens parecem se divertir muito.

16 Fotografia caricata, fazendo-me lembrar de antigos cartazes de lutas de boxe. Aqui, o jovem Ralph, provavelmente com uns 15 anos, se exhibe, trocando luvas com um oponente desconhecido. Ralph tem a luva da mão direita encostada na face esquerda do desafiante, que sorri para o carrasco.

17 Ralph conclui o liceu, recebendo das mãos do diretor um pergaminho. "São Paulo, 12 de dezembro de 1910."

18 "Enfim a maioridade!" é a inscrição. Ralph aparece sozinho, coluna esticada, cotovelo esquerdo e antebraço apoiados sobre um *bureau de travail*. A expressão de vovô é neutra. Eu diria quase ausente e fria. Já havia brotado sua personalidade cal- culista.

19 Trajando pantalonas largas e uma jaqueta, Raph é fotografado no pátio da Tecelagem Altamira, que àquela época ainda estava nas mãos da família. O jovem Osborn tem um ar circunspecto de patrãozinho.

20 Um piquenique no campo, companhias femininas, entre elas Cindy Northbrook (descendente de Lord Northbrook) e Jaqueline Périer (herdeiras das águas; não confundir com Hélène Périer, descendente de Antoine Périer, banqueiro, usineiro, industrial, do ramo da fiação e da fundição; do gás de iluminação, além de outros interesses menores).

21 Ralph Osborn ao lado de um *landau* preto. Acentua-se rapidamente o ar *blasé* de vovô, que seria no futuro mais uma de suas máscaras, digo, marcas.

22 Vovô, mais amorenado que de costume, é visto novamente inspecionando seu capital industrial. Desta vez, deixa-se fotografar ao lado das novas máquinas de tecelagem da Santa Ursulina, unidade têxtil que iria mais tarde se tornar uma holding e que já ganhava força, superando em muito o faturamento da vetusta Tecelagem Altamira. Uma legenda sob a foto: "O herdeiro Osborn, bem fornido e vivido, visita pela primeira vez a casa que um dia comandará". Assinado: "Sua mãe, Odília". Sabe-se que foi de fato somente depois de formado que Ralph Osborn passou a se ocupar de alguns negócios. Assim, essas fotos serviam apenas como balões de ensaio do laboratório de Temístocles.

23 É quase certo que nesta foto vovô tinha seus 20 anos, não mais, pois foi com essa idade que começou sua carreira internacional. A gare da Central do Brasil surge amarelecida pela umidade que impregnou a foto, que é portanto de 1913. Ralph veste uma sobrecasaca parda. No segundo plano, uma pequena multidão se aglomera em semicírculo. "É uma foto histórica", como afirmou tia Isolda, ainda no Natal passado, ao folhear o álbum. Vovô dali a pouco encetaria sua longa viagem de estudos até Cambridge. No dia seguinte, no porto da Capital, esperava-o o Lloyd com destino a Southampton.

24 Aí está ela! Ullrich Krupp (carinhosamente chamada de Ully), parente do tronco alemão de vovô. Ela é vista ao lado de Ralph. Sua ida para a Europa iria estreitar ainda mais os

laços entre as duas famílias.

25 Ralph, ainda estudando em Cambridge, viaja para a região conhecida como Heart of England, visitando Cheltenham, Stratford-upon-Avon, Cirencester e Worcester. Hospeda-se na ala georgiana de Owlpen Manor, sendo recepcionado por Henry Daunt. Na foto, vê-se a velha Rose Plumket, a igualmente veneranda Mary Heard, Joseph Bradley (filho de Thomas e Marjory Bradley), Phillip Stanson e Robert (seu irmão), estes últimos filhos de Anne W. Stanson, na época já viúva de Timothy.

26 Vovô está ao lado de uma montaria. A foto parece ser da mesma época da anterior. Ele, que sempre alegou publicamente preferir mulheres mais jovens, tem a seu lado uma *lady* anônima demais e madura demais. Sem outras referências.

27 1917. Ralph bacharela-se em direito internacional por Cambridge, sem louvor acadêmico, mas com ponderáveis e sólidos resultados no campo da investigação social. Vovô de toga exibindo um fino bigode está correto. Chega mesmo a marcar presença no grupo de formandos da foto oficial.

28 Hyde Park, London. Vaginas e *fallus* de burgueses nobilitados passeiam. Ullrich e Rally reaparecem. Explico-me: vovô, em um jantar oferecido a Leopold Siemens, anos atrás, enalteceu publicamente as virtudes plásticas de Ully. Nessa ocasião, tornou público o fato de que Ully lhe impusera, sobre a grama do Hyde Park, no ano da revolução russa (nunca compreendi bem a relação), o medonho apelido de Rally, defendendo as qualidades eufônicas da escolha. Após simular que considerara seriamente a proposta, conta Ralph que se voltou para Ully Krupp e após morder seus lábios disse-lhe que gostava muito de suas bem formadas orelhas, mas que detestava a educação musical de seus ouvidos. Logo concluiu-se que o hipocorístico foi aplicado em vovô nessa ocasião, talvez poucos minutos antes da foto ser batida.

29 Novamente Ully e Rally, agora em trajes de gala, o

que, na época, e se considerando as *stocks* de ambos, significava: diamantes e pingentes galáticos de um lado e ouro africano de outro. Sim, ela vestia um longo com bordados da Antuérpia; Ralph, um *dinner jacket* com sobrepeliz de chinchila -- e mantinha preso por uma corrente de ouro um Girard Perregaux *trois ponts tourbillon* que não ficava nada a dever à girândola de rubis e diamantes que Ully exibia entre os seios, embora fosse absolutamente derrotado pelo colar *festonné*, também com rubis e diamantes, que dardejava cintilações na direção do terceiro integrante do *composé*: um bracelete, também de notável simplicidade, que a alemãzinha suportava no pulso direito como arma de primeiro ataque.

30 Uma foto dedicada aos pais: "Para meus adorados, a epifania deste instante inesquecível. E todo o sincero reconhecimento deste vosso filho, Ralph Osborn". A Krupp e ele posam para transformar os *gossips* que cercam seu relacionamento em algo mais palatável para os pais de ambos, como também para que Rally, ao retirar da penumbra seu relacionamento com ela, obtenha permissão para continuar cortejando Ully.

31 A foto assinala o ano de 1918. Ralph tem 25 anos. Leves entradas no cabelo castanho claro. Ralph, em plena Primeira Guerra, teima em permanecer em Paris. A mulher que está a seu lado, com rosto angelical e curvas estupendas, é Josie Périer (irmã mais moça de Jacqueline Périer, amiga de infância).

32 Apenas uma legenda, posto que a foto foi arrancada do álbum. Ralph, durante a guerra, afasta-se do convívio dos Krupp. Sob o local da foto pode-se ler com dificuldade: "Osborn e Krupp, Hamburgo, 19??". Quem terá tentado apagar estes singelos di- zeres?

33 "Fechamos finalmente um belo negócio! Importaremos teares da Europa e pagaremos numa operação triangular, aproveitando que o algodão cru está em alta nas bolsas de Londres e de Paris. Este é o caminho certo, escrevam isto". A

assinatura da legenda é de Ralph, que comparece na foto ao lado de um gordo industrial. Também não se pode ver a data.

34 Ralph regressa ao Brasil. Do convés, acena para o fotógrafo. Porto do Havre, 23 de setembro de 1918.

35 Em Campinas, Ralph é encantador com Eudóxia Ferreira. Para surpresa de todos (inclusive da tímida Eudóxia). O Bugatti preto e dourado de Ralph cintila escandalosamente. Eudóxia, não.

36 Gumercindo Bastiat Ferreira e sua esposa, Antonieta (Lenormant era seu sobrenome de solteira; pertencia a uma família de famosos arqueólogos), recebem Ralph, noivo de sua filha Eudóxia. Estamos no verão de 1920.

37 As bodas do casamento de vovô foram celebradas em Campinas, a 18 de novembro de 1920. Foi, como é natural, uma cerimônia grandiosa. A foto que o diga.

38 Sabe-se que vovô Ralph, nem bem se concluíram as bodas, tomou o vapor para *Le Havre*, deixando Eudóxia grávida de um filho, abortado naturalmente no início do segundo mês de gestação. Na foto vê-se Ralph no porto (de Santos?), ao lado dos Ferreira.

Meu avô acompanhou o desenrolar dos fatos à distância, mais interessado que estava em uma questão de exportação de carne e café (que realizou às custas do sogro). Após permanecer alguns meses em Londres, embarca para Atenas, contratando diversas cargas de óleo comestível com destino ao mercado brasileiro. Ao mesmo tempo, Ralph faz os cargueiros retornarem para Europa com os porões abarrotados de carne uruguaia, argentina e brasileira, para abastecer o mercado do Reino Unido.

39 Na primavera de 1921, Ralph ainda se encontrava na Grécia. Esta foto traz a dupla Osborn-Krupp a bordo do **Paros**, ancorado em algum ponto do Egeu. Algumas poucas semanas depois, se não estou enganado, eles embarcam para New York,

contrariando as determinações da família de Ully. Tremendos contratempos na imigração americana. Ralph então cancela sua agenda em Washington D.C. e parte para o Canadá. Quanto a Ullrich Krupp, não saberia dizer o que foi feito dela naquelas circunstâncias, sendo contudo provável que Ralph a tenha embarcado em um vapor com destino ao norte da Europa. Nesse ínterim, Eudóxia se recupera. As poucas notícias que obtém do marido chegam através do escritório de São Paulo. Durante o ano seguinte, Eudóxia contenta-se com a singela informação: "Ralph está vivo, e bem".

40 Uma foto de Eudóxia neste mesmo jardim do Oratório, em frente ao qual me encontro agora. É uma mulher triste e cansada, embora ainda muito jovem. Parece-me que a vida passou por ela como um furacão, e vovó não teve tempo para refletir, dando-se repentinamente conta de que tudo já havia sido e nada a havia fundamente tocado. Era pois uma mulher sem mistério, porque o mistério advém de uma vivência íntima e intensa do tempo.

41 Ralph inaugura o escritório europeu do conglomerado Osborn, cuja holding é a Tecelagem Santa Ursulina, que por sua vez controla fazendas de algodão, lanifícios, fábricas de tinturas, fiações, além de uma empresa de importação e exportação, a London & São Paulo Trading. Esta, por seu turno, controla fazendas de café no triângulo mineiro, uma indústria de implementos agrícolas no Oeste de São Paulo, além de possuir, como não poderia deixar de ser, algumas cotas do grupo Ferreira, a título de cabeça-de-ponte. A foto? É Ralph espoucando um champagne na abertura das portas do *bureau*: 14, Rue Royale. Claro, em Paris.

42 Estamos no ano de 1923. Constâncio Vaz, superintendente tesoureiro do conglomerado, homem de confiança de Ralph, é portador da devastadora notícia: Ully e Rally tiveram um filho, que ganhou o nome de Jordan. Ully falece após um parto extremamente difícil, em virtude de insuficiência cardíaca. Ralph retorna ao Brasil, trazendo o filho para Campinas. Além dessas notícias, Constâncio foi também o portador justamente dessa foto do álbum, onde Jordan, meu pai,

aparece no berço.

43 Um recorte de jornal colado no álbum. A chegada de Ralph Linhares Osborn com o filho Jordan Krupp Osborn no porto do Rio de Janeiro é uma sensação. Vovô acena da escada do convés com um chapéu. Traz no braço esquerdo um pequeno fardo, enrolado em uma mantilha. Manchete: "Ralph finalmente chega com o filho de Ullrich Krupp". Sob o recorte, escrito a lápis com grafia insegura: "Ralph Osborn e o pequeno Jordan, no Rio de Janeiro".

44 É um novo recorte de jornal: "Enterrado magnata do café Gumercindo Ferreira". O pai de Eudóxia não resiste à chegada de seu genro com o filho da amante alemã e tem um infarto fatal. É sepultado na capela da fazenda de Campinas. Foto do féretro partindo da igreja. Legenda da foto: "Enterro do Míster Café".

45 Foto de Jordan nos braços de Lindalva, que fora escrava dos Ferreira e que, segundo consta, se recusou a deixar a casa quando veio a alforria. Preferiu pois o certo pelo incerto. Por essa época, a velha escrava havia já perdido a calma da maturidade e o siso. Chamava o filho de Ullrich de "meu alemãozinho doente", para desgosto da família de Eudóxia.

46 A casa da foto é a sede da fazenda em São João da Boa Vista, último quinhão de terra dos Bastiat Ferreira que, em 1924, Ralph passou adiante, reinvestindo em seu conglomerado todo o capital apurado. O patrimônio, totalmente administrado por Ralph, é multiplicado uma dezena de vezes, sem a ingerência de Eudóxia ou Antonieta, ambas destituídas de qualquer poder deliberatório. Claro está que as duas senhoras, igualmente, jamais ganharam um centavo em tudo isso, sendo certo também que a esposa de Ralph nunca ousou interpellá-lo acerca de negócios, quaisquer que fossem eles. A viúva Bastiat Ferreira, por seu turno, estava muito fraca para tal.

47 Ainda no final de 1924, Eudóxia regressa a São Paulo, empurrada pelo que lhe restara de ânimo e auto-respeito. Este

foi o único gesto de rebeldia que se tem notícia de minha avó. Sem tempo para se agastar com o que considerou "um rompante inaceitável de Eudóxia", Ralph embarca para New York, com o fito de importar maquinário para Santa Ursulina e vender o café que pertencera aos Ferreira, e que dormia no entreposto. Desinteressado das coisas do campo, Ralph aproveita a oportunidade e vende também todo o café que lhe pertence, e que ainda se encontra no eito, à espera da colheita. A foto em questão é justamente de Ralph na sela de uma montaria, tendo ao fundo um cafezal. Onde teria sido tirada esta foto?

48 Meu avô não previra a crise de 29, mas quando ela aconteceu, o conglomerado Osborn já não tinha mais um só grão de café estocado e já havia passado adiante todas as fazendas, inclusive as de algodão. No ápice da crise, Ralph comprava discretamente terras de fazendeiros falidos e pequenas indústrias insolventes. O golpe de sorte valeu a ele a regalia de flutuar sobre a bancarrota geral e de ver de um ponto muito mais alto o mundo a seus pés. Desde então, foi desse lugar que Ralph Linhares Osborn assistiu, ora com maior, ora com menor interesse, aos acontecimentos da vida. Vovô é fotografado em mangas de camisa, supervisionando a construção desta casa. Mordisca um charuto, e está dourado pelo sol.

49 Foto de Jordan, com sete anos. É o ano de 1930 e Washington Luiz é deposto. Ele é visto novamente no regaço da louca Lindalva, quase cega. Os anos seguintes, Jordan passa-os ao lado dos Krupp, sendo esporadicamente visitado pelo pai. Quando a Segunda Grande Guerra parece inevitável, Ralph arranca o filho de Frankfurt, deposita todo aquele dinamite loiro e germânico nas obedientes mãos de sua ainda obediente Eudóxia e lhe diz: "crie o menino". Assim, aos 16 anos, Jordan reencontra o país do qual já havia se desligado completamente. Suas relações com Ralph são pouco afáveis e Jordan deseja voltar para a Alemanha, cujos laços com os Krupp são aparentemente fortes no princípio, mas começam, após alguns meses, a se adelgaçar até se romperem debaixo de um ódio de soldadinho contra os parentes alemães. Entretanto, como tudo o

que atravessava o caminho de papai, esse sentimento desapareceu rapidamente após o armistício, restando uma difusa lembrança dos anos de infância.

50 Durante sua curta existência, sempre me pareceu que a verdadeira paixão de Jordan fossem os carros-esporte, além das empregadas domésticas, que perseguia obstinadamente pelos corredores da casa de Eudóxia, em São Paulo. Foi muito provavelmente dentro de uma *barata* conversível como a dessa foto -- em que Jordan aparece com óculos de aviador --, que meu pai transferiu um punhado da rica seiva dos Osborn para o ventre de uma copeirinha faceira, que (diga-se de passagem) soube me criar com grande desvelo desde o primeiro minuto após me haver dado a luz. Chama-se Adelaide. Maria Adelaide Osborn. Jordan permaneceu fiel a ela até o acidente automobilístico que o vitimou. Eu estava com 5 anos.

Poderia passar muitas outras noites em claro visitando o passado de minha família através dessas imagens, mas estou exausto. Abro todas as cortinas para deixar entrar o dia e me aproximo da sacada, sobre o jardim do Oratório.

Lá embaixo, uma verdadeira multidão se concentra, esperando a notícia do fim de Ralph Linhares Osborn. Quando ganho a sacada, todos me olham com certa esperança. É um mundo convulsionado e mesquinho esse que Ralph deixou como legado. "É pegar ou largar", diz uma voz aos meus ouvidos. Volto-me e não encontro ninguém.

A multidão se agita cada vez mais. Alguns começam a gritar e a gesticular. Ergo os braços, exigindo silêncio. Eles obedecem a meu sinal, pois esperam de mim a frase tão aguardada.

Foi um golpe sujo de Ralph esse de mais uma vez me deixar sozinho, mas assim mesmo vou falar.

Mágico

Naquela segunda-feira, Fausto abandonou o teatro sem dizer nada a Nerval. A primeira sessão de ilusionismo havia sido quase melancólica, não fosse pelo número final, do pombo, que arrancou por alguns instantes a pequena audiência do letargo. Fausto não se sentia em condições emocionais e técnicas de se reapresentar naquela noite, daí porque decidiu abandonar seu camarim e deixar o Nightingale discretamente, sem nem mesmo comunicar sua decisão a Nerval, que de qualquer modo não aprovaria sua ausência na sessão final, após as canções de Janete.

Fausto não morava distante do café-concerto, e salvo nas noites em que estreava algum novo número e sentia compulsão para beber após o espetáculo, invariavelmente ia direto para seu apartamento, a duas quadras dali. Na sala atravancada de móveis, Fausto se imobilizava em frente a janela, de onde vislumbrava a calçada vazia e algumas lojas com as portas cerradas, em cujo telhado pombos anafados pareciam imitar a atitude do mágico, permanecendo também imóveis até o alvorecer.

Quando os primeiros raios de sol esbatiam contra os telhados do outro lado da rua, injetando luz nos nichos, Fausto se recolhia para o quarto, em que por tantos anos viveu com Lúcia até sua morte há exatos doze meses, e se deitava sem despir nem mesmo a casaca de alpaca, que o acompanhava nas apresentações. Com os olhos fechados, as mãos cruzadas sobre o peito, numa atitude de certo modo macabra e inegavelmente teatral, Fausto ouvia o despertar das aves e só então caía no vazio do sono.

Ele vivia uma rotina medíocre, sem sobressaltos, ou euforias;

sem grandes surpresas ou decepções, embora, a bem da verdade, de modo algum se pudesse chamar de corriqueiro o viver de Fausto. Mesmo o relativo fracasso de suas sessões de mágica, que recentemente apenas recebiam uma morna acolhida por parte dos espectadores, não chegava a alterar o curso inabalável de sua vida. Por certo Nerval, se quisesse, poderia com apenas uma palavra afastá-lo do palco do Nightingale, mas Fausto, embora não soubesse fazer outra coisa na vida, não parecia nutrir qualquer temor nesse sentido -- nem mesmo os olhares percucientemente desaprovadores do patrão chegavam a abalá-lo.

Indiferente às conseqüências, Fausto saiu do estabelecimento de Nerval fazendo uso da porta da zeladoria, que dava acesso à rua de trás. Enrolado em sua capa de mágico, avançando pela calçada com a bengala em punho, com o castão de prata de lei lavrado com a cabeça de um tigre boquiaberto, e protegido com sua alta cartola, Fausto venciam rapidamente, poder-se-ia dizer furtivamente, a distância que o separava do lar que construiu para Lúcia quando chegaram um dia, há muitos anos, de Buenos Aires.

Era uma figura estranha e sem dúvida bizarra aquela, vestida de modo tão incomum, distinto e inesperado. Mas o que talvez causasse ainda maior estranheza era a forma como Fausto se locomovia: como se estivesse prestes a ser apanhado e ingenuamente, para não ser reconhecido, precisasse apurar mais ainda seu disfarce. Para tanto, Fausto por vezes atirava as abas da capa para frente, quase cobrindo o rosto, dessa forma escondendo o lado carmim da capa. Outras vezes, com os mesmos trejeitos (poderíamos dizer infantis?), simulava se confundir, em sua negra veste, com a noite. Sua sombra então se enclausurava na própria escuridão, fundindo-se ao novelo disforme dos objetos sem luz própria. Seria patético se a despeito de causar piedade, esse maneirismo de Fausto não causasse também alguma amedrontadora impressão, sobretudo nos espíritos mais sensíveis.

Fausto não tinha, contudo, qualquer intenção de causar medo a alguém. Mesmo quando mais jovem, na época em que nutria projetos de impossível realização -- como superar o autocontrole muscular e metabólico de Oudine, ou se tornar a

encarnação da lenda de Jonas vivendo no estômago de uma baleia real; mesmo nesse tempo, em que a realidade não impunha qualquer limitação para seus devaneios, nunca chegou ele a arquitetar uma mágica em que o componente do medo superasse a expressividade da técnica da ilusão. Antes de tudo era um mágico. E ao menos naqueles primeiros anos, com Lúcia em Buenos Aires e depois no apartamento nas proximidades do Nightingale, as mágicas de Fausto jamais causavam temor, mesmo às crianças. Ao contrário, uma doce felicidade parecia se apoderar das pessoas após cada apresentação do jovem Fausto Galarza.

Enquanto caminhava, mais curvado ainda que o habitual por força do vento forte que soprava, Fausto trazia a cabeça repleta de lembranças das noites portenhas. Estimulado pelo verso: "*Mi Buenos Aires querido, quando yo te vuelvo a ver*", que se articulava em seu peito como um discreto e abafado silvo, Fausto manejava os escaninhos de sua memória, para deles refilar as surpreendentes imagens da noite em que, com insuspeitada ajuda, conseguiu finalmente dar por acabado o número do pombo. Lúcia insistira para presenciar a criação desde o início, de modo que a companheira de Fausto levou consigo para o outro estado de vida as mesmas vigorosas imagens que marcavam a existência e o cotidiano do ilusionista.

Por causa disso, em certas ocasiões, a natural abulia de Fausto era substituída por uma funda e dorida angústia, pois ele deliberadamente se culpava pela morte da companheira. É que às vezes acreditava que haver partilhado com ela o grande segredo do seu número teria sido fatal para os delicados nervos de Lúcia. De fato, após ter experimentado, como única assistente mortal, o passe do pombo, principiou, em Lúcia, um notável decaimento físico, enquanto seus nervos traíam-na a todo instante, levando-a a longos períodos de completo descontrole, marcado por um sentimento de culpa indescritível; como se Lúcia quisesse arrancar do coração um fardo que não ousava mais carregar dentro de si. Fausto, mais que nunca, nessas horas, culpava-se pelo suplício de Lúcia e jurava que iria encontrar outro ilusionismo tão surpreendente e hipnótico quanto o número do pombo.

Era de todo inútil. Os anos foram se passando, sem que o

mágico lograsse engendrar algo tão magnético quanto aquele passe -- e, quer acicatado pela vaidade que o animou até que Lúcia falecesse, quer porque fortemente estimulado pela audiência exigente, o fato é que o grande número era repetido todas as noites.

Ele alcançou a porta de seu modesto apartamento. À entrada, retirou as luvas brancas e a cartola. Mantinha os lábios cerrados, mas comprimia as narinas, que vibravam, quase imperceptivelmente em sua habitual timidez, as notas de "Soledad", de Gardel e Le Pera. Uma vez que havia escapado da última sessão, Fausto chegara mais cedo em casa. À porta da cozinha, seu coelho se agita como se estranhasse o fato. O mágico fixa seus olhos castanhos nos olhos vermelhos do pequeno animal. O coelho gira sobre as patas traseiras e se imobiliza quando seu instinto pressente a aura do mágico. Fausto ergue a gaiola do pequeno animal e a coloca sobre a pia, dirigindo-se para o quarto em que Lúcia expirou pela última vez.

O ilusionista avança lentamente na direção da caixa mortuária em que, embalsamada, Lúcia, sobre cetins, jaz, tranqüila e serena como quando Fausto a conheceu. O mágico inclina-se para a morta e seu rosto toca a lisa frialdade do vidro. Não importa. O que Fausto efetivamente sente ao colar seu rosto contra aquela superfície é a pele macia e quente de Lúcia. Cerrando as pálpebras e concentrando sua mente, o ilusionista extrai vida das trevas e beleza da morte. Com a máxima potencialização de sua vontade e de sua força, o mágico projeta-se no espaço do imaginário, de forma que, tal como no palco, em que a fantasia torna-se realidade, a vida, em suas mãos, e sob o jugo de seu poder, se torna um desdobramento da própria magia; seu produto e sua fatalidade.

Balbuca mais alguns versos de "Soledad", e seus lábios, agora entreabertos, deslizam pelo rosto imaginário de Lúcia, até que o vidro da caixa mortuária se torna baço, deixando a impressão de que do outro lado, no interior do móvel, alguém respira, ludibriando a morte e exalando sobre o tampo transparente um hálito vital.

O mágico decide então que fará ali, naquele modesto lugar, sem espectadores, música ou luzes especiais, o passe do pombo

sem volta. Variante mais atrevida de seu número.

Na sala, Fausto veste as luvas brancas, empunha a bengala e a cartola, dirigindo-se até a janela, de onde avista os pombos no telheiro defronte. As aves, alguém diria, parecem notar a presença do mágico. Suas asas cinzentas estremecem como se seus pequenos corpos tivessem experimentado uma carga elétrica. Fausto abre a vidraça do aposento, volta-se para o interior da sala e toca por três vezes a aba de sua cartola com o castão da bengala. Um volume branco assoma de seu interior, experimenta sua nova liberdade por curtos instantes, e se precipita para fora, até que pouso, o coração aos pulos, no ponto mais alto do telhado em frente, um pouco acima dos nichos das demais aves, agora imóveis.

Fausto novamente toca a aba de sua cartola com o castão; imediatamente o mágico e seus petrechos desaparecem por completo e o apartamento cai num silêncio profundo, somente interrompido vez por outra pelo arrulhar de dois pombos no interior da caixa de vidro. Ou pelo quase imperceptível pisotear do casal emplumado, em seu recanto de cetim.

La rosa blanca

Para Leonor, amiga sincera e prestimosa,
por me haver cedido, certa feita,
papel e caneta, instrumentos indispensáveis,
como se sabe, para se fabricar um conto.

Cultivo la rosa blanca
En Junio como en Enero,
Para el amigo sincero
Que me dá su mano franca.
Y para el cruel que me arranca
El corazón con que vivo,
Cardos ni ortigas cultivo.
Cultivo la rosa blanca.

José Martí

Lenita molhou os pés na orla do mar em El Uvero, soltou uma estrondosa e rechonchuda risada e correu, assustada e ao mesmo tempo muito excitada, para os braços de Florentino Álvares, seu pai.

Ventos de sudeste arrastavam chapéus e tudo o mais que encontravam pelo caminho; empinavam as ondas, que

farfalhavam sobre o recife de corais e desciam frenéticas e volúveis ao encontro da praia. María Teresa, sua mãe, grávida de Isabel María, precipitara-se atabalhoadamente na direção da toalha onde assentara as garrafas de vinho, de tafiá e de schrub; os pedaços de frango, as broas e as espigas de milho; as cerejas, as nozes de acaju, os ananases, a compota de doce de coco, tudo enfim que desencantava Saturnino, que viera a contragosto e não escondia seu desprezo por rega-bofes familiares à luz solar, mesmo quando se ouvia, num toca-discos movido a pilha, agora também severamente ameaçado pela ventania, *All or nothing at all*, na voz de um americano à frente da orquestra de Percy Faith, chamado F. Sinatra.

Um pouco mais afastados do piquenique, mas igualmente muito interessados nos acepipes, estavam os tios Juan, José, Manoel, e Paco, todos, sem exceção, vestidos à marinheira. Tio Juan tinha uma garrafa de rum semi-enterrada na areia, ao lado de sua espreguiçadeira. De tempos em tempos servia uma rodada para os que estivessem mais próximos. Quando o vendaval principiou, tio Juan arrolhou a garrafa e bradou:

-- Merda!

Tio Melquiades (pronuncia-se Melquiádes), de pele ressecada como um palmier de confeitiro, estouvado e brigão, exibia calções de boxer. Quando a ventania aumentou, retorceu as feições do rosto, olhando para o alto de maneira desafiadora; tia Isabel Amada, sensível e doce como um pote de brigadeiros, de pele antilhana, segurava, naquele momento em que tudo parecia turbilhonar ao redor, uma delicada sombrinha que ameaçava se despedaçar.

Tio Manoel amava o sol mais do que todos. Seus olhos verdes reclamavam da luz que ele sempre tão insistentemente procurava, mas ele não se importava com isso. Quando Lenita foi alçada pelo pai, e o mundo deu a entender que ia desabar, tio Manoel estava correndo sobre a areia da praia, e era apenas um ponto perdido no extremo da península. Naquele momento, pensou que talvez fosse capaz de voar como um pássaro.

Havia ainda tia Nena, esculpida como uma ninfa de Rodin, mas de beleza íngreme como a de um couraçado. Estava de pé, mãos na cintura finíssima, naquele momento, olhando com seu remoto e alvo queixo o filho Charly estremunhar na falsa

segurança do berço de vime.

Não bastassem seus dotes físicos terrenos, tia Nena era uma adivinhadora de catástrofes. Naquela manhã protestou quando, voto vencido, deixou Charles, seu jovem e galante marido com sua pneumonia, e se juntou ao grupo (num futuro distante, e fora do alcance dos acontecimentos aqui relatados, ela preverá e evitará a morte de seu filho).

Tia Matutina, atilada vidente e comandante-em-chefe do clã, naquela ocasião cobria-se de panos até o pescoço, como se fosse empreender viagem para bem longe. Seus olhos tinham por vezes a cor das águas agitadas. Quando tudo começou a voar pelos ares, ela olhou para Nena.

Por fim havia tia Argentina, feia como um cactus, presenteadada com loiros e persistentes bigodes, mas de fala digestiva como uma infusão de canela. Tia Argentina salvara o long-play antes que o toca-discos fosse coberto pela areia. Era mesmo tudo ou nada, pensou, enfiando o disco na caixa.

Vivia-se o final do ano de 1955. E fora a primeira vez em que Lenita sentira o sal do mar em seu corpo; vira as folhas das palmeiras sendo quase arrancadas pela tempestade marítima que se avizinhava, e se sentira abandonada por um milésimo de segundo; sim, abandonada, frente à voracidade da vida, apesar de tanta gente à volta.

Fora também a primeira vez dentre muitas outras em que participara de banhos de mar. É provável que aquelas presenças elementares do oceano, da areia, da vegetação rasteira da praia de arrecifes de El Uvero; do vento naquela tarde, em que o sol e as nuvens cinzentas travavam um embate quase cruel, fiquem para sempre em seu espírito como a mais funda e solitária lembrança de sua passagem por Cuba.

É muito cedo, contudo, para tratar disso. Por ora Lenita agarra-se ao pescoço do pai, que se curva para sobraçá-la, enquanto ela sorri para uma das tias e procura com inexcedível bravura se acalmar.

Como fora a primeira vez que conhecera o mar, talvez tenha pensado que ele sempre seria assim, agitado e violento. Sim a água era esquisita. Esquisita, melada e fria; mas atraente, apesar de ameaçadora. O vento rugia de um modo que ela nunca tinha ouvido, tudo parecia estranho e perigoso. A areia da praia

metera-se entre os dedos de seus pés. Lembrava-a da hora do banho, em que sua mãe introduzia os dedos ensaboados da mão, mas ainda assim ásperos, por entre os seus, e ela gostava e desgostava ao mesmo tempo, recuando o pé, mas logo em seguida deixando que sua mãe agarrasse novamente seu calcanhar e pacientemente cuidasse de sua higiene.

Mas ali estava seu pai, já preocupado em desfazer-se rapidamente do pequeno fardo. Florentino era um espanhol de Astúrias muito conservador e defensor das boas regras quando em família. No entanto, no momento em que seu sapato italiano tocava o chão do lado de fora da propriedade de Guantánamo, a carne falava mais alto, e Florentino a servia colocando uma venda nas severas vistas da moral e da razão. Ocasões não faltavam para mantê-lo fora do lar. Ora eram os negócios em Bayate, ora uma nova propriedade mais ao norte, que tencionava avaliar com os próprios olhos. Ora era o chamamento de Espanha, para onde viajava com certa frequência.

O pai de Lenita chegara em Cuba com a idade de onze anos. Como espanhol, sofreu no colégio com as aulas de história, cujo professor acusava os espanhóis de assassinos dos povos antilhanos primitivos, o que era absoluta verdade, mas nem por isso menos dolorosa.

Numa certa festa, em casa de uma conhecida de Mercedes, Chama Telema, cujo pai era dono de um engenho de açúcar, Florentino conheceu a mãe de Lenita. Namorado desde sempre, Florentino cortejava-a e a um punhado de outras jovens casadouras simultaneamente.

María Teresa era cubana e órfã; órfã de maneira especialmente dolorosa e trágica: sua família fora dizimada num maremoto em Santa Cruz del Sur, província de Camagüey, quando contava apenas dez anos. Essas duas peculiaridades, o fato de ser cubana e o fato de ser órfã, eram consideráveis desvantagens para quem pretendia entrar no seio do clã dos Álvares, contudo ela não se intimidou. Quando se deu conta de que seu consórcio corria perigo devido aos arroubos carnavais de Florentino, preparou um blefe. Disse-lhe que ia se casar com outro. E dentro de pouco tempo. O jovem conquistador encheu-se de orgulho próprio e lhe propôs imediatamente casamento. A

cubana disse-lhe que iria refletir a respeito. Mas não precisava fazê-lo. Florentino foi, desde sempre, o único homem de sua vida.

O avô de Lenita, pai de Florentino, era um caçador de lobos e de mulheres. Aos poucos, foi se desfazendo de uma imensa fortuna, herdada de seus antepassados. Jamais trabalhou um dia sequer. Suas longas e imerecidas férias encerraram-se pouco depois de completar 45 anos de idade.

José, que era como se chamava esse homem ocioso, casara-se cedo, com dezesseis anos. Sua mulher Mercedes era ainda mais jovem, pois tinha dois anos menos do que ele. As três primeiras filhas do casal nasceram na Galícia, mais precisamente em Villa Nueva, na região de Teverga.

Apesar de jovem, Mercedes tinha a prudência de ambicionar para as mulheres da família a melhor educação que o dinheiro pudesse comprar. Mandou-as para as freiras do Sagrado Coração, em Madrid, e lá as manteve o quanto pôde. Quando percebeu que a fortuna de José estava prestes a se escoar inteiramente, decidiu que o melhor para a família era irem viver em Cuba, onde poderiam se estabelecer decentemente com o que restara de dinheiro. Ademais, a ida para a ilha tinha também um aspecto nostálgico: seu tetravô fora, por volta de 1820, capitão-general em Cuba, uma espécie de vice-rei colonial, e chegara inclusive a fundar uma cidade a que batizou de Cienfuegos. Ademais, Mercedes tinha primos e uma parentada dispersa pelos quatro cantos daquele país.

A matriarca enviou então Saturnino a Cuba, para sondar o ambiente. Ele foi e gostou. Uma troca de cartas com Matutina selou a sorte da família. Juan auxiliou-o na logística da transferência dos Álvares de Espanha para Cuba. Em poucos dias o clã se estabeleceu. Seus mandatários adquiriram uma hacienda de café em Bayate e em seguida uma expressiva quantidade de terras em Baracoa, onde havia gado e muita madeira a ser extraída. Poucos meses depois Florentino e Saturnino compraram um negócio de despacho de café em Guantánamo e, não satisfeitos, adquiriram um armazém de material de construção, a Ferreteria El Águila.

Quando Mercedes faleceu, o matriarcado dos Álvares passou para as mãos de tia Matutina que, além de pensar como um

calculista, contava com um sexto sentido que a acudia nas decisões mais difíceis.

Naqueles tempos em que Lenita iniciara sua paixão pelo mar, o clã residia em Guantánamo, numa casa com um imenso pátio colonial no meio, ao redor do qual se distribuía a cozinha, a copa, a sala também imensa e os demais aposentos, estes últimos com balcões com balaústres de ferro fundido, dando para esse pátio. O acesso aos quartos era feito por portas de quatro folhas que ao se abrirem revelavam a generosa dimensão dos cômodos. O quarto de Lenita era o último do lado direito, ao final de um largo corredor que saía do salão familiar, que estava localizado no mesmo pavimento, mas alguns degraus abaixo. Sobre o chão desse quarto, espalhadas, várias dezenas de bonecas, algumas de porcelana, outras de pano, dois enormes ursos de pelúcia voltados para a parede, um deles com um dos braços amputados. Sobre um toucador infantil, repousava uma boneca estripada. Ao redor dela um material cirúrgico improvisado, que incluía um auscultador de telefone, grampos de cabelo, marcadores de livro, uma palmilha de sapato e uma máscara de pano colorida.

A casa dos pais de Lenita abrigava um contingente circulante e variável de pessoas, que entravam e saíam dia e noite, agrupando-se para colóquios e conversações pelos motivos os mais variados; desagrupando-se em seguida, para novamente se reunirem em confrarias menores e diferentes. Nem todas aquelas pessoas moravam lá, mas não seria fácil distinguir quais delas estavam ali de passagem, e quais de fato ali moravam, tal a assiduidade com que o clã se juntava.

Naquela casa havia uma rotina doméstica que acudia as necessidades dos pequenos, mas paralelamente havia uma outra, que contradizia os princípios firmados pela primeira. Essa última parecia, a um primeiro exame, ter o firme desiderato de implantar e manter o caos. Na casa de Guantánamo, todos pareciam abelhas em volteios caprichosos entretecendo um viver de casta, de sentido quase hermético para os de fora, mas que rendia frutos e dividendos de vária ordem. Toda essa colméia de gigantes funcionava sob o comando de tia Matutina.

Mas voltemos àquele dia de vendaval em El Uvero.

Desacostumado às carícias familiares, Florentino depôs

Lenita sobre a areia. Lenita ameaçou então chorar, mas antes que a primeira lágrima rolasse em seu rosto, ela foi arrebatada por tia Nena, que a encheu de beijos e lhe prometeu, tão logo voltassem para casa, toneladas de canudos de creme.

Era mais do que hora de regressar. O tempo obrigara-os a suspender a expedição. Cadeiras, garrafas, mesas de apoio, cestas, pratos, e utensílios de cozinha foram rapidamente reunidos. As damas seguravam seus chapéus para que não voassem, enquanto ultimavam os preparativos para a partida. Tia Argentina guardava a coleção de discos em uma caixa de papelão. Tio Melquiades carregava o cesto com o pequeno Charly na direção do Oldsmobile azul e branco de Charles. Tio Paco, que havia partilhado da garrafa de rum de tio Juan, mas de estômago mais fraco que o irmão, segurava balouçantemente as extremidades de uma toalha prestes a alçar vôo, enquanto María Teresa procurava agarrar as pontas para dobrá-la. Foi preciso que José viesse em socorro de Paco e o ajudasse depois a galgar sobre o banco de areia e alcançar a estrada, onde os carros estavam estacionados.

Isabel Amada fechava uma garrafa térmica, em que trouxera leite para os menores. Os caracóis de seus cabelos esvoaçavam. Arrependeu-se de ter deixado a touca no carro. Juan fumava pensativo, olhando para Saturnino como se analisasse sua calvície e suas rugas prematuras. Tio Manoel chegava sem pressa de sua caminhada e olhava desolado os movimentos de retirada do bando. Preferiria ficar, apesar da tempestade, mas viera sem seu carro.

-- Vamos embora, vamos logo, disse tio Saturnino, atirando longe o toco do charuto que fumara, resumindo assim sua aflição.

Afugentada, a pequena caravana partiu de El Uvero. A ventania chicoteava a lateral dos carros, acoçando-os como se pretendesse enxotá-los de lá. Mas a essa altura Lenita dormia esparramada sobre os colos de Argentina e Nena, que entregou a direção do Oldsmobile para Saturnino. Charly viajava em uma cadeira apropriada, ao lado da mãe, uma vez que seu cesto de vime acabara no porta-malas do station wagon do armazém. José dirigia seu Pontiac marrom-café e com ele vinham Juan, e Isabel Amada. Tia Matutina vinha com tio Paco no veículo do

armazém, dirigido por Manoel, já que tia Matutina não gostava de dirigir e o motorista oficial estava embriagado. Florentino, María Teresa e Melquiades vieram e voltaram no Ford Bel-Air branco e vermelho do pai de Lenita. Tudo simples, assim.

Quando o arco de primavera que fazia sombra à porteira da entrada da propriedade de Florentino Álvares apareceu na frente da estrada, já entardecia.

O nascimento de Isabel María, irmã de Lenita, deu-se no início de 1955, e só não foi uma festa completa para o clã dos Álvares por duas razões. A primeira porque tio José e tio Juan, contrariando uma regra da família, acabaram se enamorando de duas 'mujeres oscuras', Magdalena e Rita, e com elas se casaram, para afronta dos seus. A punição não tardou a chegar. Como resultado disso, tio Juan foi afastado do clã e mandado de volta a Espanha, levando consigo sua parte no negócio do armazém.

José, por seu turno, largou tudo para trás e foi para Havana com sua mulher, que era prima em segundo grau de Fidel e Raúl Castro, dois moços pequeno-burgueses que dois anos antes cercaram o quartel de Moncada com o intuito de provocar um golpe militar.

José e Magdalena permaneceram algumas semanas, em um hotelzinho pulguento. De lá, através de um menino de recados, José enviava bilhetes para Saturnino e tia Matutina, ora desesperados e doces, ora rancorosos e vingativos, implorando misericórdia e dinheiro para viver.

Dois meses depois, Saturnino, Florentino e Tia Matutina, reunidos em pequeno conclave, decidiram vender umas terras de cana-de-açúcar contíguas à propriedade de Bayate e entregar o resultado da venda para José, desde que ele largasse Cuba e seguisse o mesmo caminho de seu outro irmão. O arranjo foi feito. José acolheu bem o dinheiro, acatou a ordem de sair do país, mas lamentou que o filho que Magdalena esperava nunca receberia a bênção da família.

Jamais, depois disso, José e Juan foram vistos na ilha.

A outra razão porque o nascimento de Isabelita não foi uma alegria plena na casa de Florentino Álvares deve-se exclusivamente ao escandaloso ciúme que Lenita demonstrou ao ver o enleio com que seu pai e sua mãe distinguiam aquela pequena criatura que ela, ao ver pela primeira vez, achou mais feia e repelente do que os mais pegajosos e insignificantes insetos da face da terra.

Em sua festa de aniversário -- Lenita iria completar 5 anos --, a casa vivia uma furiosa azáfama. Tios e tias, empregados e serviçais empenhavam-se nos preparativos. Uma imensa mesa no grande salão fora preparada. Dos lustres pendiam tiras de papel crepom, bandeirolas, línguas de sogra, sanfonas coloridas. Havia muitas flores sobre os móveis, baldes de prata com garrafas de vinho e cerveja para os adultos, lado a lado com potes com balas de coco, confeitos de leite condensado, de amêndoas, de chocolate. Os frangos, sacrificados para a ocasião, assados e preparados à moda crioula, já estavam sobre os réchauds a álcool, lançando aromas no ar.

A certa altura, o corredor que leva aos quartos estava vazio. Havia apenas Lenita, que transferira algumas bonecas de seu quarto para lá, e com elas falava alegremente, como se estivesse ensaiando para a festa. Além dela, Isabel María, o vermecito, como ela veio a ser cognominada depois, repousava angelicalmente à porta do quarto de Florentino e María Teresa, em seu carrinho de princesa.

Subitamente Lenita interrompeu seu colóquio com as bonecas e foi para junto de Isabel María. Encarou sua oponente indefesa, estirada na modorra da tarde sobre o colchãozinho de plumas que tia Argentina fizera sob medida para as dimensões do carrinho, e naquele momento teve pensamentos negros.

Dentro de Lenita brotou certo impulso tenebroso de acertar as contas com o miserável ser que lhe tomara o lugar na família, da única maneira que parecia legítima: fazendo com que o carrinho de pneus pretos com bandas brancas e aros cromados, cheio de guizos, macio como uma limousine deslizesse, com sua indesejada irmãzinha dentro, pelo corredor, na direção dos seis degraus que levavam à sala.

Estava Lenita já na fase final da perfidiosa manobra com o

veículo, quando Raffles, sua melhor amiga da escola, apareceu no penúltimo degrau da escada.

Raffles era míope e não se deu conta de que Lenita projetava fazer o carrinho de Isabel María voar pelos ares, nem se apercebeu de que as feições de Lenita estavam convulsionadas como se uma asa de frango estivesse entalada em sua garganta e ela não pudesse respirar.

Só quando por fim ficou muito perto da amiguinha foi que Raffles percebeu que havia alguma coisa estranha acontecendo. Lenita então puxou-a violentamente pela mão e a arrastou para seu quarto. Sobre a penteadeira, Raffles notou que a coleção de instrumentos cirúrgicos de Lenita aumentara significativamente.

A situação era de impasse. Ao final de sua festa, que Lenita achou tediosa, ela se olhou no espelho da penteadeira, entretendo uma longa conversação com as entidades, umas boas, outras nem tanto, que habitavam seu imaginário. Chegou à conclusão de que uma das duas tinha que ir embora. A casa de Quantánamo era pequena demais para Isabel María e ela.

Antes de se deitar, convocou os tios. Queria ouvir histórias, muitas histórias, para se acalmar, como aliás pedia quase todas as noites. Tio Paco contou-lhe, como fazia sempre, desconcertantes histórias de lobos famintos; tia Argentina, que fazia a segunda sessão, desenvolvera outra especialidade: o tom macio de sua voz contava de um menino solitário, que vivia no bosque com as borboletas e pássaros. Todas as noites o menino solitário reaparecia, ora balançando-se em um cipó, ora tocando flauta em uma árvore imensa, ora ainda voando com seus animais prediletos.

Tia Matutina era habitualmente o fecho da programação. Suas histórias sobre montanhas azuis, cobertas de névoas algodoadas, e águas rumorejantes com pequenos peixes vermelhos e amarelos, muito calmos e dorminhocos, eram certamente soporíferas.

Quase todas as noites o ritual se repetia, mesmo quando havia festa. Naquela noite de aniversário, ao ouvir os passos de tia Matutina na soleira da porta de seu quarto, Lenita fingiu que já dormia. Tia Matutina fechou com cuidado a porta do quarto da sobrinha e guardou sua imaginação para a próxima noite. Quando a porta se fechou, os olhos de Lenita se abriram. E

assim, abertos, enfrentando a penumbra do quarto, eles ficaram por várias horas.

No dia seguinte, ao café da manhã, antes de ir para a Escola Teresiana, onde estudava, Lenita comunicou a todos que tomara uma decisão: iria se mudar para a casa de Tio Charles e tia Nena.

-- Sua tia está muito ocupada com Charly. Não tem tempo para cuidar de você, disse-lhe a mãe, achando graça a princípio.

-- Além disso, lá não há espaço para as suas bonecas.

-- Não faz mal, me cuido sozinha, respondeu Lenita.

-- E suas bonecas, meu bem? insistiu María Teresa.

-- As bonecas ficam aqui, no meu quarto.

Ao voltar da escola, pediu para o empregado do armazém deixá-la na casa da península, onde tio Charles e tia Nena residiam. Quando tio Charles a encontrou na cozinha, com os joelhos sobre uma mesa, tentando alcançar uma lata de bolachas salgadas, perguntou-lhe, com voz de debilóide, como costumava fazer quando falava com crianças:

-- O que é que a nossa Lenitita veio fazer aqui?

-- Eu moro aqui, respondeu-lhe ela, inalterável, olhando-o como a um imbecil.

A transferência de Lenita para a casa dos tios não alterou substancialmente a vida do clã, pois Lenita ia quase todos os dias visitar sua mãe e os outros parentes que residiam na casa de Guantánamo.

Sua vida, no entanto, mudara. Não apenas porque tia Nena fazia seu prato preferido, arroz com beterraba, tantas vezes quanto desejasse; e a regalasse com manjares muito mais saborosos do que os de sua casa, mas porque estava próxima da praia, uma praia de areia fina e branca, com uma vegetação rasteira com robustas flores, coqueiros ao longo da orla, e manguezais, onde passava as tardes depois das aulas, às vezes sozinha, outras com o bebê Charly, quando o dia estava ameno.

Ali, já mais familiarizada com o mar e a natureza da costa, revolvia com seus dedos a areia da praia, agora sem nojo ou medo, desenterrando conchas, caramujos, estrelas do mar, e caracóis. Escolhia os espécimes mais bonitos e levava-os consigo.

Outras vezes punha-se a cismar, olhando o horizonte onde

vez por outra passava um navio de guerra americano, a caminho de Guantánamo ou um barco de pescadores. Outras vezes ainda saía em louca correria perseguindo siris pelados na vazante.

Certa feita esgrimiu entre umas pedras cascudas, no extremo da praia, com um caranguejo de pinças, usando um pedaço de bambu a título de florete. Acertou-o em cheio, mas ao regressar com a caça, acabou tropeçando numas pederneiras enterradas a meio na areia, escorregando e deixando escapulir sua presa que, em estado terminal, arrastou-se até a água, mas ali ficou inerte.

No dia seguinte, voltou ao lugar do combate, olhou ao redor procurando ver se ainda encontrava os restos do caranguejo de pinças, mas foi tudo em vão. Ainda berrou:

-- Caranguejo! Caranguejo! mas ninguém lhe respondeu. Concluiu que o mar o levava e que ele estaria a salvo em alguma ilha distante. Jamais Lenita se deu conta de que havia dado cabo inutilmente da vida do pequeno crustáceo.

Em casa dos tios Lenita se divertia até tarde, ora apoderando-se dos brinquedos de seu primo, dando-lhes outra serventia, ora brincando com alguns dos seus, que trouxera da casa dos pais. Trouxera de lá também quatro bonecas, que eram as mais amadas. Duas tinham nomes proibidos, Magdalena e Rita, mas Lenita chamava-as baixinho, de forma que nunca jamais ninguém ficou sabendo disso.

Por muitos anos Lenita lembrar-se-á de sua segunda casa, tão cheia de luz em todos os cômodos, tão discreta e quase simples. Com seus poucos adornos, seu mobiliário aconchegante e prático, em parte vindo dos Estados Unidos; sua cama enorme e macia, os lençóis brancos e acetinados, como em um hotel de luxo; a branda solenidade das refeições, a luz indireta iluminando passagens e cômodos à noite, como em um navio; o perfume dos licores e o aroma dos charutos de tio Charles, que pareciam convidá-la para ingressar em um outro mundo. Um mundo com ritmos diferentes dos da casa de seus pais, por exemplo, onde ora havia um batalhão de comensais, surgidos não se sabe de onde, e Lenita tinha que se apressar para pegar seu lugar na mesa, ora ela comia só, na copa, em companhia da mãe e dos empregados. Na grande maioria das vezes seu pai não estava à mesa.

Na casa de tia Nena e tio Charles, ao contrário, marido e

mulher pareciam constantemente enamorados. Havia o *fox trot*, o ritual das refeições, os vagarosos relatos de tio Charles sobre suas atividades na base militar americana de Guantánamo. Eram notícias e comentários a que Lenita não dava muita atenção, até porque não os entendia, mas que pareciam ser importantes. Lenita sentia-se como uma confidente de seus tios. Por vezes imitava o modo lento e pausado com que se erguiam da mesa para se dirigirem à varanda. Muitas vezes pensou que quando crescesse queria ser bela como tia Nena, e viver como ela e tio Charles viviam.

Mas era a liberdade o que mais agradava a Lenita. No quintal da casa, que parecia ser inteiramente sua, juntou uns caixotes de frutas e fez deles um abrigo. Ali ela se escondia freqüentemente para espiar as galinhas.

Sua relação com elas dependia de como fora seu dia até ali. Se havia brigado com uma amiga na escola, caso tivesse se saído mal em uma prova, Lenita juntava pedriscos na dobra da saia e os atirava contra as aves. Outras vezes, ficava simplesmente à espreita, tentando compreender, por exemplo, porque comiam tanto e sempre. Chegou mesmo a batizar algumas delas com os nomes das mais amaldiçoadas professoras do colégio.

Não contente com fazê-las de alvo para seus arremessos, e ainda no enalço do profundo conhecimento acerca do estômago das aves, Lenita resolveu alimentá-las de maneira pouco ortodoxa. Na cozinha de tia Nena pegou milho e farinha, no bar de tio Charles roubou a cerveja; na caixa de ferramentas da casa, surripou uma cola fedorenta. Com esses ingredientes inventou uma insólita ração animal.

Algumas galinhas não resistiram ao regime de Lenita e sucumbiram em poucas semanas. Ao ver o que fizera, chorou muito e acabou confessando aos tios seu delito.

Após vários dias de castigo, em que se viu proibida de sair de casa, Lenita foi finalmente libertada. Podia novamente ir à praia sozinha e brincar no quintal. Podia levar Charly para passear ao sol. Nessas ocasiões, contava-lhe histórias e tentava repetir as que ela própria ouvira antes de dormir, quando morava em casa de seus pais.

Como sua memória falhasse, Lenita misturava sem qualquer

cerimônia os enredos dos contos de lobos, do menino no bosque e das montanhas azuis junto ao riacho com peixes sonolentos coloridos.

Em sua versão, o menino falava com os bichos, lutava com os lobos, vencendo-os sempre, e sempre escapando ileso, e os peixes falavam e cantavam, e também contavam histórias, como sua tia Matutina. Esta, vez por outra, aparecia no interior da narrativa, ao lado dos personagens de mentira. Lenita, por vingança, acabava fazendo sua tia dormir antes do fim do episódio. Às vezes tia Matutina não estava só no conto. Do mundo real Lenita importava os nomes que lhe viam à cabeça, alguns dos quais nem conhecia pessoalmente, mas de que ouvira falar pela boca dos tios ou dos pais.

Assim, tia Argentina às vezes nadava com os peixes coloridos, tio Paco cavalgava lobos amansados, tio Charles subia os montes azuis para falar com Fidel Castro, mas ao chegar lá diziam que ele se fora para a Sierra Maestra, com Guevara e Camilo Cienfuegos.

Charly era muito pequeno para entender o que Lenita lhe impingia. O modo dramatizado com que ela contava suas histórias, às vezes vestida a caráter, no intuito de cativar seu único espectador, era envolvente, mas Charly não era a audiência adequada para aquele tipo de espetáculo. Normalmente, o pequeno chorava assustado quando sua prima começava a erguer a voz estridente, gesticulando muito, atirando uma lança para o alto, ou, com a boina azul de tio Charles, cofiando uma hipotética barba rala, como se fora um revolucionário.

As galinhas absolutamente não atraíam mais a atenção de Lenita, talvez pelo sentimento de remorso, ou porque faz parte do desenvolvimento de uma criança o câmbio e a mudança de querer e de vontade.

De qualquer modo, Lenita não se afastou de todo dos animais. Certa manhã, já nos idos de 1957, tia Nena desviara-se

do caminho habitual que fazia para levá-la a escola. Em meio a esse novo trajeto, Lenita vira um homem maltrapilho puxando por uma corda uma cabra para dentro de um casebre, junto de um aglomerado de casas de lata, umas apoiadas nas outras.

Quando regressou para casa, interpelou tio Charles, querendo saber porque é que aquele homem que ela vira vivia com uma cabra e não com sua família. Tio Charles explicou que nos lugares mais pobres pessoas e animais acabavam vivendo juntos, debaixo do mesmo teto. Era assim em Cuba, e em muitas outras regiões do mundo.

Lenita quis melhores explicações. Queria saber o que é que fazia aquele homem viver com uma cabra. Tio Charles respondeu que as cabras davam leite, por causa disso, muito certamente, é que o homem a possuía. E como não tivesse um pasto ou capril para deixá-la durante a noite, trazia-a para dentro de sua casa.

Foi então que Lenita manifestou a vontade de ter ela própria uma cabra, para se abastecer de leite quando tivesse vontade. Além do mais, Charly iria gostar de brincar com ela. Argumentou, muito compenetradamente, ainda, que cederia o leite para os pobres, para que não precisassem dormir com os animais.

Tio Charles manteve-se irredutível: tudo, menos cabras.

Com o tempo, Lenita acabou desistindo de seu intento, mas a imagem do pobre homem arrastando o animal para dentro de sua casa ficou em seu cérebro como uma espécie de epítome da miséria humana, a despeito desse assunto vir à baila com certa insistência na casa de tio Charles e tia Nena.

Com efeito, tio Charles discursava em casa, quase todas as noites, alertando a mulher para o fato de que a miséria e a fome ainda deporiam o governo, e dizendo que nunca vira tantos regalados à mesa de Batista e tantos despossuídos pelas ruas de Havana. Em dado momento, chegou mesmo a culpar os americanos pelo descaso e falta de sensibilidade para entender o que se passava em Cuba.

Num belo domingo antes do Natal, Lenita acordou mais tarde, espreguiçou-se em sua cama de molas, beijou suas bonecas, pôs-se de pé e foi ao quarto dos tios comunicar que tencionava voltar para a casa dos pais. Queria passar o Natal

com eles.

De fato, o que ocorria com Lenita era muito simples: ela queria mudanças radicais novamente. Cansara-se de contar histórias para Charly. Compreendeu que seu amiguinho só daria valor à imaginação dela quando tivesse cinco ou seis anos e pudesse entender o que eram montanhas, meninos da selva e peixes dourados.

Lenita cansara-se também da silenciosa tensão que principiou a pairar sobre a casa dos tios, quando a situação política no país se agravou. Onde estava o tio Charles doce e romântico, dançando fox trot com a mulher mais bela que as Antilhas já conheceram? Onde estava o tio brincalhão que gostava de atirá-la para o alto com uma divertida cara de pânico?

Os jantares de tia Nena e tio Charles, agora, eram palco de conversas difíceis de entender para Lenita. Os americanos da base de Guantánamo, dizia tio Charles, queriam que a tensão social refreasse, mas não estavam seguros quanto aos métodos que Fidel e Guevara poderiam empregar para isso. O que poderia acontecer aos estrangeiros e à base era uma incógnita que seria solucionada quando todas as cartas já estivessem sobre a mesa. Por ora, o que havia, dizia ainda tio Charles, era muita apreensão. Tia Nena concordava, mas de uma maneira estranha, como se soubesse de mais alguma coisa e não quisesse alarmar seu marido.

Sensível e sensitiva como era, tia Nena passou a beber uns copitos a mais antes e durante o jantar. Quando os serviços traziam a bandeja de café para a varanda, ela já estava outra vez com um drink na mão, falando sozinha, dando de ombros, dizendo coisas estranhas, estapafúrdias, como por exemplo que o ano que vem seria um ano que ninguém jamais esqueceria. Nessas ocasiões, tio Charles era compreensivo e carinhoso, segurava as mãos de tia Nena como antigamente. Depois, ajudava-a a ir se deitar, mas não lhe dava ouvidos.

O regresso de Lenita à casa dos Álvares coincidiu com uma importante reunião familiar, promovida por iniciativa de tia Matutina, no salão da casa.

Quando Lenita atravessou a sala e se atirou em um sofá equilibrando nas mãos um bolo de coco e chocolate, tia

Matutina estava falando aos irmãos no salão da casa. Dizia ela que ultimamente tivera algumas premonições muito preocupantes.

No início deu pouca importância a elas, mas a insistência com que certas imagens visitavam seu espírito acabou fazendo com que tomasse a decisão de reunir a família e dizer a todos o que estava em seu coração.

-- Vamos a elas, disse tio Saturnino.

A chefe do clã não se fez de rogada. Com os olhos baixos e as mãos espalmadas sobre a perna, tia Matutina disse muito pausadamente o seguinte: que aquele filho de galego, que um dia, quando estudante, atirou-se de uma mesa com um guarda-chuva aberto, com o propósito científico de testar a lei da gravidade, aquele tipo iria fazer apagar Fulgencio Batista do poder. Cuba seria governada por um homem com duas cabeças. Uma delas era cheia de luz, de música e de sonhos, a outra era uma máquina de raciocinar. A primeira arrastaria, como já estava arrastando, as massas para perto de si, a outra ataria os nós frouxos, costuraria a trama complexa do poder e da força. A primeira cabeça nasceria idealista e libertária, mas aos poucos se embriagaria com a própria força, a segunda cabeça seria cada vez mais pragmática, mas perderia aos poucos sua capacidade de julgar e de prever.

Tia Nena, que estava sentada na cabeceira da mesa, sentira estranhos tremores, enquanto sua irmã falava, talvez porque também estivesse vendo o que a outra via. Tio Melquiades abraçou tia Nena desajeitadamente, quase implorando para que ela parasse de tremer.

Sua atitude só fez piorar ainda mais as coisas: tia Nena parecia agora fora de si, seu corpo todo estava tomado por uma força incontrolável e forte, e a pele alva e sedosa de tia Nena vibrava como se reagisse a um choque elétrico muito forte. Depois, suada e exaurida, deitou sobre o peito de Charles e dormiu.

-- Levem-na para um dos quartos. Temos que continuar, disse tia Matutina.

Argentina, Isabel Amada e Manoel levantaram-se de seus lugares, ergueram Nena da cadeira e a transportaram até o quarto de Lenita.

Os homens foram se servir de cerveja e charutos.

Quando voltaram, tia Matutina continuou. Para enfrentar a realidade dominada por um homem com duas cabeças, os Álvares devem ser astutos e discretos. Para a cabeça embriagada pela liberdade e pelo sonho, devemos nos mostrar crentes e confiantes de que o sonho se realizará; para a outra cabeça, prática, astuta, devemos esconder nossas armas e fugir de seu olhar perquiridor.

-- Temos que redimensionar nossos negócios em Cuba, resumiu Florentino em prático espanhol.

-- Exatamente, disse Saturnino, que parecia também ter compreendido o que a irmã vislumbrara.

-- Não podemos deixar todo nosso dinheiro no mesmo cesto. É hora de tirar nosso capital do país, antes que sejamos proibidos de fazê-lo, disse tia Matutina, já com os pés firmemente plantados no solo da família, traduzindo em miúdos a simbologia de suas palavras.

-- Há quem fale no perigo de uma estatização a médio prazo da economia, disse tio Manoel. E acrescentou: -- Dificilmente a moeda atual resistirá.

-- É mais uma razão para que o dinheiro vá para local mais seguro, disse Saturnino.

-- Que dinheiro? perguntou Lenita muito distraidamente, vendo o chocolate escorrer pelos seus dedos.

Foi por causa dessa intervenção de Lenita na conversa dos adultos que María Teresa percebeu que a filha esfregara os dedos sujos de bolo no vestidinho de pied-de-poule, azul e branco, que a costureira acabara de coser, todo ele cheio de folhos, amplo, rodado, com diversas saias de baixo e com as mangas bufantes, como se usava na época.

-- Sim, que dinheiro? perguntou também tio Manoel, como se viesse em socorro das indagações da sobrinha.

-- Venderemos discretamente o gado de Baracoa, e passaremos adiante nosso estoque de café, inclusive o que está para ser colhido. Transformaremos o que pudermos em dinheiro. A próxima safra de cana-de-açúcar está para estourar. Faremos também dinheiro com ela, disse Saturnino. -- E nada de novo plantio. Estagnamos, vegetamos. Hibernamos.

-- E iremos aos poucos descapitalizando o armazém,

reduzindo estoques, também, acrescentou Florentino, fazendo um círculo a lápis sobre uma folha de papel.

-- Sim, disse Manoel, mas não é aconselhável vender as propriedades todas de uma vez. Dá na vista.

-- Claro que não. Resolvemos mais tarde o que fazer com elas, disse tia Matutina.

A partir daquele domingo, a palavra de ordem na família Álvares era liquidez. Todo o investimento na ilha cessava a partir daquele momento. Tudo o que se produzisse e vendesse deveria ser transformado em dólares e estocado no fundo falso do armário do quarto da tia Matutina. Na primeira oportunidade, mandar-se-ia o dinheiro para fora do país.

Nos meses seguintes o clã colocou em prática seu plano. Inicialmente suspendera compras de reposição de estoque no negócio da Ferreteria El Águila, e rebaixara os preços dos produtos mais importantes, como o cimento, o ferro, a cal, a madeira de lei e os tijolos. Saturnino vendeu o gado de Baracoa em vinte lotes, um por dia, parte para o abate, parte para fazendeiros vizinhos. O depósito do negócio de intermediação de café ainda estava abarrotado, mas Florentino e Melquiades estavam preparando posições de venda significativas.

Enquanto isso, tio Charles informara-se na base militar sobre questões como segurança, câmbio paralelo de dinheiro, e forma de atuação dos fiscais aduaneiros.

Todo o sistema baseava-se em oferecer pesos por dólares a preço atraente, para que os empregados e funcionários da base trocassem seu soldo ou salário com um testa-de-ferro dos Álvares, em vez de fazê-lo no banco, a uma cotação bem menor.

Com esse expediente, o clã conseguiu um apreciado lastro de dólares em pouco tempo. O risco, contudo, era cada vez maior. Se gerassem suspeita nas autoridades locais, quaisquer que fossem elas, já que o governo balançava, tudo estaria perdido.

Numa noite de ventania em sua casa em Guantánamo, María Teresa costurava uma blusa e ouvia Florentino Álvares comentar com tio Saturnino que precisavam começar a transferir o dinheiro para fora, e que na Base de Guantánamo havia um banco americano. Ora, se conseguissem levar o dinheiro até lá, sem serem notados, e entrar no banco, poderiam fazer a remessa dos dólares, trocados com os empregados da

base, para a Europa, para a Espanha. O problema era como fazê-lo, como ludibriar a vigilância militar e fiscal da base.

E a decisão tinha que ser rápida, porque a guerrilha de Fidel já havia se implantado na província do Oriente, e se havia alastrado por Santa Clara, Holguín, Matanzas e Cienfuegos.

Provavelmente o governo central não resistiria, já que os revolucionários contavam com enorme apoio popular.

María Teresa ouvira tudo aquilo, enquanto costurava sua blusa; e enquanto costurava sua blusa, olhava para o vestido de pied-de-poule, de Lenita, estendido sobre a colcha de sua cama. Ela largou a blusa e passou os dedos de mãe sobre o tecido do vestidinho de sua filha. Este estava em ordem novamente, muito elegante, sem o mínimo resquício das nódoas de chocolate. Parecia até mais sedoso e engomado que da primeira vez em que Lenita o vestira.

Para María Teresa, a distância entre dois pontos era e sempre fora uma reta. Sua natural simplicidade surpreendentemente acabava auxiliando-a a despojar das coisas da vida e do espírito seus adornos supérfluos e sua retórica, e a encarar tudo como era de fato, ou deveria ser. Poder-se-ia dizer, sem exagero, que seu pensamento era direto e cristalino, apesar de pouco incisivo. Agindo com a mesma determinação de quando resolveu que seria esposa de Florentino Álvares, anos atrás, a mãe de Lenita aproximou-se dos irmãos e lhes disse que a transferência do dinheiro não era mais problema, pois ela havia arquitetado um plano muito seguro, para fazer com que os dólares do clã chegassem ao banco americano da base de Guantánamo.

Faltavam três meses para o fim do ano de 1958.

Às 15h20 da primeira sexta-feira de outubro daquele ano, Lenita e sua amiga Rafles, ambas vestidas de idêntica maneira, ou seja, com um vestido de pied-de-poule rodado, e bem armado, com mangas bufantes, azul e branco, bolsinha de cromo branca, luvas de tricô também brancas, sapatos da mesma cor, laçarote no cabelo e sombrinha, foram visitar tio Charles na

base militar.

Balançando seus bracinhos, de mãos dadas como se comemorassem singelamente sua amizade infantil, passaram pelos fiscais da alfândega, pelo inspetor chefe, pela guarda de segurança do cais, pelos prepostos alfandegários que trabalhavam junto ao corredor limítrofe ao portão de acesso à base e pelo representante militar do consulado americano.

Sempre felizes e saltitantes foram recebidas por tio Charles na porta do edifício onde trabalhava. Com ele, Lenita e Rafles adentraram o prédio, atravessaram seus longos corredores, ora para a direita, ora para a esquerda, cruzaram um pátio cimentado cheio de barricadas e caixas empilhadas, e chegaram a um almoxarifado muito pouco iluminado, onde aguardava um homem com um grande saco de pano, escrito Bank of America.

Lenita e Rafles, acompanhadas por seu tio, foram para trás de uma estante de aço cheia de caixas de papelão, nas quais se repetia a inscrição: 'Do not open. Property of the United States of America'.

Atrás dessa estante, Rafles ajudou Lenita a erguer as pesadas anáguas de sua roupa, e as duas foram tirando dali rolos de notas de cem dólares enrolados em elásticos coloridos e os entregando ao tio Charles, que por sua vez passou o dinheiro para o sujeito que segurava o saco de pano, e que nada mais era do que o gerente da agência bancária da base.

O dinheiro fora contado ali mesmo; e logo depois da contagem o gerente entregou ao tio Charles um recibo provisório de próprio punho. Enquanto as meninas ficaram ali esperando, curiosas para saber o que havia dentro daquelas caixas, tio Charles e o gerente foram juntos até o banco, do lado leste do pátio, e entraram pela porta dos fundos.

Enquanto tio Charles aguardava em uma ante-sala, o gerente foi ao caixa e preparou um recibo oficial. Em seguida enviou por telex, para uma filial do banco americano em Madrid, o dinheiro contabilizado.

O recibo do depósito e uma cópia do telex foram entregues a tio Charles, que os escondeu em um dos inúmeros bolsinhos falsos sob as saias do vestidinho de sua sobrinha. Estava completada a transação. O gerente do banco ganhou uma comissão extra de cinco por cento sobre o valor depositado, para

que ficasse inteiramente garantida sua cumplicidade. O pai de Raffles levou também sua parte na operação: três por cento.

Após visitarem a sala apertada em que tio Charles trabalhava, e comerem biscoito com leite, Lenita e Raffles foram embora da base da mesma maneira que vieram.

Essa operação passou a ser realizada duas vezes por semana, quase de modo idêntico, durante vários meses. A cada vez, Lenita contrabandeava duzentos mil dólares e mais a comissão do gerente. Para maior segurança, só Lenita carregava o dinheiro. Raffles era a isca, e acompanhava a amiga só para o caso de uma inspeção.

Durante esse tempo, a costureira dos Álvares teve muito serviço, pois uma dezena de pares de vestidos infantis, todos com muitas saias de baixo, com tecido resistente e bem armados, foram encomendados. Evidentemente, as adaptações eram realizadas por María Teresa, que acabou inclusive ganhando uma máquina de costura americana nova em folha.

No dia em que Fidel Castro assumiu o poder, o país inteiro se vestiu de vermelho e preto, que eram as cores da revolução, menos os Álvares, que ficaram discretamente em casa.

No entanto, era preciso fazer alguma coisa para que suspeitas não recaíssem sobre as atividades do clã. Não bastava a passividade política.

Sendo assim, tia Matutina e Florentino decidiram comprar as boas graças de Raúl e Fidel, dando para o governo revolucionário a fazenda de Baracoa.

Tidos de imediato como exemplo de burgueses convertidos à bandeira da liberdade, os Álvares ganharam manchetes no jornal local e a simpatia de Raúl. Fidel escreveu-lhes um bilhete agradecendo o apoio à causa e comprometendo-se a fazer o melhor uso da propriedade, que agora era patrimônio do povo cubano.

Após a destituição de Fulgencio, os portos cubanos continuaram abertos por aproximadamente dezoito meses. Durante esse tempo todo, a operação de contrabando de dinheiro para a base americana continuou e prosseguiu por algum tempo, sempre com êxito.

Os negócios da família reduziram-se enormemente em Cuba, pois a maior parte do dinheiro estava agora aplicada no mercado

financeiro europeu. A casa dos Álvares em Guantánamo fora discretamente vendida e o resultado da venda convertido em mais dólares. Tio Saturnino, sempre na Europa, dava conta do lucro das aplicações financeiras em cartas cifradas, escritas da Espanha, da França, da Inglaterra e da Suíça.

Ao clã restara, depois da vitória de Fidel, além da casa da praia, de Charles e de Nena, do prédio da Ferreteria El Águila e da fazenda de Bayate, dois apartamentos muito amplos, em cima do armazém de café de um certo Xavier Morales.

Foi ali, a bem da verdade, entre o terraço e o pavimento térreo, que as tropas revolucionárias trocaram balas com alguns remanescentes das tropas do governo deposto. Em meio a um tiroteio cruzado, os Álvares resistiram sem qualquer baixa, escondendo-se debaixo das camas, dos armários, das mesas, e se movimentando com cautela pelo apartamento, enrolados em tapetes e com cuias sobre as cabeças.

Nesses momentos, foi difícil conter a curiosidade de Lenita e da pequena Isabel María. Ambas queriam sair de seus respectivos abrigos para recolher as balas que, ricocheteando aqui e ali, acabavam rolando fumegantes pelo piso de tábuas de madeira.

A inusitada orquestração de sons, proveniente dos ricochetes dentro de casa e nos muros; do estilhaçamento dos vidros, da perfuração dos sofás e almofadas, da chuva de balaços caindo sobre o terraço da cobertura, como se fosse uma tempestade de granizo, tudo isso, que poderia ser apavorante para qualquer mortal, não o era para Lenita, que se sentia como em um faroeste americano. Debaixo de uma alta cama mexicana, na semi-escuridão, Lenita acompanhou excitada o desenrolar dos acontecimentos. Sua irmãzinha menor, há poucos metros dela, chorava, chorava muito, e isso causava em Lenita uma espécie de maligno deleite.

Vinte e quatro horas depois as escaramuças terminaram. Nenhum vidro ou louça restara intacto fora dos armários do apartamento.

Nem mesmo o velho carrilhão da sala ficara incólume. Um balaço rompera o vidro do mostrador e danificara a máquina, de tal sorte que toda vez que alguém volvia os olhos para ele, em busca de saber a quantas andava, acabava deparando sempre

uma mesma hora imutável, intransponível, evocação perene daquele milésimo de segundo, daquele minuto, daquela hora maldita, daquele dia inesquecível, em que a bala atravessou o vidro e danificou a máquina para sempre.

Tio Manoel, que saiu do episódio com os joelhos escalavrados de tanto engatinhar sob as janelas, debaixo do fogo cruzado dos contendores, defendeu em muitas oportunidades a tese de que aquela bala que atingira o vetusto relógio fora de fato a derradeira, antes que Fidel se proclamasse vencedor, a despeito das muitas que se seguiram depois, em fuzilamentos e outras solenidades governamentais.

A delação por atitudes antipatrióticas, escusas ou contrárias ao regime de Fidel tornou-se a palavra de ordem. Os ricos e remediados eram vigiados pelos pobres e menos afortunados.

Qualquer mobilização dos primeiros, no sentido de quererem se evadir do país, levando consigo objetos de valor, como quadros, jóias, ouro e, naturalmente, dólares, era imediatamente informada aos homens da segurança de Castro. Se uma sumária investigação comprovasse as suspeitas que levaram à delação, as sanções eram inflexivelmente cruéis.

Pouco depois da metade do ano de 1960, Isabel María e Lenita brincavam no terraço da cobertura do apartamento em Guantánamo, quando se ouviu da rua um grupo de pessoas em atitude de protesto. Com vassouras e paus erguidos para o alto, bradavam à porta dos Álvares: 'Exploradores do povo, traidores!'

Em resposta, as meninas repicavam: 'camponeses, porcos!'

Alguns projéteis começaram a voar sobre as cabeças encaracoladas de ambas, quando Ofélia, a cozinheira da família, ouvindo a troca de insultos entre as duas facções, e apesar de ferrenha comunista, resolveu salvar as filhas de seu patrão.

Para tanto, arrancou um velho arcabuz da parede do corredor e subiu de dois em dois os degraus da escada que dava para a cobertura. Quando lá chego, debruçou-se sobre o parapeito do terraço e apontou a arma na direção da turba.

-- Vão trabalhar, vagabundos, que aqui se trabalha! Saiam daqui, ou eu aperto o gatilho!

Com essas palavras miraculosas de ordem, os desordeiros foram surpreendentemente desmobilizados.

Quando tia Matutina e Florentino ficaram sabendo do ocorrido, entreolharam-se. Aquele acidente com as crianças era uma advertência, um sinal inequívoco de que a partir daquele momento corriam perigo de vida. Era preciso ultimar os preparativos para deixarem o país, no mais tardar em uma semana.

Não demorou, porém, nem dois dias para que Lindin, uma comunista e fidelista ferrenha, sobrinha de Florentino, chegasse com a notícia de que este, Melquiades e Saturnino estavam numa lista de nomes de pessoas a serem presas, pois haviam descoberto, não se sabe como, que o clã retirara dinheiro do país de maneira ilícita.

Ao ouvir isso, Lenita teve a idéia de interrogar Rafles; e o fez com a severidade de um general de brigada, acreditando que fora o pai dela, Henrique, quem, por medo, entregara-os para salvar sua própria cabeça. A idéia de Lenita não era inteiramente desprovida de senso, mas efetivamente o interrogatório só fez com que Rafles chorasse de tristeza e desolação. Dias depois, um empregado da casa dela trazia um bilhete de seu pai, protestando contra a suspeita descabida.

De fato, Henrique nada dissera que pudesse incriminar os Álvares, tanto é verdade que acabou preso e fuzilado dias depois.

Com a denúncia e a ordem de prisão em marcha, o clã decidiu antecipar a viagem para a Espanha, já programada. Pensavam, todavia, que em breve voltariam para Cuba, pois não acreditavam que Fidel se mantivesse no poder por muito tempo.

Em vista disso, Melquiades -- que estava mais próximo de Florentino, depois que percebeu que a sorte da família estava ameaçada -- e o pai de Lenita alugaram um monomotor e rumaram para Miami com uma mala de dinheiro cubano, dinheiro esse que se tornou um monte inútil de papel pouco depois. De qualquer modo, estavam a salvo, poucos dias depois já estavam em Madrid, tratando de seus novos negócios e esperando apreensivos o resto da família.

As mulheres e as crianças ficaram em Cuba, ao lado dos outros irmãos, até que chegou a notícia esperada. O Covadonga, navio de carga e passageiros, com destino a Gijón, na Espanha, com escala em Vigo e La Coruña, acabava de atracar no porto

de Havana, procedente da Jamaica.

Na noite de 31 de agosto de 1960, os Álvares se reuniram, como amiúde faziam, ao redor de uma ceia farta preparada por Ofélia.

Tio Manoel falava de suas caminhadas à beira mar, e da necessidade de ler as secretas mensagens da natureza; tia Nena falava de seu firme propósito de cortar as bebidas fortes de seu cardápio; tio Paco, como sempre, recriminava as falsas promessas e a morigeração; tio Charles sorria benevolente e cúmplice, como sempre o fazia, para Lenita, que dava cotoveladas em sua irmã, como era seu terrível costume desde que Isabel María crescera. Tia Isabel Amada tinha os olhos cheios d'água, mas isso fazia parte de sua meiga sensibilidade, e jamais poderia ser interpretado como uma emoção proveniente de uma expectativa dolorosa de partida. Tia Matutina comia pausadamente, destrinchando com vigor a perna da galinha, e como sempre falando apenas o essencial. O pequeno Charly visitava ora o colo de tia Isabel Amada, ora o de sua mãe; queria ir para o terraço, sentar-se em um cavalo de pau que Florentino comprara para Lenita. Tia Argentina cuidava da música, levantando a todo momento e fazendo funcionar o mesmo toca-discos que se salvara anos atrás, do desastroso piquenique.

Ofélia, que já sentia o peso dos anos, não permanecia mais em pé, na soleira da porta da cozinha, como fazia outrora, à espera do término do jantar para retirar os pratos e servir o café. Isso era agora tarefa para seus patrões.

Assim, naquela noite, como recentemente ficara acertado com tia Matutina, ela se foi deitar antes mesmo que a ceia terminasse.

Quando o telefone misteriosamente tocou, já altas horas, não havia quem o atendesse. Pela estrada, em direção a Havana, seguiam, mantendo uma certa distância, os Álvares em seus carros, correndo contra o tempo para alcançar o Covadonga, deixando para trás o apartamento iluminado, seus objetos pessoais e pro-priedades.

Lenita não se conformou em abandonar quase todas as suas bonecas na desoladora solidão daquele apartamento vazio.

Levava consigo apenas aquelas quatro preferidas de sempre, dentre elas Magdalena e Rita, com as quais brincara na casa dos

tios Nena e Charles.

Infelizmente, encontravam-se elas severamente adoentadas, embora o diagnóstico não fosse difícil: é que María Teresa, com muito jeito e habilidade, conseguira introduzir na cabeça de porcelana das bonecas alguns maços de dólares remanescentes, de tal sorte que seus olhinhos, mais arregalados que nunca, passaram a viagem toda até Havana muito abertos e febris, quase a saltar das órbitas.

Ao chegar a Havana, amanhecia. Melquiades e Manoel foram comprar os bilhetes junto à agência de viagens. Cada um conseguiu três cabines não sequenciais na primeira classe.

María Teresa, ao embarcar no Covadonga, virou-se para o porto de Havana, e vendo os guindastes e o casario portuário, disse numa voz quase imperceptível:

-- Nunca mais voltarei.

Tia Matutina nada disse, mas seus olhos diziam que ela já sabia de tudo. Tia Nena chorou quando pisou o navio e sussurrou nos ouvidos de tia Argentina que o Covadonga aparecia em seus sonhos, já em pleno mar, mas que nele não havia passageiros ou tripulantes.

Até momentos antes do navio desatracar, o sobrenome, muito comum, dos Álvares, não havia chamado atenção das autoridades locais.

Entretanto, pouco antes da partida, quando o último apito de advertência já havia soado, um oficial de justiça mandou que a escada, que já estava sendo retirada, fosse recolocada, e subiu a bordo para falar com o comandante. Tinha ordens para prender tia Matutina, tia Argentina, tio Manoel e o resto da família. E o faria nem que tivesse que fazer desembarcar todos os passageiros.

O comandante conhecia os procedimentos legais e não se abalou quando o oficial de justiça lhe apresentou os mandados de prisão. Sem nem mesmo os ler, devolveu-os ao oficial, sob a alegação de que o barco era espanhol, e aqueles mandados nada valiam fora da jurisdição cubana. Em seguida, chamou um subalterno e mandou colocar o representante da justiça local fora do barco.

Finalmente o Covadonga partiu, como partem os navios de verdade, com passageiros e tripulantes, não como tia Nena

previra, embora, em virtude do pequeno incidente, alcançasse a barra ligeiramente fora do horário.

No convés, passageiros acenaram longo tempo para o cais, bobamente, porque nada mais tinham a dizer. Do porto, pessoas gesticulavam aflitas e comovidas, com lenços brancos que eram como vozes inaudíveis, pois a última palavra, o último conselho e o derradeiro aviso ficaram impronunciados, e agora era tarde demais.

Constava da programação noturna do navio um baile a rigor, de boas-vindas, estimulado pelo som de uma orquestra eclética, que tocava desde mambos a Cole Porter.

Foi ao som desse último que Lenita pela primeira vez em sua vida fora tirada para dançar por um cavalheiro desconhecido que, ao término da primeira música, lhe entregou a flor que trazia na lapela.

-- Uma rosa branca para outra, disse ele nessa ocasião, beijando-lhe as mãos, em seguida. E fez isso com tanta dignidade que nem parecia estar repetindo um estúpido clichê, de uma época que não volta mais.

Sobre quatro patas

Ele havia sido demitido da indústria de laticínios já faz alguns anos. Difícil precisar quando. O fato é que de lá para cá o povinho de Misericórdia e sobretudo a vizinhança do Bairro das Couves, que fica do outro lado da linha de trem, acostumaram-se a vê-lo arrastando uma carroça com latas velhas e coisas afins, que ele conseguia amealhar na cidade e redondezas. Por isso, alguns chamavam-no de João Latoeiro, outros de João das Latas, embora fosse também ferreiro, mas em Misericórdia, que era onde a fama se fazia e se perdia, ele era conhecido por João

das Couves, e foi esse o nome que pegou.

O cachorro foi parido num terreno baldio na parte alta de Misericórdia. Mamou pouco e salvou-se por um triz de ser esmigalhado pelas patas do cavalo do seu Alvim logo depois de desmamado. Com uns dois anos de vida airada e vagabunda, teve o descabimento de rosnar para um doberman do gerente da Caixa. Levou uma sova do outro, perdeu o rabo que já não era avantajado e teve os quartos traseiros afetados por um repelão derradeiro do bruto, que o deixou desacordado. Por isso, quando andava, parecia que imitava cavalo de desfile, com a anca querendo andar mais depressa que a frente do corpo.

O latoeiro viveu sempre só. Na juventude, por convicção; no princípio da maturidade por desgosto, quando soube que Maria Elisete escolhera o Ditão da prefeitura para namoro sério, e com este se enganchou. Na maturidade por um misto de raiva do próximo e ausência de talento para lidar com o mundo feminino. Bebeu pouco na juventude, mas pegou gosto pelo copo depois. Aos sábados, fatalmente despachava todo e qualquer compromisso para entreter-se com a garrafa; nos outros dias esquecia a branquinha e laborava; nas imediações de seu barraco ouvia-se invariavelmente o martelo espancando lata e ferro, de manhã à noite, para desolação dos vizinhos.

Num daqueles sábados de desatino, nem bem desaboletou-se do bar e embicou uns passos titubeantes ao longo da linha de postes da Rua do Depósito, o mundo apagou-se por completo na consciência de João. Quem o viu estirado na terra, passou ao largo. Um fez menção que ia erguer a cabeça do outro, mas quando chegou perto, viu que era da boa, e desistiu. Apiedou-se dele, no entanto, um cachorro baixinho e largo, um pouco troncho, pêlo manchado, que trazia uma trela esfiapada de pouco mais de meio metro, atada com nó górdio ao pescoço curto e grosso.

O cão viera pelo outro lado da rua, rememorando com saliente prazer a última refeição que fizera em casa de Dona Ermenciana, antes de conseguir safar-se pela porta dianteira da casa, num descuido bobo da proprietária. Se fosse humano, daria mais atenção ao fato de ter conseguido recuperar sua liberdade errabunda. Por ora, no entanto, ocupava-se em trotar, sentindo a barriga cheia e a sede saciada. Quando viu o corpo de

um homem estopetado, naquela incomum posição tão canina, parou.

Parou e atravessou a rua, volteando as poças de água como faria qualquer um que tivesse medo de se molhar. Já vira o sujeito algumas vezes. Aproximou o focinho da cara barbada do tipo e por via das dúvidas deu-lhe duas lambidas. A primeira curta, como um teste; a segunda longa, como um deboche. O embaraçado se mexeu, rosnou e abriu um dos olhos. Viu quase sobre ele aquele cachorro. A custo apoiou-se em um dos cotovelos, o corpo de lado. Num penoso esforço dobrou mais a perna e se postou de joelhos. O cachorro recuou e sentou-se junto ao poste de luz, ao redor do aro cimentado que o circundava precariamente, como se transbordasse para o barro da calçada que não havia.

João sentiu os joelhos afundarem um tanto no barro molhado. Desequilíbrio-se e voltou a sentar-se. O cachorro o espiava, o focinho apontado para seu peito, a boca semi-aberta, a língua em decúbito lateral. Procurou uma pedra para contra-atacar, pois sentia-se ameaçado pela presença tão próxima do animal, mas só havia barro ao redor. Esforçou-se para erguer-se e acabou desta feita tendo êxito.

O cachorro levantou a ponta do focinho, acompanhando o movimento desengonçado do latoeiro. Quando este tomou muito titubeante um rumo que parecia o de sua casa, o animal abocanhou a trela que queria embaraçar-se em suas pernas e decidiu segui-lo.

Dali onde se encontravam até o Bairro das Couves a distância não era muita para quem costuma andar e tem o domínio de si mesmo. Naquelas condições, todavia, era uma viagem penosa. Assim mesmo, esgrimindo contra a força que sacudia tudo e fazia o chão mover-se sob seus pés, João ganhava terreno na noite escura; acabou avistando em algum impreciso momento, talvez madrugada alta, o barraco, e instantes depois a escada do alpendre. Chegou até ali. Estava prestes a pisar o primeiro degrau. Foi quando o mundo oscilante evanesceu outra vez, o ar tornou-se matéria pastosa e do nada surgiram umas nuvens duras como tábuas, que deslizavam maltratando seu rosto.

O cachorro, sempre com a trela na boca, foi, já se sabe,

seguindo seu conhecido, desde aqueles desvãos de Misericórdia. Fê-lo sem pressa. Estava livre agora e não tinha o que bulir. Vez ou outra, no trajeto, o sujeito voltava-se, dando-se conta de que o animal o acompanhava. Ensaçou enxotá-lo algumas vezes, mas o esforço era excessivo para suas forças e o resultado nenhum. João mentalmente deu de ombros, o cachorro compreendeu, e se aproximou mais do bípede que ia à frente. Cansara-se do passeio, mais por causa da lerdeza irritante do passo do outro do que em virtude da distância. Quando o conhecido esborrou sobre o degrau da casa, o cachorro aquietou-se a dois passos dele e se deixou ficar em completa imobilidade por algum tempo, ou, mais precisamente, até que a luz do dia vertesse do céu, ainda úmida e sonolenta, sobre a pele das coisas.

Percebeu que a porta do casebre estava entreaberta. Movido por uma curiosidade quase humana empurrou a folha com a cabeçorra e logo se viu no pequeno cômodo que João fazia de sala e cozinha. Presentiu que havia ali um cheiro que merecia confirmação. Apurou as narinas, espanejou a focinheira no ar e chegou prontamente a um veredicto: era sardinha; o cheiro vinha do alto de uma mesa, que era de tábuas de pinho. Sobre ela, além do peixe, vislumbrou um filão de pão velho despontando de um embrulho mal-ajambrado. O cachorro saltou sobre a mesa usando uma cadeira como degrau. Com a pata direita emborcou a lata de sardinha. Com a mesma puxou o filão e rasgou o papel que o envolvia. Comeu o pescado, lambeu a mesa e deixou muitas dentadas no pão duro. Seu bigode ralo, untado de óleo e com farelos de pão salpicados, atestava o delito. Roubara a comida. Nem por isso se deu por achado. Suspirou fundo, olhou em volta. Tudo dormia. O mundo era seu cúmplice. Sentia-se novamente restaurado. Saiu pela porta, pulou para fora da casa, saltando sobre o degrau em que João desabara, deu mais uns bons passos na direção de umas moitas de macega. Quando a distância era segura, derreou as pernas e ficou-se como um vigia de porta de cadeia. Em pouco tempo dormia.

O fiapo de sol começou a melindrar as pálpebras de João, até que a consciência o convocou. O latoeiro abriu os olhos, girou o pescoço e certificou-se de que se encontrava em sua casa. Na

verdade, não bem sua, pois sua não era, mas da viúva Diolanda, uma velha que alugava o terreno e sobre o qual ele ergueu, com madeira usada, pedaços de compensado e telhas de zinco, um barraco, que depois ganhou cimento no piso e quase nada de benfeitorias. A água que bebia e que de quando em quando se banhava descia desde a casa da velha em fio enrolado e retorcido, despejado em golfadas arfantes na pequena caixa d'água. Fora assim mesmo conquista dura, muito tempo almejada e só conseguida depois de uma prolongada negociação entre ocupante e senhorio, se é que se pode dar esses nomes públicos ao trato que quase sem palavras foi firmado entre ambos. Pois bem, o latoeiro vira que estava em sua casa, em seu barraco. Passou o dedo pelos dentes da boca e viu que os dentes que ontem lhe faltavam eram os mesmos que hoje lá não estavam. Quando entrou em casa e viu o serviço que o vira-lata fizera, soltou um palavrão, resmungou em seguida algumas frases incompreensíveis e continuou resmoneando mesmo quando abaixou o espinhaço na pia para molhar sua nuca.

O cachorro suspendeu as orelhas para ouvir parte dessa missa; se humano fosse, algo lhe diria que o conhecido o descompunha pela afronta, e que era mister que se precavesse. Como não era, desenrolou as pernas, esticou as juntas e veio chegando sem pressa até a porta do casebre.

João das Couves ouviu o fute-fute do andar do atrevido e pressentiu quando este introduziu meio focinho através da soleira da porta. Voltou-se, olhou bem para o animal e riu-se, provavelmente mais de si próprio do que da situação.

O cachorro assim mesmo recuou e bateu em retirada, escafedeu-se do lugarejo, atravessou os trilhos, ciscou pelas ruas de Misericórdia, e ao passar por uma casa toda cheia de alfaias e peças, reparou em algo que o atraiu. Do outro lado do jardim de mimosas, que separava da calçada a sala de estar da casa, em uma poltrona de braços gordos e macios, e acomodado sobre um disco de renda, um gato ronronava enquanto sua dona, talvez inspirada nele, também dormitava, com um terço nas mãos. O cachorro não teve dúvida. Atracou-se ao gradil da casa como um brutamontes arrebatado e provocou. Queria briga e era para já, não podia esperar mais um segundo nem postergar para outro dia. Com a arrelia da rua, o gato abriu os olhos, eriçou o

algodão dos pelos, vascolejou as cordas da goela, ganindo como chocalho de cascavel em poça d'água e sumiu casa adentro em seguida. Decepcionado, o cachorro ainda provocou mais, até regurgitar parte do ácido do estômago, que recebera pela manhã uma carga de água barrenta que não fora boa idéia. Desistiu da façanha e prosseguiu em seu caminho sem destino. Remexeu em latas, cortou o beijo em uma delas, mas acabou encontrando biscoitos e um resto de feijão gordo. Comeu, foi enxotado, foi apedrejado, mas saiu-se ileso e de barriga cheia outra vez.

Já se sabe que era domingo. E no domingo João trabalhava haja vista que não era cristão. Mas naquele, faltou-lhe propósito, faltou-lhe ânimo, faltou-lhe saúde. Deixou-se ficar resguardado do tempo, ora afiando uma faca na mesa de tábuas de pinho, ora na enxerga, com as mãos atrás da cabeça e uma vontade de pitar que não tinha há tempos. Foi na segunda-feira que sua vida voltou à mesmice de sempre. Pegou a carroça de manhã, meteu um saco de estopa na cabeça, cobrindo a testa e sobre ela a correia de couro cru que o ajudava a tracionar o veículo retesando a musculatura do pescoço e projetando o corpo para frente. Arreado a seu modo, como era de costume, João das Couves começava sua ronda: ia primeiro à oficina da ferrovia, passava pela Rua dos Fanqueiros e ia direto ao beco atrás da fábrica de máquinas agrícolas. Todos o conheciam. Sem pedir licença, revirava tudo, apropriando-se de sobras e rebarbas. Batia depois as ruas de Misericórdia, visitava as oficinas à beira da intermunicipal, ia até a transportadora de cargas. Quando a coleta era pouca, aproveitava a viagem e visitava o depósito de lixo municipal. Madeira seca e boa para lenha ele catava; para cozinhar, e principalmente para aquecer a fornalha. Catava também papelão, para vender, mas também para o forro precário de sua casa, sempre em reforma. Quando tinha algum dinheiro, comia no mercado, ou trocava ali mesmo o trabalho de duas horas por comida. Chegava em casa do meio para o fim da tarde. Descarregava, selecionava, empilhava. No outro dia fabricava coisas várias: ancinho, estribo e utensílios pequenos sob encomenda. Nesse caso usava o adiantamento do freguês e comprava o ferro da indústria. Fazia anzol, cinzel, martelo de funileiro, podão, caixas pequenas de guardar seringa de vacinação, marcadores de gado, bridões, peças de arado, argolas

de vaqueiro; reparava cangas de boi, recobria de lata rodas de carroça, tudo tosco, rebatido, repicado, cada um de um jeito, mas fazia e completava cada serviço. Somava os dois ofícios, já se vê, o de latoeiro e o de ferreiro; este último ele aprendera com o Gervásio, o melhor artífice do lugar, de quem foi ajudante na adolescência e por pouco não chamou de pai. Naquele tempo, não havia cavalo bem calçado na região que não tivesse passado por suas mãos, que ainda lembravam as de moça. Quando saiu da empresa de laticínios, homem maduro e intrigado, ganhou a bigorna e demais petrechos de seu instrutor, cujo coração não permitia mais o trabalho pesado. Num puxado ao lado da casa, juntou os dois ofícios: fazedor de lata, que intuía, e ferreiro, que um tanto sabia. Em tempos melhores, a cavalhada aguardava em fila indiana as ferraduras e os cravos de João. Meteu-se até a aprender solda, mas a freguesia não se animava a atravessar a estrada de ferro para contratar seus serviços. Com o tempo, desistiu da coisa.

Num dia qualquer, parecido com esse, o cachorro avistou o conhecido puxando a carroça. Achevou-se. João tinha acabado de receber uma encomenda, o adiantamento no bolso. Pensava em comer um bife com ovo e beber uma cerveja. Saboreava a idéia e estava lhano e manso como criança mamada, quando viu o cachorro. Com esse espírito, mirou nos olhos do outro e em vez de enxotá-lo estalou a língua e logo depois os dedos da mão. O cachorro arrancou de onde estava, achegou-se, mas parou a uma distância segura. João encheu o peito de ar resignado e jogou o corpo para frente. A carroça começou a rodar, chapinhando sobre o lamaçal da rua. O cachorro acompanhou a carroça com um trotar quase serelepe, ver no que dava.

Do mesmo modo que Misericórdia se acostumara a presenciar o carroceiro indo e vindo em sua azáfama diária, com o testa retesada no couro do arreio, a boca semicerrada, mas sem palavras ou cantoria, sorvendo o ar com penosa dificuldade nas subidas, habituou-se sem dificuldade a ver o acompanhante do João das Couves ora a seu lado, ora atrás, ora abrindo alas pelo caminho cujo trajeto já decorara; a trela gasta de meio metro

ainda no pescoço, a outra ponta solta, livre, arrastada pelo chão, ilustrando a caráter a fortuidade da relação entre eles.

Quando havia dinheiro, havia alguma comida, não que o latoeiro dividisse com o outro a pouca fartura do cotidiano. Na melhor das hipóteses o cachorro apoderava-se das sobras do prato; dos restos de alguma marmita deixados sobre as tábuas da mesa, ou, por vezes, valia-se do descuido do oponente para rapinar uma asa já desmembrada da carcaça, uma banana comida a meio, um pedaço de bolo de fubá da padaria do Castro, ou da do Tinho, que o latoeiro comprava e trazia para casa embrulhado invariavelmente em folha ordinária de papel grosso, com cheiro acre como o de formicida caseiro.

Na rua João repartia com desigualdade espiritual o filão de pão e arremessava a parte menor para o alto, para que seu acompanhante exibisse seus reflexos. Nem sempre, contudo, isso acontecia, mormente quando o piso era cimentado e limpo, como o de algumas calçadas de rua ou praça. Quando havia lama, o cachorro tinha, entretanto, outra atitude; para não ver seu lanche sujo de barro, aplicava-se com diligência no intuito de abocanhar o naco antes que este tocasse o barro ou mergulhasse numa poça d'água. Maldosamente o latoeiro provocava seu comensal nessas ocasiões; ameaçava atirar o pedaço em uma direção, aguardava que o cachorro alçasse seu corpo com todo o vigor na rota da recompensa, mas no derradeiro instante girava o pulso e mandava o projétil na direção oposta. Alguém que passasse talvez concluísse desavisadamente que se tratava de um jogo amistoso entre eles. Engana-se quem pensar assim. O latoeiro queria de fato submeter a seu arbítrio o novo companheiro, aplicar nele exatamente aquilo que intimamente considerava que a vida lhe infligira: a obrigação de muito e sempre lutar por quase nada. Intuíra com amargor -- mas jamais com crua e exata clarividência --, que o sofrimento de uma forma ou de outra o acompanhava todo o tempo em que estava sóbrio (e que quando sóbrio não se encontrava, nem por isso a dor deixava de existir, conquanto amortecida por um desfilar de ódios e doestos contra este e aquela, contra esta e aquela, contra si mesmo muitas vezes).

O cachorro precisava comer, a vida o treinara para jamais

deixar a oportunidade de ganho passar ao largo. Era nesse sentido um vitorioso. Se humano fosse diria para si mesmo que nada e nenhum entrave moral deveriam se erguer à frente dele, para impedi-lo de saciar fome e sede quando estas se manifestassem. Essa era a real índole da competição. E examinando-a por esse lado, talvez não fosse impróprio concluir que o cachorro levava vantagem, uma vez que ao cabo de alguns instantes de submissão alcançava seu desiderato. Por esse ângulo, era mesmo o que sucedia. Provavelmente por isso o folguedo ocorresse de raro em raro. No mais das vezes o destino da dupla se cumpria sem lances a destacar, sem gestos quase, quase sem ruído.

Com o passar dos dias o trabalho ocupava um espaço cada vez menor na vida de João das Couves. Seus dias perdiam os nomes que os diferenciavam. Havia dias longos entremeados de noites alarmadas que se atropelavam uns aos outros sob os auspícios da bebida; por vezes, no entanto, a carroça circulava, por vezes a oficina dava sinais de vida. Mas muito raramente alguém o procurava para alguma encomenda.

O cachorro socorria-se da vizinhança, já que comida quase não havia no barraco do latoeiro. No princípio safava-se com tais expedientes; começara a caçar ratos e preás, comia-os logo que os sacrificava, demonstrando um nojo quase humano pelo que era obrigado a fazer. Certo dia atravessou a ferrovia como quem está de mudança. Cansara-se de revirar os mesmos terrenos baldios, as mesmas latas de lixo. Estava decidido a arranjar-se em Misericórdia.

Na Sete de Setembro havia um açougue, ao lado dele uma casa de ração, e do lado desta, na esquina com a Travessa do Atropelado, um bar. Quando os três estabelecimentos se encontravam abertos aquele pedaço de rua era um mundo de cheiros que não passaria despercebido a um focinho canino. Quando a farmácia do outro lado da rua estava funcionando, esse mundo ficava ainda maior, às vezes melhor, às vezes pior, dependia do que o farmacêutico aviava. De qualquer modo, tudo aquilo era um convite prazeroso. Em vista do que o cachorro

decidiu que se abancaria por ali. Investiu primeiramente contra o bar. Achegou-se, acomodou as ancas sobre o calçamento defronte. Ergueu o focinho fotogenicamente e balançou-o como a uma batuta numa passagem de dois *staccati*. O Pignatelli mordia com dificuldade uma bala tofe. De hábito esbranquiçado e pálido, Pignatelli tinha a tez avermelhada pelo esforço dos maxilares e da língua. A guloseima fixara-se em dois molares superiores de tal modo que a paleta da língua nada podia fazer para descolá-la do esmalte dos dentes. No momento em que Pignatelli deparou o cachorro, já tinha metade da mão direita ocupada com a solução do problema; suas unhas sujas de gordura e enegrecidas de sujeira atacavam despudoradamente, e às cegas, o inimigo que ele próprio introduzira entre os maxilares. Ao ver que o animal o inspecionava, Pignatelli retirou a manopla da boca, enxugando-a em um pano de prato com certo constrangimento e desconsolo, haja vista que se dera conta subitamente de que o animal não era o único a testemunhar sua aflição (todos os comensais do estabelecimento pareciam torcer pelo sucesso da empreitada de Pignatelli naquele momento). O dono do bar já se preparava para armar-se de uma vassoura próxima no intuito de enxotar o bisbilhoteiro quando este principiou a latir, entremeando curtos uivos dolorosos a seu expediente de comunicação. Pignatelli recuou, buscando no círculo de beberrões um sinal de aprovação para o delito que estava prestes a cometer. Nenhum deles, contudo, veio em seu apoio. Um comensal, porém, que mordiscava uma coxinha, soprou um assovio ressecado e quase inaudível, para atrair a atenção do animal, atirando em seguida o pedaço do salgado que tinha nas mãos. O cachorro arrebatou a comida no ar. Mastigou-a lentamente. Enquanto mastigava, não latia. "Ora vejam: era fome", disse Pignatelli, depondo a arma, e volvendo, um pouco mais discretamente a seu problema dentário. Um outro deu de ombros e emitiu um som anasalado, muito provavelmente querendo dar a entender que estava ao corrente dos fatos. O sujeito que atirara a coxinha pediu a conta, pagou e saiu, sem olhar para ninguém.

"Como se chama", perguntou inutilmente o dono do bar dobrando-se sobre o balcão, como se dirigisse a uma criança. Fez menção de apanhar a ponta da corda que o cachorro tinha

ao redor do pescoço. O animal recuou.

"Ele não fala", disse um pinguço com os olhos vidrados em vermelho. E nessa interpelação não havia laivo algum de ironia. Apenas uma lastimosa constatação.

O cachorro, embora tenha provavelmente ouvido a pergunta, não se pronunciou como previra o pinguço. Segundos depois, voltou à carga. Sem dúvida queria mais. Desta feita latia mais fortemente, talvez porque considerasse insuportável a hipótese de não ser atendido. Mas foi. Pignatelli irritara-se com a bala tofe, cansara-se da fleuma pinguço; o cachorro aturdiu-o. Já que o cliente não podia ser posto na rua, ao menos Pignatelli podia colocar um ponto final nos latidos. Vistoriou a vitrine e escolheu um salgado inteiro, gordurento, de uma aparência doentia e insalubre, com o recheio escuro saindo pelas bordas; era com certeza o exemplar mais deplorável em exposição naquele dia. Atirou a guloseima no focinho do outro; deixou-o comer, lambuzar os bigodes brancos. Os olhos do animal, enquanto este comia, pareciam aquosos e opacos, como se as pupilas estivessem voltadas para dentro, apreciando até o último instante todos os detalhes da mastigação e ingestão do alimento. Quando o cachorro terminou e escancarou novamente a mandíbula ofegante, o dono do bar vibrou com decisão a vassoura no ar. Depois bateu-a no chão. Não satisfeito, ergueu-a novamente e martelou o cabo contra o tampo do balcão, de modo violento e persuasivo, diversas vezes. Agora era de verdade, dizia seu gestual; agora era para valer. O efeito se fez sentir nas pupilas caninas do adversário, que se tornaram sanguíneas novamente. Se humano fosse dir-se-ia que o animal compreendera naquele instante seus limites, e se dera conta de que seria oportuno partir. Foi o que fez.

O cachorro andou alguns passos, arrastando a famigerada trela; ainda tinha fome. Na calçada diante da casa de ração Hanashiro espreitava o movimento escasso da rua, e mais especialmente o cachorro. Presenciara o escarcéu que este fizera no intuito de ganhar o de comer. Sob o manto de sua impassibilidade amarela um descuidado nervo contraiu-se aplacando o riso que não veio à tona. A cena divertira-o. Retirou o olhar sobre o animal e lentamente virou-se na direção do vizinho Pignatelli. Este tinha os antebraços sobre o balcão, e

rolava no interior da boca um pedaço de fumo. Pressentiu que o comerciante oriental o encarava. Procurou os olhos do outro alguns metros distante e moveu a cabeça em cumprimento. Hanashiro correspondeu segundo o idioma de seu corpo. Enquanto isso, o cachorro cruzava sem pressa a frente do estabelecimento de ração. Cruzava como se calculasse, fizesse contas, avaliasse. Repentinamente sentiu um sopro forte no peito; o coração aos pulos: estava defronte ao açougue do Domício. O mostruário envidraçado exibia postas em profusão. Algumas ondulavam mansamente em ganchos enfileirados, empurradas pelo vento. O cheiro de carne acariciava seu focinho; dominava-o, arrebatava-o irresistivelmente.

Domício nesse momento estava de costas para a rua, descarnando uma peça com impaciência, o toco de cigarro quase apagando nos lábios. Foi quando o cachorro aplicou novamente o stratagem que dera certo com Pignatelli e principiou a latir e uivar. Era quase como se implorasse. Domício viu o bicho com o rabo do olho, e não quis prolongar a negociação. Com a faca de trinchar separou um pedaço de carne junto ao osso. Com outra tascou um pedaço embeijado numa ponta de costela, juntou um talo de boa gordura, fez um bolo e o lançou de costas para a rua. A carne não tocou o chão.

Nos dias seguintes, o cachorro andou sem paradeiro. Em nenhuma noite pousou no mesmo canto. Ora no terreno baldio junto à casa de Ermenciana, sua antiga dona, ora sob as azaléias bem podadas da casa do Tite, o sacristão, na rua detrás da igreja, ora na viela lateral da padaria do Castro, onde, além de abrigo seguro, sob um telheiro, safava-se roubando pão tresnoitado, que o comerciante separava em um cesto, para o orfanato. Certo mesmo era encontrá-lo diariamente na Sete de Setembro lá pelas onze, meio-dia. A coxinha do Pignatelli era sagrada. Às vezes, atiravam-lhe outros salgados. Ele não regateava. O açougue era sempre o coroamento da refeição, mas não ficava só nisso; o japonês da ração, quando estava de boa veneta, despejava numa lata velha de tinta uns caroços de comida de gato com data vencida. O cachorro beliscava antes ou depois dos outros pratos.

Com umas goladas de água, a ração crescia no estômago.

Um dia mastigava o de sempre no Pignatelli, quando chegou Domício à cata de uma branquinha. Confabularam olhando para o cachorro. E dessa confabulação surgiu a idéia de dar para o freguês um nome, já que não sabiam se tinha sido batizado. Domício não quis pensar muito. Que ficasse se chamando José. Era bom nome. Tinha um tio que se chamava assim, morto de chifrada no curral de corte do abatedouro municipal, justificou. Bom homem. Pignatelli achou mais fácil concordar e encerrar o assunto.

O cachorro passou a ser chamado de José. Não se incomodou com a novidade. Só atendia quando convinha. De qualquer modo seu canhestro nome humano se espalhou pelas redondezas do comércio. O primeiro sujeito que ouviu o apelido estranhou, sorriu com o canto encovado da boca, mas não esqueceu. Na primeira oportunidade passou adiante a informação. Outros fizeram o mesmo, pois o povo de Misericórdia apreciava discretamente o disparatado. Dentro de pouco tempo o nome do cachorro José era pronunciado por deleite e curiosidade nas redondezas. Crianças assobiavam para ele, depois de intimá-lo verbalmente a se juntar a elas. Atiravam-lhe guloseimas. Uma delas, singelamente, certa feita, derramou o todi da lancheira na tampinha da garrafa térmica e esticou os bracinhos gordos na direção do hirsuto, com a morna oferenda. José apreciou, lambeu a beíçola molenga com prazer, depois de emborcar o recipiente sobre a calçada.

Talvez tenham transcorrido desde que José se tornara freqüentador da Sete de Setembro algumas semanas; pouco menos de um mês é certo. A essa altura o cachorro reencontrou o latoeiro numa curva distraída. Ao vê-lo, João das Couves encarou com maus bofes o conhecido, nada disse, porém, e continuou tangendo sua carroça. José, que havia estacado logo que se apercebera de que entrara no raio de ação do outro, recuou uns bons metros. Como ainda não achasse a distância segura afastou-se espanejando o ar com o rabo que não tinha. Se José fosse humano e tivesse um humano confidente relataria que

naquele momento em que vira João se sentira confuso, pois experienciara um contraditório sentimento que acamava tanto o desejo de seguir o amigo como o de rejeitá-lo. Essa dúvida ficava muito bem refletida na tremura das orelhas, na vibração arrepiada das patas e no olhar entre declinante e desviante. De qualquer forma, o fato é que José volteou o quarteirão sem saber que decisão tomar, e ao rever o carroceiro que lentamente se afastava, seguindo sempre por uma rua de Misericórdia, foi em seu encalço. Fê-lo discretamente, não para alcançá-lo, nem para saudá-lo. Era como se intentasse vigiar matreiramente o outro. Ou, talvez, pretendesse tão-somente fazer de conta que não era um bicho vadio sem dono, posto que todo mundo podia ver bem que os pés descalços que iam a sua frente ordenavam peremptoriamente que ele os seguisse.

João das Couves experimentava ultimamente um estado quase constante de carraspana. Em intervalos breves, dispunha-se a trabalhar, mas seu espírito logo cobrava a recompensa que o vício entendia merecedor. O latoeiro depunha então os petrechos, abrandava a curiosidade nas coisas do trabalho, desviava-se do pequeno negócio, e penhorava sua energia ao tempo gasto do balcão. Às vezes, a meio do dia esquecia-se de que tinha a carroça pejada de ferro-velho, ou empenhada nalguma entrega que partira já com atraso de dias. O resultado já se sabe: o restante da jornada exauria-o até o limite de suas forças, arrancadas sabe-se lá de onde, para que lograsse voltar para casa, onde aluía sob o telheiro da oficina, ouvindo conclamos confusos que sua mente ditava, que referiam uma cobrança que esquecera de fazer, um troco de dinheiro que não pleiteara, um detalhe já esgarçado de um acordo que firmara, mas que freqüentemente emparelhavam protagonistas e interesses distintos da realidade.

Suas desavenças com os arquivos da memória agravaram-se muito nos últimos tempos. Da realidade vagamente apreendida ao delírio o passinho era assim pequeno. Um fiapinho adicional, mesmo que tênue, da branquinha cheirosa, agindo sobre seu labirinto cerebral era o bastante para fustigá-lo por inteiro e

embaraçar os cordames de sua mente. A cronologia dos acontecimentos traía-o de pronto e os figurantes do mundo imediato, quando evocados, tinham amiúde seus papéis embaralhados como cartas lançadas ao vento. A mulher que, a suas instâncias, apreçara o fumo pendurado numa vara, numa certa tarde, coisa que a bem da verdade era corriqueira por demais, ganhara, depois de uns tragos, as feições de Maria Elisete, e trazia a tiracolo, por cúmulo, como seu esmerado protetor, o Ditão. Este brandia uma escopeta de cano dourado e se interpunha entre a vendedora do fumo e o comprador. O latoeiro chegara a ouvir o disparo da arma, que estava apontada contra sua cabeça. Antes de morrer, voltou a si por instantes. Aliviou-se e apagou como uma vela acesa embicada na tina de água. Quando voltou do delírio, nem mais se lembrara que havia morrido de bala imaginária.

Naquele dia em que reencontrou seu amigo peludo, já havia esfregado os cotovelos no tampo do balcão do Petisco do Alaor, com a desculpa de entabular uma proposta de arrematar por um nadinha uma geladeira sem serventia que o proprietário encostara atrás da porta da retreta -- e estivera, uma horinha depois, no do Mendonça, onde bebeu sem desculpa alguma por mais duas horas, sem pôr a mão no bolso, até que o Onça, apelido do homem, deu um basta e cobrou o que o latoeiro consumira. O negócio entre os dois não foi ameno, mas resultou em um acordo. O acordo não interessa, basta que se registre que antes de ajuizar seu corpo aos arreios da carroça, à saída do estabelecimento, albergou a um canto, bem no fundo da carroceria, e bem protegida, uma branquinha embrulhada em jornal. Rumava para casa um tanto trôpego, cuspiendo por vezes sílabas a esmo, quando vislumbrou o animal com aquele pedaço de corda pendurado no pescoço, numa curva. Teve até que erguer o sobrolho para ver melhor, já que o bicho se encontrava na parte mais alta da rua. João grunhiu ao vê-lo, em consonância com os comandos disparatados de seu cérebro, mas logo reconheceu quem era. Continuou subindo, entretanto, na direção do topo, a partir de onde o caminho se abrandaria. Avançava agora com os olhos cerrados, a face vincada, aos arrancos. Quando o caminho se aplainou, levantou as pálpebras. O cão sumira, evaporara.

José seguiu o latoeiro discretamente. Parava quando este parava. Acelerava o passo quando este fazia o mesmo. Essa atitude de contenção estudada custava-lhe um bocado. Se humano fosse dir-se-ia que José afligia-se cada vez, à medida que a carroça avançava em direção ao Bairro das Couves. Será que era em virtude de não saber como João o receberia? Será porque a idéia de ser enxotado novamente era insuportável? O mais penoso disso tudo era agüentar a lentidão com que o latoeiro se deslocava, como se fizesse isso de propósito no intuito de retardar o acerto de contas entre eles. Quando aos trancos o transporte ultrapassou a linha do trem, o cachorro recobrou o ânimo, mas foi justamente aí que João deteve o passo, dobrou o tronco para diante, ajoelhou-se e vomitou no chão batido da rua do empório. Justino viu. fez menção de ir em socorro, mas recuou quando percebeu que o conhecido logo se firmara sobre os pés novamente e pusera a carroça em movimento. João só parou nas proximidades do alpendre da casa. Nesse ponto desencilhou-se, despenhando sobre os degraus da escadinha.

José ficou uma hora aguardando os acontecimentos, um movimento que fosse. Ao cabo desse tempo, doíam-lhe os músculos. Eriçou-se então, volteou o rabo memorial, seguiu um zumbido que vibrou em seus ouvidos provocativo, chegou mesmo a latir para o alto, como se um fantasma o tivesse espicaçado. Como João não parecia incomodar-se com o movimento ao seu redor, José esmerou-se. Atacou em seguida com fúria um pintassilgo que distraído pousara perto de seu focinho atraído por um capinzal; foi depois até o portão da oficina e urinou na coluna de madeira que sustenta a mão francesa do beiral do telhado, levantou poeira no terreiro à frente, embaralhou uma coluna militar de formigas, pisoteou uma barata cascuda, muito hípica, que trotava sobre o pedrisco junto ao poço velho, latiu outra vez para limpar o travo seco da garganta, saltou na ânsia repentina de morder um jato de luz esfumaçado, que entrava por uma fresta do casebre, mas logo cansou. Juntou então os membros num embrulho complicado, e fez desabar verticalmente a paleta do queixo sobre as patas em cruz, como guindaste em fim de jornada. Hora e pouco ficou assim. Se pensasse como os humanos diria para si mesmo que

estava em sua casa. Cuidava dela e do dono, que dormia confiante e tranqüilo.

João das Couves mexeu-se. Ainda não sabia onde estava. Mas já sabia que o tiro do Ditão não o havia acertado. Na próxima não daria chance ao inimigo. Atiraria primeiro. Precisava limpar a arma. Onde estava ela? Agora, não. Agora precisava beber. Virou-se, a luz do dia poente passou brandamente sobre seu rosto, como um derradeiro afago de mãe antes de partir. Nisso notou a presença do cachorro, que também se apercebeu de que João sabia que ele estava ali. José aproximou-se titubeante, até que estancou a um metro do outro. Naquele momento, João odiava tudo. Se tivesse força e coragem incendiaria o mundo à volta. Mas não tinha nenhuma dessas qualidades que os destemidos têm no auge de seu desespero. Fez o mais fácil para seus dotes humanos: chamou José com um estalo de dedos, convidando-o a se aproximar mais. Quando este ficou ao alcance, o carroceiro agarrou uma tábua solta do piso do alpendre e vibrou a arma contra a nuca do animal, que caiu estonteado, mas ainda consciente de que era preciso fugir dali.

José esboçou um movimento de fuga, mas foi insuficiente: outro golpe abateu-se sobre ele, agora sobre o espinhaço. João tentou atingi-lo novamente, mas suas pernas cederam e ele desabou desacordado. José arrastou-se alguns metros, os quartos traseiros inermes, as patas da frente trêmulas, cavoucando o ar antes de esmorecerem ao contato com o chão firme.

João das Couves recobrou os sentidos pouco depois. A custo ergueu-se sobre os cotovelos, descolou as pálpebras rameletas e deparou o malho ensangüentado que estava junto de seu corpo. O chão de tábuas de pinho distendia-se ondulante e tosco exibindo aqui e ali cabeças de pregos enferrujados como um xilofone macabro. Penou para chegar até a carroça, onde pegou a garrafa de cachaça e voltou ao degrau do alpendre. Destampou a rolha e bebeu.

No matagal José espreitava e ao mesmo tempo gemia. Se humano fosse dir-se-ia que seu gemido era fruto de coisas abstratas, como o desamor humano, e concretas como a chibata;

feito de pesar, perplexidade e dor, que aumentavam à medida que recobrava paulatinamente a consciência de tudo o que acontecera. Por que motivo apanhara? Porque saíra como fugitivo em busca da comida que em casa não havia? Ou porque voltara e ali era indesejado? A dor o imobilizava. Seria difícil discernir se José penava mais pelo temor de nova surra, ou se devido ao sofrimento físico. Do lado da cabeça sentia uma pressão difusa e percuciente. Ali o sangue coagulava; se humano fosse, teria a humana impressão de que parte dela estava embebida em uma substância graxosa, fétida e corrosiva. Uma varejeira debatia-se ao redor do sangue pisado, pouco acima do olho esquerdo. Seus nervos faciais desentendiam-se e a mosca refocilava-se.

A lua avançava sobre o matagal, desvencilhando-se dos galhos e folhagens. Logo lambrecou o focinho do animal com pinceladas prateadas. José gemelicou. Tudo em seu corpo doía, e tudo ao redor dele parecia concorrer para debilitar suas energias. Respirava com dificuldade e toda vez que inalava sentia dores. Se pudesse dormir seria um alívio, mas algo lhe dizia que era preciso resistir. Escutara há pouco os passos cambaleantes de João, entre a carroça e o casebre. Ouvira-o beber, e ao ouvir isso teve sede.

João das Couves, entretanto, não conseguiu beber mais que um ou dois goles. A ingestão do líquido não trouxera qualquer reconforto ao latoeiro; ao contrário, sentira imediatamente que suas entranhas queimavam e o fogo alastrava-se soprado por um fole incansável. As labaredas subiam, escalavam o esôfago, repinicavam como agulhas em seus ouvidos como se pretendessem forçar a pele dos tímpanos para fora. Seu coração atroava, vibrando sob as têmporas.

Noite alta, José, que não resistira e acabara por dormir, abriu brandamente os olhos. Com a pata esfregou a cabeça e as orelhas. A varejeira fartara-se e fora embora. Grilos cantavam em bandos enfiados mata adentro. O trem da meia-noite passava à frente da cancela e Eufrasino batia a matraca com alento, só parando quando o último vagão desapareceu na curva. De

repente um silêncio de pedra invadiu tudo. Apesar da dor, que com ele acordara, José voltou a dormir até que a manhã começou a brotar por trás de umas ondulações da serra.

João ouvira a matraca de Eufrasino esbater-se contra o delírio do sonho com tanta gravidade que acabou acordando. Abriu os olhos com dificuldade. A irritação ocular que o acompanhava há dias se havia transformado em processo inflamatório, e agora supurava. Pelo barro lanoso da pele descia um pus amarelento. João passou o dorso da mão contra as pálpebras inchadas. O pus espirrou por todo seu rosto e ele sentiu uma substância pegajosa aderindo à mão e à pele. Acabaria cego, pensou. Repetiu para si mesmo algumas palavras de ordem, mas em poucos segundos perdeu a consciência. Quando a manhã chegou e o sol debruçou-se por instantes sobre os outeiros ao redor de Misericórdia, João ainda estava lá, inerte nos degraus do alpendre. Logo em seguida, nuvens se encontraram sobre os campos e depois uma bruma sem brilho recobriu tudo.

José tinha sede. Mas como saciá-la se o córrego ficava no fundo da mata e ele mal podia se mover. Teve medo. Uma aflição funda. Procurou através da galhada enxergar a casa de João. Logo conseguiu identificar o contorno das coisas, auxiliado por uma luz acinzentada e sem brilho que gotejava do céu. O carroceiro ainda estava lá, deitado quase no mesmo lugar em que caíra horas atrás. Se José se movimentasse cautelosamente, sem fazer barulho algum, talvez pudesse chegar até o curso de água sem que João tomasse tento de sua presença. Se humano fosse José se iludiria com o pensamento singelo de que se tivesse sucesso na tentativa de alcançar o córrego, toda sua vida estaria salva para sempre.

A viúva Diolanda passou à porta de João das Couves um par de dias depois. Viera receber o seu aluguel. Foi ela quem, juntando as economias parcas e vendendo na bacia das almas uns tantos pertences do inquilino, encomendou o enterro. Não saiu perdendo, pois acabou mais tarde vendendo o restante com mais calma e malícia, embolsando algum dinheiro que calhou

bem; além do mais, com o auxílio sempre bem-vindo do Justino, conseguiu um caixão de pinho que a prefeitura tinha de reserva para a moribunda mulher do prefeito, que teimava em não morrer, e dentro dele enterrou às pressas o carroceiro, que já estava servido em banquete de vermes.

Tudo foi feito a galope, mas com dignidade, e João das Couves foi ligeirinho descansar no Cemitério que levava o nome da comarca. Assim mesmo, o evento foi concorrido, pois era o segundo enterro da cidade naquele ano, e o ano já estava prestes a findar.

José frequenta muito o comércio da Sete de Setembro. Arrancha-se por lá durante o dia. Quando chega a tardinha, despede-se a seu modo, sobe até o cemitério e ali pernoita, vigiando a cruz fincada no chão, debaixo de onde João descansa em paz. Pignatelli foi até o local uma noite, verificar se era verdade, ou invenção do coveiro; José estava lá, de fato, instalado justamente sobre a cova, com as patas, por assim dizer, sobre o peito do defunto.

Ao constatar a presença de Pignatelli, José não permitiu que este se aproximasse, embora tivesse sido justamente o dono do bar quem cuidara de seus fermentos. Domício quando soube achou a atitude de José razoável e até louvável. Mostrava rara dignidade. Hanashiro, que é de opinião que os animais são seres muito práticos, entende que José quer apenas assegurar-se de que João das Couves dali não sai mais para fazê-lo sofrer. "Notaram que nem a cordinha do pescoço ele tem mais? É cão sem dono, aprendeu a viver em liberdade, como nós."